



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

FOTOJORNALISMO PARAIBANO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS
FOTOGRAFICAS PREMIADAS

Flora Constance Moura Fernandes

João Pessoa - Paraíba

2018

Flora Constance Moura Fernandes

FOTOJORNALISMO PARAIBANO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS
FOTOGRAFICAS PREMIADAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Regina Moura

João Pessoa- Paraíba

2018

FLORA CONSTANCE MOURA FERNANDES

Dissertação intitulada **Fotojornalismo paraibano: uma análise de três peças fotográficas premiadas** apresentado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foi _____ pela banca examinadora.

PROF^a DRA^a SANDRA REGINA MOURA- UFPB

(Orientadora)

PROF^a DRA^a ZULMIRA NÓBREGA PIVA DE CARVALHO- UFPB

(Membro)

PROF^o DR^o SILVANO ALVES BEZERRA DA SILVA- UFMA

(Membro)

João Pessoa, ____/____/2018.

Oferecimento plasmado no amor, em memória da minha querida mãe,

DEDICO.

Agradecimentos

Agradeço inicialmente às pessoas que me trouxeram ao mundo e me deram a melhor coisa que existe: o amor. José David Campos Fernandes e Maria Onilma Moura Fernandes (*in memoriam*) estarão sempre presentes em minha vida e sou eternamente grata por toda educação que me proporcionaram.

Aos meus irmãos, Yasmin Fernandes e Aleksandr Fernandes, que estão comigo nessa caminhada da vida, me apoiando em todos os momentos, e incentivando a ser uma pessoa melhor.

À minha família, que abranjo o agradecimento para avôs, tios, primos, que sempre estão na torcida pelo meu sucesso.

À Zulmira Nóbrega, coordenadora e amiga, que me acompanha desde a graduação com várias lutas em prol do curso de jornalismo. O destino quis nos unir novamente no mestrado em jornalismo para compartilharmos tantos outros momentos fortalecendo esse elo. É o coração do PPJ, que tanto nos orgulha.

À minha orientadora Sandra Moura, que está presente em minha vida desde a infância, compartilhando muitos momentos dentro e fora da academia. Obrigada por todo o apoio e compreensão durante esse processo.

À Silvano Bezerra, que trouxe grandes contribuições, ensinamentos, conselhos, que estarão gravados em mim para sempre. Obrigada.

À Mary Echeveste, que sempre me recebeu na coordenação do programa com muito carinho, agradeço demais.

Aos fotógrafos Mônica Câmara, Rizeberg Felipe e Francisco França, que foram objeto deste trabalho, agradeço não só pela possibilidade de estruturar, como também pela inspiração e incentivo para que eu fizesse um trabalho relevante no mundo acadêmico.

Aos meus amigos, aqueles que estiveram comigo em todos os momentos, me dando todo o suporte. Em especial a Luan Barbosa, meu companheiro da vida, que o universo uniu para me trazer tantos momentos felizes e que sem dúvidas, foi de fundamental importância nesse processo. Agradeço a Alex Backer, Anderson Moura,

Anderson Luiz, Anne Nunes, Leogildo Alves, Pollyana Felix, Lee Pinheiro, Thiago Figueiredo, Rodrigo Ramalho, Natália Dantas, Emily Tavares, Jessyka Queiroga, Danillo Bandeira, Tallyta Alcântara, Bruna Fernandes.

Aos meus colegas do mestrado que se tornaram amigos nessa jornada: Marcelo Henrique Andrade, Adriana Costa, Leonardo Burgos, Pedro Paz, Alline Lima, e Lorena Andrade.

Muitas pessoas foram de fundamental importância para que eu chegasse até aqui. Sou eternamente grata por ter a oportunidade de conviver e de tê-las em minha vida, sempre me apoiando, aconselhando e dando forças para seguir.

Gratidão!

RESUMO

Percebemos que a linguagem visual ganhou força em diferentes espaços, são imagens, gráficos, desenhos e símbolos a todo instante transmitindo informações e levando os veículos de comunicação a se adaptarem associando a linguagem visual à verbal. A pesquisa que aqui se apresenta tem como estudo o fotojornalismo paraibano e toma como seu objeto empírico três fotógrafos de reconhecida notoriedade no meio jornalístico: Francisco França, Mônica Câmara e Rizemberg Felipe. A intenção desta pesquisa é por em evidência e analisar as relações sógnicas que se fazem presentes em fotos publicadas em jornais, assim como verificar os sentidos que essas fotografias manifestam e o teor estético que elas tratam. Além disso, apresenta a teoria da semiótica de Peirce, introduzindo a semiótica social de Kress e van Leeuwen (2000) adotada para a análise de imagens fotográficas.

Palavras-chave: Fotojornalismo paraibano; Gramática Visual; Francisco França; Mônica Câmara; Rizemberg Felipe.

ABSTRACT

We perceive that visual language has gained strength in different spaces, are images, graphics, drawings and symbols at all times transmitting information and leading the media to adapt by associating visual language with verbal. The research that is presented here has as study the Paraguayan photojournalism and takes as its empirical object three photographers of recognized notoriety in the journalistic milieu: Francisco França, Monica Câmara and Rizemberg Felipe. The intention of this research is to highlight and analyze the signic relationships that are present in photos published in newspapers, as well as to verify the senses that these photographs manifest and the aesthetic content that they treat. In addition, he presents Peirce's theory of semiotics, introducing the social semiotics of Kress and van Leeuwen (2000) adopted for the analysis of photographic images.

Keywords: Photojournalism in Paraíba; Visual Grammar; Francisco França; Monica Câmara; Rizemberg Felipe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Francisco França.....	26
Figura 02 – Mônica Câmara.....	26
Figura 03 – Rizemberg Felipe.....	26
Figura 04- Quadro ou caixa: participante.....	47
Figura 05-Quadro- seta- quadro.....	48
Figura 06- Seta- quadro.....	48
Figura 07-Quadro-seta-quadro.....	48
Figura 08 – Estrutura básica da Gramática Visual.....	49
Figura 09 – Ator- meta- estrutura transacional.....	49
Figura 10 – Atores- Estrutura não- transacional.....	49
Figura 11 – Interatores- Bidirecional. Estrutura transacional.....	50
Figura 12 – Reator- transacional.....	50
Figura 13 – Reator- Não transacional.....	51
Figura 14 – Reator processo transacional.....	51
Figura 15 – Reatores- bidirecional- Processo transacional.....	51
Figura 16 – Processo verbal.....	52
Figura 17 – Processo mental.....	52
Figura 18 – Classificacional.....	53
Figura 19- Processo simbólico atributivo.....	54
Figura 20- Processo simbólico sugestivo.....	54
Figura 21- Processo analítico estruturado.....	55
Figura 22- Processo analítico desestruturado.....	55
Figura 23- Contato- Demanda.....	56
Figura 24- Contato- Demanda.....	56
Figura 25- Contato- Oferta.....	57
Figura 26- Distância Social- Plano fechado (close up)	57
Figura 27- Distância média.....	58
Figura 28- Distância longa.....	58
Figura 29- Ângulo frontal.....	58

Figura 30- Ângulo Oblíquo.....	59
Figura 31- Câmera alta ou ângulo alto.....	59
Figura 32- Câmera alta ou ângulo alto.....	59
Figura 33-Câmera baixa ou ângulo baixo.....	60
Figura 34-Câmera baixa ou ângulo baixo.....	60
Figura 35-Câmera nivelada ao olhar do observador	60
Figura 36-Utilização da cor.....	61
Figura 37-Contextualização.....	61
Figura 38- Iluminação.....	61
Figura 39- Brilho.....	62
Figura 40-O dado conhecido.....	63
Figura 41- Valor de informação.....	64
Figura 42- Saliência.....	65
Figura 43- Estrutura fraca- conexão.....	66
Figura 44- Estruturação forte- desconexão.....	67
Figura 45- Urubu rei.....	70
Figura 46- Filhos do lixão.....	76
Figura 47- O amor é o dom maior. Ame!	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Relações signo x Objeto x Usuário	41
Quadro 2- As metafunções.....	45
Quadro 3- Baseado em Barbosa.....	63
Quadro 4- Metafunção representacional.....	75
Quadro 5- Metafunção interativa.....	75
Quadro 6- Metafunção composicional.....	76
Quadro 7- Metafunção representacional.....	81
Quadro 8- Metafunção interativa.....	81
Quadro 9- Metafunção composicional.....	81
Quadro 10- Metafunção representacional.....	87
Quadro 11- Metafunção interativa.....	87
Quadro 12- Metafunção composicional.....	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
-----------------	----

CAPÍTULO 1

1. AMBIÊNCIAS DO FOTOJORNALISMO.....	20
1.1 JORNALISMO E FOTOGRAFIA.....	20
1.2 OS FOTOJORNALISTAS.....	26
1.2.1 Francisco França.....	26
1.2.2 Mônica Câmara.....	27
1.2.3 Rizemberg Felipe.....	28
1.3 O TEXTO VISUAL	29
1.4 O PROCESSO FOTOGRÁFICO.....	32
1.5 USOS JORNALÍSTICOS DA FOTOGRAFIA.....	34

CAPÍTULO 2

2. SEMIÓTICA DE PIERCE NA FOTOGRAFIA.....	37
2.1 OS POLOS DO SIGNO.....	38
2.2 FOTOGRAFIA E SEMIÓTICA.....	39

CAPÍTULO 3

3. GRAMÁTICA VISUAL E FOTOGRAFIA	44
3.1 A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL.....	44
3.2 METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL.....	46
3.2.2 Representações narrativas.....	47
3.2.3 Representações conceituais.....	52
3.3 METAFUNÇÃO INTERATIVA.....	55

3.2.2	Contato.....	55
3.2.3	Distância Social	57
3.3	METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL.....	62
3.3.1	Valor de informação.....	62
3.3.2	Saliência.....	65
3.3.3	Estruturação (enquadramento)	65

CAPÍTULO 4

4.	O DISCURSO IMAGÉTICO	68
4.1	ANÁLISE: URUBU REI.....	70
4.1.1	Representação.....	72
4.1.2	Interação.....	73
4.1.3	Composição.....	74
4.2	FILHOS DO LIXÃO.....	76
4.2.1	Representação.....	77
4.2.2	Interação.....	78
4.2.3	Composição.....	80
4.3	ANÁLISE: O AMOR É O DOM MAIOR! AME.....	82
4.3.1	Representação.....	83
4.3.2	Interação.....	84
4.3.3	Composição.....	86
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
	REFERÊNCIAS.....	91
	APÊNDICE 1.....	93
	APÊNDICE 2.....	102
	APÊNDICE 3	111

INTRODUÇÃO

A pesquisa que aqui se inicia tem por objeto de estudo o fotojornalismo paraibano e toma como seu objeto empírico três fotógrafos de reconhecida notoriedade no cenário paraibano. A intenção desta pesquisa é por em evidência e analisar as relações sîgnicas que se fazem presentes em fotos publicadas em jornais impressos, verificar os sentidos que essas fotografias manifestam, além do teor estético que delas brotam. Compreendemos que as fotografias produzidas e veiculadas não só consolidam os fatos e eventos submetidos ao tratamento jornalístico, como apresentam condições de gerar efeitos estéticos. Além disso, o estudo do fotojornalismo é importante fonte de informações desdobráveis em diversas direções, que se oferecem às leituras e avaliações semióticas.

Podemos observar que houve transformações significativas no papel da imagem nos processos jornalísticos com o advento do fotojornalismo, alterando as relações que os jornais estabeleciam com seus leitores. Acreditava-se que por intermédio da fotografia criariam um maior grau de veracidade e confiabilidade aquilo que veiculavam. No âmbito do jornalismo essa é uma das crenças que admite que a imagem seja “cópia fiel dos acontecimentos”, e que, portanto, através das fotografias a objetividade jornalística ganharia um aliado.

Ocorre que o trabalho fotojornalístico envolve uma reflexão da relação existente entre o real e a respectiva mensagem produzida. Essa representação da realidade surge em todas as formas comunicativas, principalmente com as que visam documentar recortes da realidade, como as reportagens jornalísticas. O senso comum costuma atribuir verdade à fotografia que acaba sendo considerada um verdadeiro documento. Não é a toa que desde o início a fotografia foi usada como prova judicial e de identificação de pessoas, e isso se dá em grande parte por ser um aparato técnico.

Constrói-se, então, uma performance relacionada a fotografia, pois estabelece um contato físico com o leitor, canal que torna possível a relação significativa e que materializa um processo de leitura. Há outra dimensão relacionada à construção de sentidos, que são os efeitos estéticos gerados. No nosso caso, as peças fotojornalísticas encontram no estético um dos seus mais importantes suportes comunicativos.

O leitor está voltado para a apreensão de significados, mediados por um discurso imagético, estabelecidos pelo produtor do texto. Esse produtor de texto, autor, introduz o discurso imagético não só através de elementos que produzam sentido, como também aqueles capazes de movimentar emocionalmente o seu leitor, que está disposto a interpretar e compreender, agindo diante do texto, e podendo mudar a sua percepção. Estamos apontando para uma afinidade entre leitor e o espaço em que se instalou, pensando nos significados e sentidos em sua leitura. É interessante pensarmos que “a máquina fotográfica industrializada teria democratizado o *olhar como expressão*, e seria necessário fazer justiça a essa democratização estética dignificando aqueles que seriam os seus porta-vozes”. (MAMMI,2008, p.56). Dessa maneira, a imagem em sua sintaxe própria torna-se capaz de determinar o valor emocional e adequação de sentidos particulares.

É importante ter em vista, que há uma específica organização das peças fotojornalísticas, que solicita estudarmos a articulação entre texto e imagem e entre imagem e imagem. Apontando tais diferenças, detemo-nos sobre o material empírico que constitui o *corpus* deste trabalho, e sobre o qual aplicaremos o instrumental de análise, que são as peças fotojornalísticas. Os repórteres fotográficos analisados buscam transmitir a informação de maneira “poética”, fugindo do modelo sensacionalista e sangrento que assola o jornalismo. Para eles, a fotografia deve ser entendida como transformadora, instrumento de educação e mudança social. A possibilidade de ler uma imagem e se emocionar com ela na nossa cultura é tão importante quanto a de ler um texto verbal. Temos como objetivo central deste trabalho o estudo de diferentes operações que estruturam os sentidos da mensagem das peças fotojornalísticas e da sua intensidade estética, levando em consideração a organização e o funcionamento no âmbito dos processos midiáticos, tendo em vista a importância desta modalidade nas interações entre produtores e receptores de mensagens.

Com as profundas modificações na esfera econômica e relações internacionais, que expandem os sistemas midiáticos promovendo mudanças culturais nunca experimentadas anteriormente, trouxe como necessidade ao fotojornalismo lidar com o diferente, com a pluralidade que está cada vez mais presente nas mídias. Quando estamos diante de textos imagéticos, constatamos fatos ou acontecimentos, que normalmente iremos reagir ao que está sendo exposto, aliado a temáticas que nos

sensibilizam mais, como: diversidades, identidade étnica, feminismo, e outros sujeitos de direitos que são de fundamental importância nos dias atuais.

Compreendemos nesta pesquisa que as peças fotojornalísticas são práticas discursivas, e podem ser submetidas à apreensão e análise dos instrumentos de comunicação, que orientam e determinam não só os seus sentidos, como também as reações estéticas que podem produzir. O âmbito do fotojornalismo nos oferece a atividade de leitura, e interpretação investigativa para que saibamos os modos específicos de estabelecer comunicação. É dessa vivência midiática, impacto social, e força que desponta nosso propósito de submeter os materiais fotojornalísticos para análise.

Podemos reconhecer o fotojornalismo como linguagem, mas quais são os elementos que estruturam a produção de sentidos e seus efeitos de natureza estética? Com essa questão verificamos ao longo da pesquisa de que maneira é possível estabelecer conexões entre estrutura linguística e estrutura icônica nas peças fotojornalísticas, se a imagem interage no processo de produção de sentidos, e que elementos intrínsecos ao fotojornalismo lhe garantem legibilidade, além das operações estéticas em contato com essas peças fotojornalísticas.

A pesquisa em questão se justifica, em primeiro lugar, por existirem poucas pesquisas na área referente ao fotojornalismo paraibano. Ao analisarmos as pesquisas relacionadas a essa temática, verificamos que na bibliografia nacional temos poucos pesquisadores, nos deparamos com a pouca quantidade de títulos, e principalmente se usarmos um filtro para o assunto em âmbito regional. Percebemos um esforço maior para estudos em plataformas de linguagem verbal, escrita e falada. Lúcia Santaella (2001) fala sobre a ausência das teorias visuais, por constituírem um sistema semiótico não possuem recursos para explicar a si mesmo, diferente do sistema verbal, trazendo complicações para a análise de sistemas imagéticos, como fotografia, pintura, cinema, entre outros.

A segunda justificativa se dá pelas possibilidades de descobertas que o estudo aponta, de poder desvendar assuntos relacionados a um tema que é pouco abordado no âmbito acadêmico, e dessa forma, motivando que despontem novas iniciativas de estudo na área. Do ponto de vista do jornalismo, move-nos a necessidade de pôr às claras aspectos, processos e relações fundamentais do universo da fotografia, que são de

importância, principalmente pelo papel que exerce junto aos leitores, a leitura e os aspectos estéticos que produz.

Explorar a mecânica semiótica, e os efeitos de sentido gerados pelas peças fotojornalísticas, integram-se, pelo que entendemos ao fluxo estabelecido pelo Programa de Pós Graduação em Jornalismo da UFPB, uma vez que os objetos empíricos que trabalharemos são de natureza midiática.

A fotografia é abordada como um produto de comunicação e cultura, que vejo como necessária para estudantes que terão que lidar com imagens, seja criando estratégias, estudando seus fluxos ou reaprendendo a ler e pensar através das imagens. Estudar a imagem é perceber seus efeitos, não é o que está mais evidente que deve chamar a atenção, mas suas possibilidades e potencialidades. A escolha desse tema de pesquisa se deu por uma série de inquietações ligadas a minha experiência com a fotografia. Dessa forma, julgo a pesquisa que aqui se apresenta como importante e relevante para a minha formação como pesquisadora.

Além disso, pensando em desdobramentos futuros que extrapolam o espaço desta investigação, acreditamos que este tipo de análise é importante para aqueles que trabalham com construção imagética, que entendam para além da fotografia, que há sempre um sentido se estruturando no interior do trabalho que se faz com esses signos.

Compreendemos também que a teoria semiótica Peirceana fornece instrumentos capazes de permitir a interpretação e análise do nosso material de pesquisa. E possibilita estabelecer articulações com outros estudos, como é o caso, a Gramática Visual de Gunther Kress e Theo van Leeuwen, incluindo-as de forma estruturada em processos geradores de significados. Ao selecionarmos uma imagem para publicar, temos que considerar além de seus aspectos técnicos, seu conteúdo sócio-político-cultural- ideológico. Podemos dizer que a imagem, em específico a fotojornalística, é um texto, e é dessa forma que a teoria peirceana a percebe. Utilizaremos em nossa pesquisa a teoria geral dos signos, a semiótica, para investigar o universo dos materiais sígnicos, as relações e os processos semióticos presentes nas situações comunicativas.

Optamos pela fundamentação semiótica, pois esta ciência possui um quadro teórico-metodológico capaz de dar conta do fluxo de nossa pesquisa. Permite, pela variedade de suas tipologias teóricas e analíticas, avaliar as relações específicas

presentes nas peças fotojornalísticas. “a semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significados e de sentido” (SANTAELLA, 1985, p.2)

Podemos argumentar que a teoria é intrínseca tanto a prática da fotografia como ao compromisso diário para com ela. Sabendo disso ou não, as pessoas já são semiologistas. Por exemplo, quando encontramos alguma pessoa nova, de imediato avaliamos com base em sua aparência, vestimenta, voz, jeito de se comportar, isto é, nós a “lemos” como um conjunto de sinais, como um texto. Isso é semiótica. É também dessa forma que lemos uma fotografia rapidamente, e tudo mais. A teoria oferece uma série de ferramentas para destrinchar esse processo em detalhes, podendo melhorar nossa compreensão de como e por que uma fotografia funciona e o que significa.

Dessa forma, por meio da ligação entre semiótica Peirceana e Gramática Visual buscaremos analisar de que maneira, e por quais possibilidades, as peças fotojornalísticas produzem sentidos, e encaminham reações de natureza estética. Percebemos, além destes recortes teóricos, que outro elemento merece destaque: a perspectiva pragmática que eles tratam. Através do viés pragmático a produção signica é concebida como elemento que executa a ação e reação, pressupondo que há um agente que “diz” e um reagente que “recepção” e reage. A investigação semiótica pragmática considera os signos em três dimensões: um produtor, um texto e o leitor.

Assim, o capítulo 1, apresenta uma breve abordagem sobre o fotojornalismo paraibano, relacionando as vivências de três premiados fotógrafos paraibanos em suas atuações em jornais do estado, destacando o trabalho fotojornalístico, setor com importância na atividade noticiosa e ao sistema midiático. Abordaremos também o visual na fotografia, a importância do olhar humanizado para compor as temáticas presentes no cotidiano das redações dos jornais.

No capítulo 2 abordaremos uma introdução à teoria semiótica, mostrando como o estabelecimento de um sentido para uma foto pode ser entendido como um processo de leitura. Para que as fotografias ganhem um sentido, é importante que possamos compreender a natureza do meio e sua evolução. A maneira como lemos uma fotografia é determinada significativamente por características específicas do processo como por nossa compreensão de tal processo.

O capítulo 3 discute a Gramática do Design Visual, a aplicabilidade dos aspectos e elementos sintáticos, e como encaminham os elementos de sentido, fatores importantes para a observação das imagens fotojornalísticas e seus efeitos. As peças fotojornalísticas utilizadas para a compreensão da teoria são registros dos fotógrafos paraibanos Rizemberg Felipe, Francisco França e Mônica Câmara.

Reservamos ao capítulo 4 a análise e interpretação das imagens que fazem parte do *corpus* da pesquisa. Através das peças fotojornalísticas dos fotógrafos paraibanos podemos evidenciar a aplicação da semiótica e da Gramática do Design Visual. Escolhemos três fotografias premiadas, uma de cada fotógrafo, que foram publicadas em jornais impressos e premiadas.

CAPÍTULO 1

1. AMBIÊNCIAS DO FOTOJORNALISMO

Neste capítulo, faremos um breve relato da história da imprensa e da fotografia na Paraíba. Além disso, abordaremos o fotojornalismo a partir das experiências e vivências de três premiados fotógrafos que atuaram em jornais de grande circulação no estado da Paraíba, Francisco França, Rizemberg Felipe e Mônica Câmara. De maneira aplicada, os destacaremos pelo trabalho, compreendendo a relação entre repórteres fotográficos e fotojornalismo além da visão fotográfica, que traçaremos uma conexão para os objetivos desta pesquisa. Os fotógrafos citados permanecem no campo da fotografia e colaboraram de maneira efetiva na identificação das imagens com relatos detalhados dos acontecimentos registrados por eles, tendo em vista o contexto de cada fato noticiado.

1.1 JORNALISMO E FOTOGRAFIA

De acordo com Araújo (1983), o primeiro jornal a ser publicado na Paraíba, denominou-se *Gazeta do Governo da Paraíba do Norte*, em 16 de fevereiro de 1826, impresso na Typographia Nacional da Parahyba, administrada pelo inglês Waller S. Boardman. Nessa época o coronel Alexandre Francisco de Seixas Machado era o presidente da Província da Paraíba, fundando o jornal e tornando-o órgão oficial da sua gestão. Teve circulação até fevereiro de 1827. Existe também uma outra hipótese sobre o primeiro jornal, apresentada por José Leal (1962), com o título de *O Português*, que supõe ter sido impresso em Recife e transportado por algum canoieiro em 1818, quando a Paraíba não possuía oficinas gráficas. Também expõe que *O Português* era panfleto nos quais os velhos habitantes da cidade traziam relatos que escutavam dos antepassados, e que esse seria o primeiro periodismo no estado. Contudo, o jornalista e escritor José Leal (1962) considera uma hipótese quase absurda. Nessa época

qualquer jornal que aspirasse a uma circulação regular, devia girar em torno do partidarismo político. A politização da imprensa daquele tempo era bem maior do que as dos dias atuais, chegando a decepcionar os profissionais que tinham ideias mais amplas. Por tais motivos, muitos emigravam para outros centros, como José Maria dos Santos, que estudou jornalismo no exterior e preferiu trabalhar na imprensa paulista; Eliseu César, grande batalhador da campanha

abolicionista da escravatura, que não quis continuar na Paraíba, trabalhando em jornais de quase todo o Brasil; Argemiro de Souza, que foi para o Rio de Janeiro ser redator-chefe do Jornal do Commercio daquela cidade. (ARAÚJO, 1983, p.74)

No período republicano, entre os autores que buscaram mapear o periodismo na Paraíba nesse século, temos Fátima de Araújo (1983, 1986) e José Leal Ramos (1962), trazendo alguns títulos, como: *A Verdade* (1900), *O Monóculo* (1902), *A Voz da Mocidade* (1904), *A Folha* (1906), *A República* (1907), *Estado da Parahyba* (1907), *O Echo* (1909), *Gutenberg* (1909), *O Porta Voz* (1909), *O Correio da Tarde* (1909), *Novenal* (1911), *A Imprensa* (1912), *A Notícia* (1915), *Diário do Estado* (1915), *O Pinpolho* (1916), *Correio da Manhã* (1916), *A Tribuna* (1917), *O Educador* (1921), e o *O Rio de Peixe* (1928).

Um fato interessante sobre a imprensa na Paraíba, é que muitos jornais surgiam, desapareciam e voltavam nas décadas seguintes, muitas vezes dentro da mesma filosofia ou de uma maneira inteiramente diferente. Também acontecia de serem fundados jornais com o título de outros há muito tempo desaparecidos, editados por pessoas diferentes.

A fotografia chega à Paraíba encontrando como cenário os engenhos de cana de açúcar que abrigavam uma aristocracia rural. Na capital da então província da Parahyba do Norte havia uma elite econômica que costumava consumir e importar as novidades que vinham da Europa. Dessa forma, fotógrafos que vinham de outras províncias procuravam se estabelecer em aglomerados urbanos, onde tivessem uma vida cultural e dinâmica, ou faziam longas caminhadas para o interior do estado com a função de perpetuar a imagem das opulências dos coronéis e suas famílias.

Os fotógrafos utilizavam signos indicadores de status. Móveis, acessórios, vestimentas e adereços que eram mantidos em seus ateliês para revelar gostos e hábitos de uma época. Mesmo que não representassem o status do fotografado fazia parte de indícios da aspiração social do indivíduo, que queria pertencer à determinada classe social.

Até o início do século XX, o exercício profissional do fotógrafo foi marcado pelo constante e intenso deslocamento, e devido ao escasso trabalho nas capitais decorrente do custo alto do serviço, levava esses profissionais a se deslocarem para conquistar nova clientela. Para divulgar a presença na cidade, esses fotógrafos itinerantes

publicavam anúncios nos veículos impressos (jornais, anuários, almanaques) enaltecendo o seu trabalho e as técnicas utilizadas. Retratavam a aristocracia rural, ou faziam panorâmicas, pois se interessavam pela paisagem brasileira para ser vendida como vemos nesta narração:

[...] Comumente encontramos nos reclames publicitários de fotógrafos (Rocha Athayde, Moura Cabral, Bougard, etc) a advertência que estavam partindo para o interior, onde pretendiam demorar-se. Atendida a clientela da capital, os fotógrafos aí estabelecidos, na ausência de um volume de trabalho que justificasse sua permanência, saíam visitando novos lugares. Manuel Bezerra Melo, que se estabelecera em 1881 à Rua Direita (atual Duque de Caxias) nº 120, na cidade da Parahyba, viajou pelo interior instalando-se provisoriamente na cidade de Mamanguape à rua Rosário nº 41. Moura Cabral foi outro que não se demorou, avisando em janeiro de 1885 que só tira retratos até o final do mês. Cabral havia chegado a capital da Parahyba do Norte em outubro de 1884, abrindo um ateliê na rua Nova (atual General Osório) nº 24. No anúncio por ele veiculado no jornal Diário da Paraíba, de 26 de outubro de 1884, alardeava o fato de ser “vantajosamente conhecido nas províncias do norte” (BECHARA apud LIRA, 1997, p.39).

As crescentes mudanças decorrentes das invenções do século XX estimulavam os empreendedores, no caso, os fotógrafos da época. Porém, esses fotógrafos não conseguiam se manter com a renda das fotografias, e acabavam buscando outras ocupações paralelas, como pintores, dentistas, negociantes, relojoeiros, e até mesmo mágicos.

Até hoje não se tem conhecimento de quando a Parahyba conheceu a primeira imagem. Na pesquisa realizada por Bertrand de Souza Lira para produção de seu livro *Fotografia na Paraíba: inventário dos fotógrafos através do retrato* (1850- 1950), publicado em 1997, aponta como fotografia mais antiga o retrato de Samuel Hardman, possivelmente de 1850. Resgata também o primeiro anúncio feito em 17 de setembro de 1856 no jornal *A Época*, porém sem identificação do fotógrafo. Vale a pena citar na íntegra:

A ladeira das Pedras, casa amarela onde mora o Ilmo Sr. Tenente Coronel Ernesto, se tira retratos por este sistema, para cuja colocação, o artista tem belas caixas de veludo e marroquins, assim como alguns quadros, caçoletas e medalhas, etc. Tira-se retratos até o mais pequeno possível, até para alfinetes, anéis, etc. Igualmente tira-se grupos de

quatro a cinco pessoas, e conserta-se retratos velhos. As pessoas que quiserem mais de cinco retratos separados far-se-há algum abatimento de preços. Ensina-se a arte a algum curioso. Os preços são cômodos e invariáveis. No mesmo estabelecimento se galvaniza a ouro e prata. As pessoas que quiserem uma ou outra deem pressa porque o artista breve se retira. Adverte-se que venha também nos dias úteis por causa da concorrência que há nos dias santificados e que não podem ser também servidos. (LIRA, 1997, p. 29)

A força e o apelo de um retrato fotográfico são inegáveis. Um dos maiores bens que possuímos é a possibilidade de obtermos registros de pessoas do passado, sejam elas familiares, amigos, ou pessoas comuns, ativando a nossa memória. Havia um ritual fotográfico da época que exigia dos retratados poses prolongadas, tornando o retrato a modalidade mais praticada. Essas imagens eram passadas para estojos ornamentados, quadros, ou álbuns de família, este último possuindo um grande valor simbólico ao refletir as imagens que a família desejava eternizar.

A elite seria retratada por um meio que não teria mais dúvidas quanto à sua opulência de classe hegemônica, pois o preço de uma fotografia não era acessível a todos. Retratos em caixinhas tinham preços que variavam de 2 a 10 mil réis no formato *carte-de-visite*, 12 mil réis a dúzia. Esses retratos em *carte-de-visite* (foto de 6 x 9,5 cm colada sobre cartão de 6,5 x 10,5 cm) e *cabinete size* (foto de 10 x 14 cm sobre cartão de 11 x 16,5 cm) eram a modalidade de fotografia mais praticada pelos fotógrafos na Parahyba do Norte, do século anterior às duas primeiras décadas do século XX. Alguns desses fotógrafos aceitavam encomendas de fotografias em formato retrato como um dos serviços principais de seus ateliês, além de aceitar fotografar paisagens ou documentar obras públicas e privadas.

Os primeiros fotógrafos paraibanos foram: Frederico Falcão, Pedro Tavares e Walfredo Rodriguez. Eles começaram suas atividades com a fotografia desde as primeiras décadas do século XX e tinham estreitas ligações com o pictórico. Em 25 de agosto de 1918 Frederico Falcão publicou o primeiro anúncio no jornal *A União*, ocupando um espaço grande com detalhes de preços e serviços. Na página, uma tabela foi colocada com os formatos das fotografias daquela época: “mignon”, “visita”, “victoria” e “gabinete”.

Como dito anteriormente, o retrato foi o gênero fotográfico mais difundido. Sua produção obteve um crescimento considerável quando os cidadãos comuns passaram a

eternizar seus momentos familiares em instantâneos com as novas câmeras leves, e filmes de rolo. Dessa forma os fotógrafos amadores se multiplicaram, mas não foi tão rápida a massificação. Apenas uma pequena parcela da população tinha acesso a fotografia como *hobby*, sobretudo em um estado como a Paraíba onde os avanços chegaram com um certo atraso.

As fotografias que se espalhavam pelos álbuns de famílias foram até meados do século XX feitas por fotógrafos profissionais, que eram convocados em momentos especiais. A partir desses profissionais saíram as primeiras fotografias para ilustrar os jornais e revistas a partir de 1º de setembro de 1907, data que foi publicada pela primeira vez uma fotografia em veículo impresso paraibano: a imagem de um coqueiro, no jornal *A República*.

A geração dos primeiros fotógrafos paraibanos, passou por diversas contradições em relação a invenção da fotografia, pois a técnica que representava com fidelidade e realidade ainda não era perfeita, o que exigia habilidade de desenhistas e pintores para melhorar essas imagens. Além disso, apesar de haver uma valorização pela modernidade, os fotógrafos não tinham o merecido reconhecimento, por estarem complementando uma renda. Porém, as fotografias e esses fotógrafos contribuíram para o desenvolvimento tecnológico e artístico de um meio revolucionário, adaptando-os ao contexto em que atuaram, acompanhando a evolução através de soluções criativas, já que as inovações introduzidas em outras cidades mais avançadas demoravam a chegar.

Na ausência da fotografia em cores, artistas como Olívio Pinto, José Lyra, Walfredo Rodriguez e Frederico Falcão se esmeravam para imprimir aos seus trabalhos o colorido mais aproximado ao som do objeto fotografado e, talvez mais importante, conferir a eles um estatuto de arte. A década de 50 trouxe à Paraíba o movimento fotoclubista fomentado por fotógrafos profissionais de renome e amadores da elite intelectual de João Pessoa, que enxergavam na fotografia um meio de expressão artística como a pintura. (LIRA, 1997,p. 188)

Observamos que foi a partir da década de 50 que o fotojornalismo, enquanto atividade especializada deu os seus primeiros passos em contratação de repórteres fotográficos exclusivamente para a cobertura de eventos jornalísticos. Nesse momento surgiram vários nomes, como Alberto Ferreira. Esse fotógrafo foi considerado um dos

melhores do mundo em coberturas esportivas, um dos percussores do fotojornalismo no país, atuando durante 30 anos no Jornal do Brasil, 25 deles como editor de fotografia. Produziu registros únicos das manifestações ideológicas e culturais da sociedade brasileira nas décadas de 50 e 60. Uma de suas fotos mais famosas trouxe o prêmio Esso de fotografia, registrando o momento que Pelé na partida contra a Theco-Eslováquia sente a contusão e se afasta definitivamente da Copa do Mundo do Chile, em 1962. Mas a sua foto mais famosa, é também com o craque Pelé fazendo a famosa bicicleta em jogo contra a Bélgica em 1965. Numa época de equipamentos totalmente mecânicos fez história na fotografia.

Outro fotógrafo da década de 1950, que fez destaque com suas líricas imagens de paisagens paraibanas, foi Hudson Azevedo. Considerado um dos mais importantes documentaristas da época. Em seguida podemos citar o fotógrafo Antônio Augusto Fontes que realizou ensaios e séries para revistas de grande circulação como *Veja*, *Isto é*, *Le Monde*, entre outras. Mais adiante temos Walter Carvalho começando na fotografia ajudando o irmão, e tornando-se o mais cultuado fotógrafo do cinema brasileiro. Nas décadas de 1970, 1980, temos o maior fluxo de produção fotográfica do gênero documental no estado da Paraíba. Dessa forma, além de nomes anteriores, temos Roberto Couras, Roberto Guedes, Gustavo Moura, João Lobo, e Germana Bronzeado, entre as mais expressivas revelações da época.

Já na última década do século XX, temos o surgimento de coletivos fotográficos que reúnem a maior parte dos chamados fotógrafos autorais paraibanos. A partir desse momento surge o grupo Traficante de Imagens, com iniciativas voltadas para a reflexão sobre a fotografia. Um dos seus integrantes, Marcus Veloso, juntou-se com os fotógrafos Ricardo Peixoto e Mano de Carvalho criando a Agência Ensaio, responsável por importantes projetos relacionados à fotografia paraibana na contemporaneidade.

Apesar da grande contribuição que estes nomes trouxeram para a história da fotografia no estado da Paraíba, vemos que há uma carência de mecanismos para que estas produções sejam difundidas e ganhem conhecimento e reconhecimento pelo seu valor. Por isso a importância de estudos que funcionem como veículo de informação dessa parte da história. Assim como os documentos textuais, os imagéticos precisam ser tratados e representados, respeitando-se sua especificidade, para que seu conteúdo possa ser recuperado durante o processo de busca de informação.

A fotografia é sobremaneira significativa na sociedade contemporânea. Essa assertiva é confirmada por Sontag (207, p. 35), quando afirma: “Hoje, tudo existe para terminar numa foto”. Não podemos nos esquecer de que a fotografia só atinge a dimensão informacional, como fonte de informação e memória, quando representada.

Após essa breve explanação e ambiência sobre o fotojornalismo na Paraíba, faremos uma apresentação dos fotógrafos que pertencem a esta pesquisa, aliando ao longo do capítulo as entrevistas que realizamos. O objetivo compreendermos a história do fazer fotográfico em jornais paraibanos, e as reflexões acerca do tema.

1.2 OS FOTOJORNALISTAS



Fig. 1-Francisco França



Fig. 2- Mônica Câmara



Fig. 3- Rizemberg Felipe

Francisco França, Mônica Câmara e Rizemberg Felipe são fotógrafos que nasceram na Paraíba, e foram desenvolvendo olhar crítico para as atividades fotojornalísticas. Podemos considerar que deram contribuições importantes para o jornalismo local, tanto é que os prêmios recebidos comprovam a competência do ato de fotografar de cada um deles.

1.2.1 Francisco França

Natural da cidade de Patos, localizada no sertão paraibano, Francisco França nasceu na véspera do dia mundial da fotografia, em 18 de agosto de 1967. O interesse pela fotografia começou em sua cidade natal ao trabalhar em um estúdio chamado *Foto Alarcon* no ano de 1987. Em seguida começou a auxiliar nos casamentos, em laboratórios de fotografia, e aos poucos foi aprendendo, familiarizando-se com os equipamentos.

Em maio de 1989 começou a fotografar diariamente através do jornal *Correio da Paraíba*, já na cidade de João Pessoa. A partir desse momento se viu preparado para seguir com a carreira de fotógrafo, vivenciando no cotidiano do jornal como os profissionais se posicionavam, a objetiva que usavam, e aprendendo cada vez mais. Já em 1994 foi convidado a trabalhar na campanha de Antônio Mariz, advogado eleito governador da Paraíba, cujo mandato durou de 1 de janeiro de 1995 até 16 de setembro de 1995 quando veio a falecer aos 57 anos, interrompendo sua carreira política. Passado o trágico momento, França voltou a trabalhar em jornais, dessa vez contratado pelo jornal *O Norte*, assumindo dois anos depois a editoria de fotografia. Para ele, um momento de grande experiência, por ter a oportunidade de conviver com profissionais que vinham de jornais de Brasília.

A crise no jornal impresso chegou ao *O Norte* contribuindo para uma demissão em massa, levando França a buscar outros caminhos, sendo assim, foi contratado pelo *Jornal da Paraíba*, em 2004. Continuou com o histórico de premiações, trazendo muitas conquistas para o fotojornalismo paraibano. Grande parte dessas conquistas se deve ao seu olhar e sensibilidade com os temas abordados, mesmo com a correria do cotidiano de uma redação jornalística, da velocidade das máquinas fotográficas, sempre buscou tempo e foco para enquadrar uma estética voltada para veia artística dos profissionais da fotografia. Como *freelancer* publicou trabalhos nas principais jornais e revistas do país, a exemplo de *Correio Brasiliense*, *Globo*, *Folha de São Paulo*, *Veja*, *Época*.

1.2.2 Mônica Câmara

Nascida na cidade de João Pessoa, Mônica Câmara possui Graduação em Comunicação Social (1995) e Mestrado em Linguística (2010) pela Universidade Federal da Paraíba. Fotojornalista, com atuação em setores de artes gráficas e comunicação visual desde 1995, atualmente trabalha como designer gráfico na Editora Universitária da UFPB. A fotógrafa realizou exposições individuais e coletivas nos principais eventos fotográficos de João Pessoa, e também de outros estados.. Arte da fotografia, cultura popular e educação são temas que lhe atraem.

Ao terminar a graduação em Comunicação Social, Câmara começou a atuar como *freelancer* de designer gráfico. Em seguida realizou uma exposição no Serviço Social do Comercio (SESC), em João Pessoa, sob o comando do diretor Chico Noronha. Vendo o seu potencial, Marcus Antonius, fotojornalista do jornal *O Norte*, a incentivou

para que fizesse testes no jornal que fazia parte. Dessa forma, foi contratada para trabalhar em 2001. A fotógrafa relata a dificuldade em dominar o flash e pouca confiança em seu trabalho, mas aos poucos foi aprendendo com os colegas mais experientes e tornando-se um dos grandes nomes do fotojornalismo paraibano.

Com a demissão em massa do jornal *O Norte*, Mônica substituiu Francisco França como editora de fotografia, mas por um curto período. O jornal começou a falir, e em janeiro de 2006 não fazia mais parte da equipe. A fotojornalista se orgulha do tempo que fotografou no *O Norte* e atribui grande parte do seu aprendizado ao amigo e companheiro de profissão Francisco França.

1.2.3 Rizemberg Felipe

Rizemberg Felipe nasceu na cidade de João Pessoa, coincidentemente no dia mundial da fotografia, em 19 de agosto de 1974. Deu início ao seu trabalho com fotografia em 1995, tornando-se laboratorista e em seguida fotógrafo. Posteriormente, entrou como assistente de laboratório do jornal *O Norte*, passando a chefe de laboratório, e após realizar algumas pautas dentro da redação tornou-se parte da equipe de fotojornalistas do jornal. Ao acompanhar a informatização do veículo, foi um dos primeiros a ter acesso a esse tipo de sistema, então passou a ser assistente da editoria, já que não tinha o cargo de “sub-editor”. Responsável pela transmissão e recepção de fotos das agências de fotografia, ação que emplacou fotos em agências nacionais, que foram publicadas em diversos jornais do país.

Em 2001, foi chamado para compor a equipe do *Jornal da Paraíba*, tornando-se o primeiro fotojornalista a trabalhar desde a instalação da redação em João Pessoa. Possui destaque por ter sido o primeiro fotógrafo internacional do jornal, fazendo matéria para o caderno de turismo em países como Cuba, Bolívia e Peru. Além disso, aliou o estudo com o trabalho cursando cinema e fotografia na *New York Film Academy* (NYFA) nos Estados Unidos.

Os três fotógrafos consideram o período que passaram no jornal *O Norte* de grande aprendizado em suas carreiras como fotojornalistas. Juntos, eles somam muitos prêmios que agregaram reconhecimento no cenário paraibano e nacional. Cada um com sua visão original e pessoal de retratar o mundo. Mônica durante a entrevista que fizemos fala que

“ não é porque é difícil que não pode ter poesia. Eu quero compactuar com isso, aqui no Brasil desgraça é só o que há. E o fotojornalismo é pautado nisso, se a gente não denuncia, então não existe o sentido”.

1.3 O TEXTO VISUAL

A evolução da fotografia e dos processos jornalísticos destinou às fotos um espaço nobre nos impressos, e se tornou cada vez mais fundamental para a leitura dos fatos e dos fenômenos sociais. Mas será que todas as fotografias publicadas são consideradas fotojornalismo? Para a fotografia ser considerada de cunho jornalístico, a imagem precisa reunir elementos que corroborem e sintetizem o texto. E tenham apelo estético para que o leitor se interesse pela história. Por isso a importância de conciliar a fotografia e o texto, para que se tenha a orientação e construção de sentido para a mensagem.

A fotografia é considerada um registro realista do mundo visível porque desde o seu começo os usos sociais lhe atribuíram esta função, e para que possamos entender uma fotografia, não basta resgatar seus significados mais evidentes, é preciso decifrar o excedente de significação que revela traços do simbólico de uma época, classe, e grupo. Em razão disso, o discurso imagético presente no fotojornalismo é tão importante quanto o discurso textual. O diálogo constante com outras estratégias semióticas presente na plataforma do jornal, como as legendas, as colunas e suas diversas temáticas, trazem para a fotografia o poder de construir representações, conseguindo sinalizar a linha editorial do veículo que as expressa. Para o teórico e pesquisador da imagem Arlindo Machado, a fotografia é sempre um “retângulo que recorta o visível”:

O primeiro papel da fotografia é selecionar e destacar um campo significante, limitá-lo pelas bordas do quadro, isolá-lo da zona circunvizinha que é a sua continuidade censurada. O quadro da câmera é uma espécie de tesoura que recorta aquilo que deve ser valorizado, que separa o que é importante para os interesses da enunciação do que é acessório, que estabelece logo de início uma primeira organização das coisas visíveis. (MACHADO, 1984, p 76)

Porém, a foto produzida e divulgada com finalidades jornalísticas tem a necessidade de partir com uma conexão do real, e tal conexão faz parte de um senso comum. A partir disso as mídias impressas e eletrônicas costumam justificar o fotojornalismo em uma perspectiva de registro fiel da realidade. Mas, percebemos que no íntimo, a grande razão é que o jornal, revista, televisão e *webjornal* trabalhariam com o “espelho do real”. Por motivos

mercadológicos e ideológicos sustentam a ideia predominantemente de que as fotografias jornalísticas são o registro do real, por mais que ajustem a edição como o espaço, lugar da página, cortes, angulações, cores, e dificilmente reconhecerão que operaram em uma “transformação do real”.

Um olhar pode desafiar, convidar ou possuir. Ao longo dos séculos, tem-se compreendido o poder das imagens: o rosto presente em uma estátua, uma pintura ou uma fotografia olha para nós, e imaginamos que sentimos esse olhar. Podemos nos apaixonar pela pessoa que imaginamos estar sedutoramente sorrindo para nós. (SALKELD, 2014, p.106)

Quando se fala da visão em fotografia, não se fala apenas das coisas que vemos, mas como as vemos. A jornada fotográfica faz descobrir essa visão, permitir que desenvolva, modifique, amplie e encontre expressão na fotografia. É algo que cresce junto com a pessoa, em relação aos gostos, ao que a apaixonou, enfurece, vê beleza, emociona e a faz única. Olhar através do enquadramento, excluir ângulos e elementos em busca do que melhor representa. Essa habilidade é que faz a câmera ser um complemento, e não o principal na hora de fazer boas imagens.

Buitoni (2017) afirma que podemos perceber que fotografias incríveis foram feitas por fotógrafos que tinham muito interesse, paixão e curiosidade sobre determinado tema. É mais do que “estive aqui e vi isso”, e sim “eu me senti assim sobre isto”. Estamos falando em criar fotografias que as pessoas se importem e se envolvam, que possam mostrar com entusiasmo para outras pessoas em uma espécie de “corrente fotográfica”.

O fotógrafo e escritor duChemin (2017) acredita que para que suas imagens se comuniquem com um grande número de pessoas, é preciso estar obsessivamente ciente do que está no enquadramento, pois contribui para o sentido da foto e até pode muda-lo completamente. Pensando a linguagem visual como a linguagem falada, vemos que tem vocabulário, gramática e sintaxe que permitem comunicar, escrever e ser assimilado. Quanto maior for a atenção dada aos estudos, melhor será a comunicação pela luz, linhas, e momentos. Como contadores de histórias visuais, os fotógrafos são responsáveis por cada elemento dentro do quadro, tudo que está inserido no enquadramento é permitido por ele. Ao observarmos uma imagem tirada em local já visitado por nós, virá imediatamente lembranças, e é isso que torna mágico a fotografia, ter memórias enquadradas que remetem a cheiros, sons, sentimentos ligados a uma única imagem ou mais.

Vemos com os olhos, mas acionamos o cérebro. A luz que entra em nossos olhos é traduzida no cérebro em uma imagem compreensível. E todo esse processo faz parte de nossas experiências de vida: se algo parece uma zebra, o cérebro aciona um sistema de alerta, fazendo a pessoa ficar atenta, mas se não houver uma zebra, e sim uma pessoa com roupa de listras preta e branca, ficamos aliviados. É exatamente o elemento surpresa que pode determinar o sucesso de uma fotografia. São imagens que instigam ao nosso cérebro a fazer suposições sobre o que está sendo mostrado, e quando bem compostas são eficazes, pois captam a atenção do espectador.

Podemos observar que o ser humano tem interesse pelo que é novo, instigante, ter acesso a imagens que não podem enxergar a olho nu se torna o suficiente para despertar interesse. Parte da nossa compreensão de mundo depende de informação visual que em alguns momentos não podemos ver, nem testemunhamos, e a partir disso a fotografia revela. Como exemplo, temos os movimentos das asas de um pássaro, um pingo que desliza ou o disparo de uma arma de fogo. Dessa maneira, a fotografia nos dá a oportunidade de conhecer melhor o mundo através de sua representação do que experiências diretas. A historiadora Amy Herman (2016) fala que estamos tão habituados à complexidade do mundo que apenas o novo, o inovador e o exigente capturam a nossa atenção e dominam o nosso campo de visão. E muitas vezes apoiamo-nos na experiência e na intuição, deixando passar detalhes que poderiam fazer a diferença.

Parece óbvio que todos nós vemos as coisas de forma diferente. Todavia, esquecemos disso constantemente, e agimos como se houvesse apenas um modo de ver. Contudo, sabendo agora que somos todos suscetíveis a cegueira por desatenção e outros erros perceptuais, não podemos pressupor que outras pessoas veem o que nós vemos, que nós vemos o que elas veem, ou que qualquer um de nós vê com precisão o que de fato está ali, na cena. (HERMAN, 2016, p. 60).

Não há duas pessoas que enxerguem da mesma maneira, tudo influencia no nosso modo de ver e agir no mundo. Enquanto indivíduos temos um filtro que passa pela percepção, que usamos para interpretar a informação durante a observação. Similar ao da visão, o processo de perceber é sutil, automático e difícil de reconhecer se não estivermos ativamente consciente dele. Se uma fotografia é contada antes de ser exibida, provavelmente focaremos mais rápido nos elementos da temática, e mesmo que não percebamos, muitas vezes vemos o que nos dizem para ver.

Dessa forma, qualquer coisa que se diga sobre a fotografia tem, necessariamente, relação com o ato de olhar. Quando a lente de uma câmera está apontada para nós, sentimos o seu olhar, da mesma maneira que acontece quando somos vistos por um par de olhos. E esse olhar pode ser visto de forma agradável ou não, além de várias formas de sentidos e sentimentos que perpassam por aquele instante, podendo criar uma relação complexa. Exploramos várias maneiras de explicar o quem, o quê, o onde e o quando na imagem. São detalhes, objetos e elementos de fundamental importância pra a narrativa, que os articulando podemos entender como funciona a linguagem.

1.4 O PROCESSO FOTOGRÁFICO

Para o famoso fotógrafo Cartier-Bresson, os fotógrafos teriam que estar no lugar certo e na hora exata, com a câmera na mão. Mas podemos perceber que a fotografia vai além, por se tratar de uma contribuição pessoal moldada pela cultura de quem fotografa. A partir disso um conjunto de fatores deve ser considerado, como o motivo pelo qual a foto foi tirada, o conhecimento sobre o que será fotografado, a compreensão do que está acontecendo na cena, o que o fundo e o enquadramento representam para a fotografia - deixando ou tirando elementos que farão parte - além de fatores que passam pela intuição, sensibilidade, que fazem decidir a hora de apertar o disparador. Para Buitoni (2011), o acaso só trará boas imagens para aqueles que exercitam o olhar fotográfico, a partir disso a intuição pode funcionar no encontro da fração de segundo, daquela “pré-visão” constituída de imaginação e foco.

Luis Humberto, professor da Faculdade de Comunicação na Universidade de Brasília, define o momento da seleção do instante na fotografia:

(...) o olhar fotográfico é um hábito visual seletivo, animado por uma percepção sensibilizada por motivações de diversas origens – filosóficas, ideológicas, culturais e afetivas – presentes em todos nós, mesmo que nem sempre identificadas de forma nítida. (HUMBERTO, 2000, p. 46)

A formação qualificada de fotojornalistas passa pela compreensão dos processos de pré-produção, produção e pós-produção da fotografia, e cada profissional enfrentará os mais diversos desafios. A câmera fotográfica impõe alguns limites e há a necessidade de explorar as suas potencialidades, aliar a técnica precisa ao papel da fotografia enquanto meio de comunicação de massa, e levar em conta que apesar do fotojornalista

ser parte de uma cadeia produtora de informação é necessário a conciliação com o veículo para que uma parte chegue ao todo.

A fotografia é uma tecnologia, e como tal, tem as suas características específicas. A forma como é lida será determinada pela natureza dos equipamentos e processos utilizados. Mas, uma imagem produzida por uma câmera de grande formato será diferente de uma feita por uma câmera de celular. Assim como fotografias em preto e branco são bem diferentes das coloridas. Outro fator é a escolha de uma câmera para determinado tipo de atividade, pois afetam a reação das pessoas. Se tiverem uma câmera grande podem parecer intimidadores, numa espécie de convite formal. De outra forma, uma pequena câmera pode parecer algo agressivo ou invasivo.

1.5 USOS JORNALÍSTICOS DA FOTOGRAFIA

Os fotógrafos desta pesquisa identificaram como obstáculo o aprendizado inicial em questões como: a abertura, velocidade, *flash*, ângulo, entre outras características da arte de fotografar. Dentro do veículo de comunicação as experiências dos mais antigos, preocupados com a oxigenação do espaço, encaminhando e buscando o melhor material para enriquecer o jornal foram de grande valia para perpetuar os bons profissionais no estado da Paraíba. Aos poucos, familiarizando com os equipamentos, adquiriram conhecimento para trabalhar na área. Para Buitoni (2011) a experiência direta e completa dos procedimentos que envolvem o ato fotográfico e a compreensão de cada etapa de todo o processo é que poderão dar ao futuro profissional a dimensão do papel social da fotografia e do fotógrafo como produtor de realidades.

Observamos que as fotografias que estão incluídas neste estudo tem em comum um olhar humanizado para as questões que afligem a sociedade. Há uma preocupação por parte dos fotógrafos de tornar a fotografia um elemento transformador da realidade social, pensando e trabalhando as formas de expressão. O que significa foto de criança carente em um jornal diário? Como os moradores das periferias são retratados? O que é sensacionalismo em uma cobertura policial? A ideia destes é que a fotografia seja um instrumento de arte e de informação para o resgate da dignidade das classes populares e da ampliação dos direitos humanos.

Durante os diálogos relacionados ao fotojornalismo que produzem, percebemos que aliam a técnica, experiência de vida e fatores emocionais. As pautas mais pesadas, com mortes, acidentes, e que envolvem cenas cruéis exigem um autocontrole, domínio

de emoções e calma para que seja passada para os espectadores com um viés que fuja do sensacionalismo. A fotojornalista Mônica Câmara ao receber uma pauta no dia dos pais sobre pai e filha acidentados remeteu o local da tragédia ao seu próprio pai, que atravessava sempre para encontrar os amigos. Aquele sentimento de se colocar no lugar do outro fez com que utilizasse o que inicialmente lhe feriu transformando em arte. Aliado a isso, ávidos por boas imagens, os editores incentivavam os fotojornalistas, mas ao mesmo tempo não queriam que se sentissem confortáveis para que pudessem entregar imagens cada vez melhores.

A fotografia acaba se tornando um auxiliar da memória, onde podemos reconhecer traços de vestuário, nacionalidade, paisagens, monumentos e de certa forma evocar sentimentos. É comum que o fotógrafo use de seus conhecimentos não só técnicos, mas de vivência pessoal e passem para a fotografia. É uma questão de visão da vida, que cresce e muda com o passar dos anos. As coisas que apaixonam, emocionam, enfurecem fazem parte do cotidiano e são demonstradas pela arte e pela expressão. Como bons contadores de história na imagem deve conter o suficiente para que o espectador se interesse, perpetuando a história, o enredo e fazendo que essa emoção seja sentida por quem lê/vê.

Na década de 1990 os fotógrafos passavam por um processo minucioso, pois tinham que sair para fotografar, revelar o filme, copiar, e editar a imagem. Além de saber cada função da máquina fotográfica de forma manual, pois não existia o modo automático. O jornal *O Norte* possuiu uma das melhores estruturas no estado da Paraíba, pois existia uma editoria de fotografia, laboratório colorido, sala de arquivos, e o grande diferencial: editor de fotografia. Esta função tinha como importância discutir todas as pautas entre editor e fotógrafos, tendo como resultado grandes imagens. Para Buitoni (2011) a pauta fotográfica é uma atividade de grande importância para se conseguir um teor informativo e/ou criativo, e deveria ser previamente pensada pelos fotógrafos.

As pautas do dia e do anterior eram acessadas e discutidas assim que compareciam à redação do jornal. Os fotógrafos que chegassem primeiro comumente pegavam as pautas da central de polícia, mas se por acaso no caminho para cobrir a notícia houvesse alguma chamada mais urgente tinham que correr para conseguir noticiar antes dos outros veículos concorrentes, para dar o chamado “furo” no jornalismo. Procuravam detalhes, objetos, elementos, que fossem de fundamental

importância para a narrativa que pretendiam contar, articulando esses elementos para entendermos como funciona a linguagem narrativa da fotografia.

França criou um banco de imagens no jornal *O Norte*. Tudo que o fotógrafo via na rua e achava interessante podia levar para o jornal, pois tinha dia que havia muitas fotos e outros não. Então uma foto feita na favela em uma semana anterior era usada mesmo sem o texto, os repórteres eram levados ao local no dia e hora para fazer as entrevistas. Em sua maioria as pautas frias eram produzidas em favelas, pois a pobreza chamava a atenção, de certa forma, aliada a denúncia. Uma foto recordada por ele é intitulada “sem saída”, que virou pauta especial ao relatar a realidade cruel dos moradores de rua em João Pessoa.

Na história do fotojornalismo paraibano temos uma gama de profissionais que visam grandes prêmios, construindo um histórico de premiações para estado. Grande parte dessas conquistas se deve ao olhar e sensibilidade com os temas abordados. Além de conseguirem aliar o ritmo do cotidiano da redação jornalística, a velocidade das máquinas fotográficas, e enquadrar uma estética voltada para a veia artística dos profissionais da fotografia. Podemos citar Antonio Augusto, Antonio David, Gustavo Moura, João Lobo, Marcus Antonius, Walter Carvalho, e tantos outros que contribuíram para a fotojornalismo paraibano, com tradição e força representadas por suas fotografias. Inspiradas nos elementos da cultura, cotidiano, comportamento da sociedade, peculiaridades de uma paisagem e povo, além de mostrar a riqueza do estado.

A crise que atingiu os jornais impressos levou as empresas a se adaptarem ou fecharem os jornais, demitindo muitos funcionários. Essa redução transferiu grande responsabilidade e muitas funções para os repórteres, que fazem a entrevista, tiram as fotografias, editam, escrevem a matéria, entre outras funções que venham a surgir. Com essa multifunção que atinge as redações dos jornais paraibanos os profissionais têm que se adaptar e aperfeiçoar de acordo com as normas e procedimentos das empresas. Fabregat (2005) abordará o suposto período de crise que o fotojornalismo atravessa a partir dos anos 1990, considerando o desenvolvimento da tecnologia digital como grande responsável pelas mudanças na natureza da operação e produto jornalístico. Principalmente em um contexto que precisamos aliar vídeo, computador, internet e captura fotográfica.

As fotografias precisam, em todo caso, atender as finalidades de informação e/ou comunicação do veículo e de acordo com o fator hierárquico do jornal. Se o fotógrafo é funcionário de determinado veículo, a sua produção deve obedecer à respectiva filosofia editorial. Da mesma forma o *freelancer* tem a necessidade de seguir o estilo do jornal que encomendou a imagem.

O bombardeio de imagens que chegam as redações a princípio pode parecer um ponto positivo, mas temos que considerar que as fotografias de grande qualidade estética e/ou informativa são relativamente poucas. Grande parte dessa falta de qualidade nas matérias se dá pela multifunção que os profissionais acumulam e pelo fator tempo. Pois uma das funções do repórter, na falta de um repórter fotográfico, é ter domínio instrumental tecnológico e manejo com a linguagem para alcançar o resultado desejado pelos editores.

Percebemos que há uma discussão entre os fotógrafos profissionais e amadores, e vem se agravando com o aumento da participação do público na elaboração da notícia. Essa participação está cada vez mais requisitada pelas empresas, seja como estratégia para elevar a audiência ou para reduzir eventuais custos de produção.

Mesmo com o avanço das tecnologias, o fotojornalista não pode “reescrever” uma imagem, e é isso que faz com que a fotografia seja tão rica para a semiótica. As considerações estabelecidas aqui, acerca dos repórteres fotográficos paraibanos no tocante ao olhar humanizado, procuraram situar aspectos importantes dessa atividade. A etapa seguinte, articulada a esta, esboça aspectos da semiótica, buscando delinear alguns fatores responsáveis pela produção de sentido na linguagem fotojornalística. Tendo como objetivo expor o que de específico tem a imagem, o ícone, e a maneira de estabelecer significação.

CAPÍTULO 2

2. SEMIÓTICA DE PIERCE NA FOTOGRAFIA

Neste capítulo apresentaremos uma abordagem de como estabelecemos sentido no mundo por meio da semiótica, que é a ciência dos signos. A experiência de imaginar-se em outra cultura, e analisar esse fato a partir de uma perspectiva diferente é uma forma de chamar atenção para o sistema complexo de comunicações que elaboramos. Dessa maneira, percebemos que os significados que às vezes nos parecem óbvios, ou simplesmente “senso comum”, na verdade são produto de um particular sistema de representação e pensamento.

Numa primeira definição, podemos dizer que a semiótica é a ciência dos sistemas e dos processos sógnicos na cultura e na natureza. Ela estuda as formas, os tipos, os sistemas de signos e os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos. Os processos em que os signos desenvolvem o seu potencial são processos de significação, comunicação e interpretação. (SANTAELLA, 2017, p.7)

Constatamos que a semiótica tornou-se um método de interpretar o mundo e analisar a produção de significado por meio de uma abordagem em que tudo é tratado como um sistema de signos a ser lido. Se pegarmos uma página para ler suas palavras, damos sentidos às marcações gráficas, às combinações das letras e a sequência de palavras. Da mesma forma, lemos o mundo que nos rodeia, como as fotos, os rostos, as vestimentas, as músicas, e até mesmo aromas. De forma resumida, essa abordagem propõe que tratemos tudo como um “texto” a ser lido, incluindo nós mesmos e as fotografias. Faremos uma introdução aos princípios fundamentais da semiótica de Pierce (1995) naquilo que traz contributos à presente investigação, e que nos dará margens conceituais indispensáveis para as análises das peças fotojornalísticas.

A teoria dos signos, ou ciência dos signos, tem sua denominação de acordo com a escola a que se refere. A semiótica, que é essencialmente americana e se origina da lógica, e a semiologia que é predominantemente europeia e fundada na linguística. Ambas vêm da raiz grega *semeion*, que significa marca, sinal, presságio, letra, imagem. Diferem-se também por suas tradições: a primeira é apresentada por Charles Sanders Peirce no final do século XIX, e a segunda pelo linguista e suíço Ferdinand de Saussure

no início do século XX. Mais tarde o método começou a ter uma aplicação acadêmica generalizada através dos estudos de Roland Barthes, Umberto Eco, e outros teóricos. Hoje em dia a semiótica é um elemento fundamental no vocabulário crítico e analítico da cultura visual, e o seu lugar favorecido como teoria geral dos signos deve-se pelo fato que ela investiga os signos, as relações sógnicas, e os processos sógnicos.

Barthes, em sua coleção de ensaio *Mitologias* (1993), mostrou como alguns aspectos triviais da cultura podem ser entendidos para codificar e significar toda uma gama de crenças e relações sociais. Damos significados às coisas, tudo pode ser dado um valor de signo: objetos, gestos, aparências, imagens. Nós mesmos funcionamos como signos e tudo que fazemos e dizemos é compreendido por meio da interpretação desses signos.

Para Peirce (1980), um signo “é algo que está no lugar de algo para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade”. Isso não quer dizer que o signo substitui completamente o objeto a que se refere, ele nunca pode estar, de fato, no lugar do objeto, seja este presente ou ausente. Portanto, “estar por ou para” significa representar, e para concluir com Peirce, uma primeira definição provisória e parcial do signo “para que alguma coisa deva ser um signo, ela deve representar, por assim dizer, alguma outra coisa, chamada seu objeto”.

2.1 OS POLOS DO SIGNO

O signo possui relação com pelo menos com três polos (não apenas entre dois, como propõe Saussure). O primeiro é a face perceptível do signo, “*representâmen*”, ou significante; o segundo é relacionado ao que representa, “*objeto*” ou referente; e o terceiro ao que significa, “*interpretante*” ou significado. Ao incorporar em sua definição o interpretante, mostra que a teoria mostra a seu cargo o efeito de signo sobre o sujeito, considerando um ser social, determinado por suas experiências em um mundo historicamente dado. Dessa forma, todos os elementos estão inseridos em um contexto. “A semiótica, portanto, é a ciência que estuda a vida dos signos no interior da convivência social. Ela vai das mecânicas relativas ao conhecimento, até as reorientações formais e, por consequência, às apropriações de conteúdo, ou de sentido”. (FERNANDES, 2009, p.32)

2.2 FOTOGRAFIA E SEMIÓTICA

A abordagem semiótica propõe que tratemos as fotografias como textos, ou seja, como um conjunto de significantes que pode ser lido e interpretado. Comumente usamos a palavra “texto” para nos referirmos as palavras que podem acompanhar uma imagem, em vez da própria imagem, e isso pode parecer confuso a primeira vista. Porém, a relação entre palavras e imagens é extremamente importante. Pela natureza icônica de uma fotografia, o que mostra muitas vezes é autoevidente. Mas esse reconhecimento instantâneo é articulado em termos de nomes, rótulos e descrições.

Roland Barthes deu o nome de “polissemia” à capacidade que a fotografia tem de gerar múltiplos significados, o que ela significa continua sendo ambíguo e pode ser desmembrado em várias direções. Barthes usa sua obra *Retórica da imagem* (1964) para explicar o potencial que a imagem tem de produzir significados e podem ser ancorados em palavras: artigos, textos publicitários, legendas. São funções para que o espectador receba mais informações sobre o que está olhando, direcionados para uma mensagem específica.

Comprendemos que em vez de “encontrarmos” significados no mundo, na verdade “damos”, por meio da linguagem, significados ao mundo e a tudo que nele existe. As palavras e as coisas significam o que elas significam como resultado da maneira que olhamos para elas e as usamos. Fazer uma fotografia é uma forma de dar significado, mas não é porque damos significado aos objetos que pertencem ao mundo que qualquer coisa pode significar qualquer coisa. A comunicação é um processo social que depende de um grau de compreensão mútua, e a semiótica é um método analítico que se abre para esse processo de interpretação de fotografias.

O espaço fotográfico é o que está representado dentro da imagem fotográfica, porém sua compreensão depende de uma interpretação visual que pressupõe a existência de um espaço fora da cena. [...] E é exatamente essa sensação de ocupar o território oculto da fotografia que gera uma impressão de realidade no espectador. (Miranda, 2015, p.65)

Se pensarmos na célebre frase de Charles A. Dana “o cachorro morder um homem não é uma notícia, notícia é um homem morder o cachorro”, podemos organizar em nossa mente o homem, o cachorro, e outros elementos visuais que podem nos auxiliar a compreender a história. Mas cada um teria uma visão diferente desse trecho. São vários os recursos usados para uma melhor compreensão do texto, mas o narrador

sabe que é impossível controlar o que podemos imaginar a partir disso. Porém, se contarmos a mesma história através de imagens, o entendimento será voltado para elas, tornando mais fácil a compreensão.

As fotografias que se destacam na mídia são aquelas que além da funcionalidade, de cumprir seu papel de compor a informação, possuem um conceito forte, significativo, associado aos desejos e expectativas o leitor. O espaço em que se forja esse conceito é o espaço dos significados, dos valores simbólicos, das recolhidas a partir dos dados culturais e ambientais. O fotojornalista é o sujeito que vai definir os dados físicos e os significados que sustentarão seu produto nos veículos midiáticos.

Nesse caso, ao analisar semioticamente as imagens fotojornalistas, se faz necessário compreender o cenário (contexto sociocultural) e os fundamentos que configuram o objeto analisado. Só a partir dessas referências próprias do objeto de análise é possível se estabelecer as premissas da análise. Para aplicar a semiótica no fotojornalismo não podemos analisá-la somente no campo da estética. É importante perceber que ela afeta os sentidos humanos, entremeada por inúmeros significados e possibilidades. As imagens fotográficas transmitem mensagens que são apropriadas pelos sentidos e passam a ser parte integrante da experiência do observador/leitor. A análise semiótica é uma ferramenta para conseguir estabelecer e compreender esse significado. Entender como o significado é alcançado ajuda o profissional a conceber projetos de maneira consciente.

Peirce e Saussure, replicamos, foram os pioneiros do estudo dos signos. Para ambos, qualquer coisa possui uma significação, representa algo ou faz lembrar alguma coisa. Charles Morris (*apud* FERNANDES, 2009, p. 38), discípulo de Peirce dividiu a semiótica em três níveis: pragmática, semântica e sintática. A sintática trata da combinação de signos e de sua estrutura – o estudo dos modos nos quais os signos de uma dada linguagem podem ser combinados para formar expressões bem formadas é uma parte da sintaxe (relação SIGNO X SIGNO). A semântica aborda os significados que os signos possuem, é o estudo da interpretação dos signos, das relações entre os signos e os objetos a que se aplicam. (relação SIGNO X OBJETO), e a pragmática aborda a origem, o uso e os efeitos dos signos, em outras palavras, é o estudo das relações entre os símbolos, os usuários dos símbolos e o ambiente dos usuários. É o estudo das relações entre os que utilizam o sistema e o próprio sistema. (relação SIGNO X USUÁRIO).

	RELAÇÃO	
SINTÁTICO	SIGNO	SIGNO
SEMÂNTICO	SIGNO	OBJETO
PRAGMÁTICO	SIGNO	USUÁRIO

Quadro 1 – Relações Signo X Objeto X Usuário (Morris)

Fonte: Bense (1971)

A semiótica, nesse sentido, é a ciência que tem por tarefa estudar todos os tipos possíveis de ações sígnicas, portanto, a semiose¹ é seu objeto de estudo. Na Semiótica, o pensamento é concebido como semiose ou processo de formação de signos. Para que conheçamos alguma coisa é necessário que haja uma representação mediadora; para que existam fenômenos, eventos e objetos é preciso haver signos. Diante de qualquer fenômeno, para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um pensamento, uma mediação irrecusável entre nós e os fenômenos. E isso, já ao nível do que chamamos de percepção, é um signo. Perceber não é senão traduzir um objeto da sensação em um julgamento de percepção, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que alcança os sentidos. Para conhecer e se conhecer, o homem só toma consciência do real porque, de alguma forma, o traduz, o representa, e só interpreta essa representação numa outra representação: interpreta signos traduzindo-os em outros signos.

Há três fatores envolvidos em qualquer *semiose* – o signo, o elemento designado e a pessoa a quem ele se destina como signo – e, por isso, a relação semiótica é, como já dissemos, uma relação triádica, respeitando-se, aqui, a recorrência ao componente pragmático.

Para Peirce (1990) o signo é algo que transmite noções à mente humana e que representa alguma coisa; o objeto é o que representa e determina o signo, e o interpretante é determinado pelo signo e pelo objeto. Interpretante nesse caso é diferente de interpretação, porque o interpretante é dependente do signo muito mais do que um ato de interpretação. E para finalizar o conceito, Peirce diz que nessa tríade, se a série

¹ Nesse sentido, não se deve confundir *semiose* com semiótica. Semiose quer dizer ação do signo. A ação do signo é a de determinar um interpretante. Peirce também conceituou a semiose como “o processo no qual o signo tem um efeito cognitivo sobre o intérprete” (NÓTH, 1998, p. 129).

for interrompida, o signo perde seu significado perfeito: o de gerar interpretante que gerará outro (PEIRCE, 1990).

Para sintetizar esse conceito, ele afirma que “o signo é um símbolo que comunica à mente algo do exterior. Aquilo em cujo lugar está denominado é seu objeto; aquilo que o signo transmite seu significado, e a ideia que ele provoca é seu interpretante” (PEIRCE, p.339, 1990).

O método procura examinar o objeto de análise a partir de uma perspectiva da significação. Isso compreende abordar o objeto de análise sob o seu aspecto semiótico, isto é, o modo como ele suscita, provoca significados (interpretações). Com isso, objetiva-se contribuir para a capacitação de fotojornalistas, especialmente no desenvolvimento da habilidade de compreender os processos de significação a partir do entendimento da “ação de signos” no processo de criação e da habilidade de analisá-los, qualificando suas capacidades perceptivas.

Segundo Santaella (2002, p. 4), “As diversas facetas que a análise semiótica apresenta podem assim nos levar a compreender qual é a natureza e quais são os poderes de referência dos signos, que informação transmitem, como eles se estruturam em sistemas, como funcionam, como são emitidos produzidos, utilizados e que tipos de efeitos são capazes de provocar no receptor”, o que nos leva a crer que o projeto semiótico não pretende ter conclusões generalistas e fechadas. Ela busca a ampliação de possibilidades, fato intrinsecamente ligado ao alargamento dos sentidos. Nessa direção, IASBECK (2012, p. 198) afirma que o método semiótico “tem muita utilidade para promover o diálogo entre paradigmas distantes e até mesmo estranhos”.

A teoria semiótica nos permite penetrar no próprio movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nela utilizados. Permite-nos também captar seus vetores de referencialidade não apenas a um contexto mais imediato, como também a um contexto estendido, pois em todo processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz (SANTAELLA, 2005).

Dessa forma, a partir da teoria geral dos signos, podemos estudar as fotografias em sua constituição enquanto linguagem, ou enquanto um conjunto de sistemas de signos que tendem a se conformar em linguagens. No capítulo a seguir veremos que a

semiótica peirciana que viabiliza o estudo das fotografias como elemento semiótico será aliada aos estudos da Gramática Visual.

CAPÍTULO 3

3. GRAMÁTICA VISUAL E FOTOGRAFIA

A fotografia que tratamos neste estudo como gênero imagético, também requer em sua tessitura recursos persuasivos, desenvolvido por um produtor para conquistar o seu leitor. Percebemos que há uma cadeia de elementos que passam na maioria das vezes despercebida pelo leitor comum, e dar importância a composição da fotografia pode influenciar na direção do olhar, a leitura e a assimilação da mensagem. Dessa maneira, há uma interferência entre imagem e leitor, que buscaremos compreender a partir das representações dos elementos não-verbais que compõem este gênero estruturadas nas fotografias de jornais paraibanos. Nosso *corpus* composto de fotografias premiadas de fotojornalistas paraibanos, produzidos em jornais, e recolhidos de acervos individuais, servirá como suporte, contribuindo para a compreensão da teoria que constitui nosso estudo. A gramática do *design* visual, planejada por Kress e van Leeuwen (2000), se refere a três estruturas de representações básicas: metafunção representacional, interacional, e composicional. Para cada tipo de representação e suas subdivisões foi selecionado fotografias dos três repórteres fotográficos da pesquisa, que exemplificam o modo de organização dessa estrutura. Através dessa teoria podemos identificar que o código visual, assim como a linguagem verbal, possui formas próprias de representação, compõem relações interacionais e de significado a partir de sua composição.

3.1 A GRAMÁTICA DO *DESIGN* VISUAL

Em nosso estudo introduzimos os elementos nucleares da gramática do *design* visual (Kress e van Leeuwen, 2000), e os fundamentos da teoria Sistêmico-Funcional de Michael Halliday (1994). Esses teóricos consideram que o sistema semiótico, que tem o *signo* como noção central, explica o funcionamento da linguagem. Os teóricos tradicionais ao analisarem as imagens costumam se basear em aspectos “lexicais”, porém Kress e van Leeuwen foram por um viés de análise gramatical. Levantam as “teorias gramaticais verbais” de Halliday, em específico as metafunções da Linguística Sistêmico-Funcional, buscando regularidades para compreender de que maneira os diferentes modos de representação visual e de relações entre si se tornam padrões.

A Linguística Sistêmica-Funcional (LSF) desenvolvida por Halliday compreende a linguagem como um sistema de significados auxiliando nas análises das ocorrências linguísticas, e apresentando uma gramática baseada no conceito do uso da língua, tendo cada elemento explicado em relação a sua função. Halliday (1994) apresenta três funções para a linguagem, que são: ideacional (representação das experiências do mundo exterior e interior), interpessoal (expressão das interações sociais), e textual (expressão da estrutura e formato do texto). É importante frisar que estas são realizadas simultaneamente na língua, às vezes uma mais saliente que a outra, mas as três estão sempre presentes. A partir dessas metafunções Kress e van Leeuwen propõem uma gramática do design visual, que hoje é um dos estudos mais importantes se tratando de estrutura da informação visual em textos, e apesar de terem estabelecido equivalência entre a gramática da língua e a visual, não significa que suas estruturas sejam iguais ainda que sejam amplas. A adaptação da GSF para a GV se dá através das três metafunções (representacional, interativa e composicional) que se constituem no código semiótico da imagem. Vejamos as relações de semelhança entre as metafunções da Gramática Visual (2000) e Gramática Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1994):

Halliday	Kress e van Leeuwen	Equivalência
Ideacional	Representacional	Responsável pelas estruturas que constroem visualmente a natureza dos eventos, objetos e participantes envolvidos, e as circunstâncias em que ocorrem. Indica, em outras palavras, o que nos está sendo mostrado, o que se supõe esteja “ali”, o que está acontecendo, ou quais relações estão sendo construídas entre os elementos.
Interpessoal	Interativa	Responsável pela relação entre os participantes, é analisada dentro da função denominada de função interativa (Kress e van Leeuwen, 2006), onde recursos visuais constroem “a natureza das relações de quem vê e o que é visto”.
Textual	Composicional	Responsável pela estrutura e formato do texto, é realizada na função composicional na proposição para análise de imagens de Kress e van Leeuwen, e se refere aos significados obtidos através da “distribuição do valor da informação ou ênfase relativa entre os elementos da imagem”.

Quadro 2- As metafunções

Desse modo, tanto a Gramática do design visual (Kress e van Leeuwen, 2000), quanto a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994) acreditam que a construção de sentidos partem do uso pragmático e contextual de elaborações linguísticas próprias a

cada indivíduo. A figura abaixo, apresentada por Fernandes (2009) mostra de uma maneira clara as relações de semelhança entre as metafunções, que usaremos em nosso trabalho de avaliação dos elementos das fotografias e, em consequência, analisaremos os efeitos gerados por estes elementos.

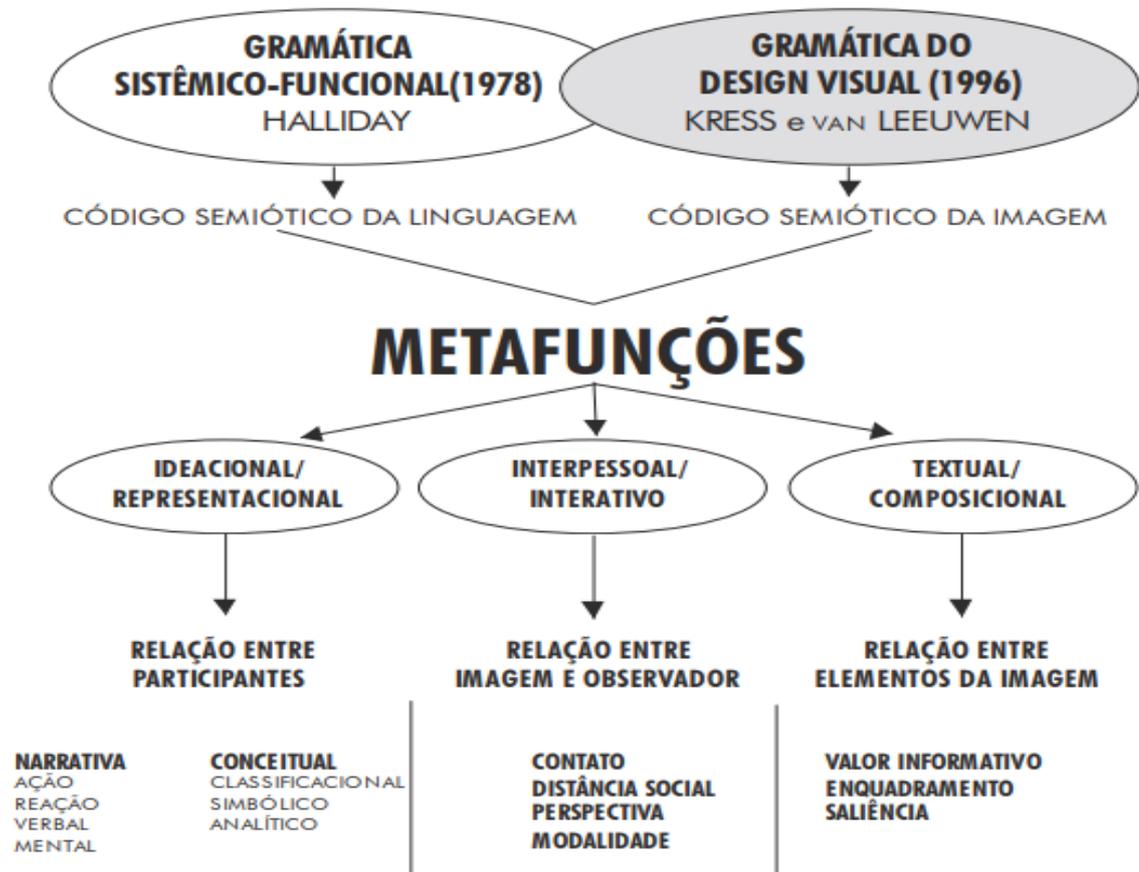


Figura 4 - A gramática visual (FERNANDES, 2009)

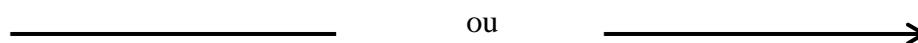
3.2 METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL

No ato semiótico os participantes podem ser categorizados de duas maneiras: como **participantes interativos** “aqueles que falam, ouvem, ou escrevem e lêem, produzem imagens ou as visualizam” (KRESS;VAN LEEWEN, 2000, p.44), ou **participantes representados** “aqueles que são o sujeito da comunicação, ou seja, as pessoas, lugares ou coisas (...) representados na fala, ou escrita, ou imagem, os participantes sobre os quais falamos ou escrevemos, ou produzimos imagens”. (ALMEIDA, 2008, p.1)

Esta função é subdividida por Kress e van Leeuwen em estrutura narrativa, quando há presença de vetores realizando ações, ou conceitual, quando há uma taxonomia, categorização, tendo os participantes representados expostos como se estivessem subordinados a uma categoria superior. A narrativa apresenta ações e eventos, enquanto a conceitual representa os participantes em suas particularidades: classe, estrutura, significado. Definem, analisam ou classificam pessoas, objetos ou lugares.

3.2.1 Representações narrativas

Para ser considerada narrativa, a representação imagética tem que conter uma ação, evento, identificado através de vetores. A partir do tipo de vetor e o número de participantes envolvidos é possível estabelecermos alguns processos narrativos, como: ação, reação, processo verbal e processo mental. Novellino (2007), baseada na Gramática Visual expõe tal procedimento através de linhas, setas e caixas. Exemplificando como ocorre o processo narrativo de ação numa imagem. As linhas e as pontas das flechas indicam a direção e o movimento dos participantes.



No caso, o vetor tem a função de realizar o processo de interação entre dois participantes, que podem ser: pessoas lugares e coisas (abstratas ou concretas) e são representadas por uma caixa.

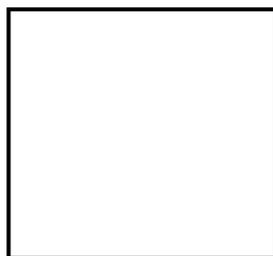


Figura 4- Quadro ou caixa: participante (Novellino, 2007)

Seguindo, temos os vetores em relação ao ator e sua meta. Podendo, a estrutura visual, ser representada da seguinte maneira:

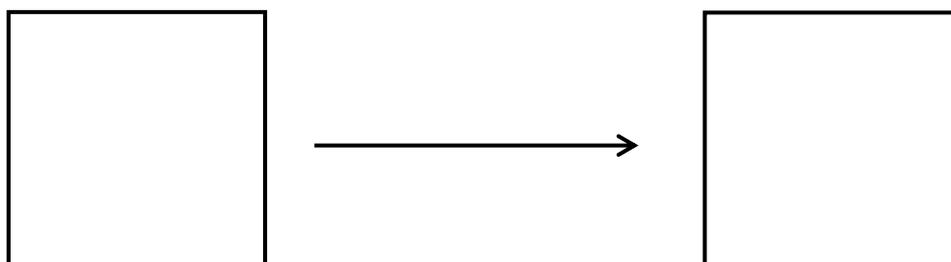


Figura 5- Quadro- seta- quadro (Novellino, 2007)
Participante- vetor- meta
Estrutura transacional

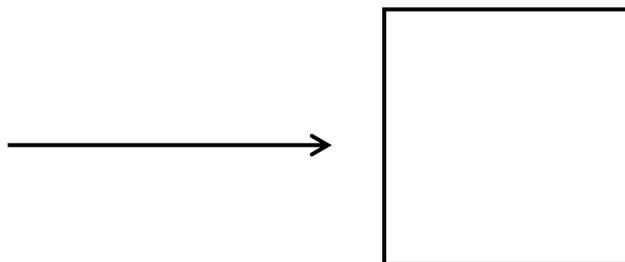


Figura 6- Seta- quadro (Novellino, 2007)
Vetor- meta
Estrutura não-transacional

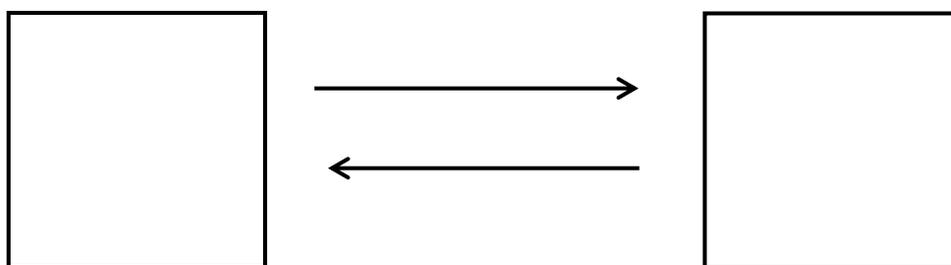


Figura 7- Quadro-seta- quadro (Novellino, 2007)
Interator-vetor-interator
Estrutura bidirecional

O ator é o participante do qual parte o vetor, no processo de ação, e geralmente é o participante mais saliente. Quando se tem apenas um ator em uma proposição narrativa visual, de modo que a ação não é direcionada a nada ou ninguém se têm uma **estrutura não-transacional**. A estrutura só apresenta ator e não apresenta meta, dispensando objetos.



Figura 8- Estrutura básica da Gramática Visual

Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)



Figura 9- Ator- Meta- Estrutura transacional

O alicate é o vetor desta ação

Fonte: Mônica Camara (*Jornal O Norte*)



Figura 10- Atores- Estrutura não-transacional

Os participantes se deslocam, mas sem direção definida

Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)

Quando há dois participantes, aquele a quem o vetor se dirige é a meta, a estrutura é chamada **transacional**. De acordo com Kress e van Leeuwen (2000), em algumas estruturas transacionais, cada participante pode representar ora papel de **ator**, ora o de **meta**. Essa estrutura é chamada de **bidirecional**, e os participantes são chamados de **interatores**.



Figura 11- Interatores- Bidirecional. Estrutura transaccional
 Cada participante representa ora papel de ator, ora de meta
 Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)

A partir do momento que o participante da ação utiliza seu olhar em direção a alguém ou alguma coisa (dentro ou fora da cena), podemos configurar como **reação** (no lugar de ação). Ao invés de ator, temos um reator, que precisa obrigatoriamente ter traços humanos. Teremos duas vertentes: **transacionais** ou **não-transacionais**. A primeira acontece quando se visualiza o alvo do olhar, e o objeto é chamado de fenômeno (no lugar de meta). A segunda ocorre quando não identificamos o alvo do olhar, neste caso há apenas um participante que olha.



Figura 12- Reator- transaccional
 O alvo do olhar é a prancheta
 Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)



Figura 13- Reator- Não transacional
 Não identificamos o alvo do olhar do reator
 Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)



Figura 14- Reator- Processo transacional
 O alvo do olhar é o leitor, o observador.
 Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)



Figura 15- Reatores- bidirecional- Processo transacional
 Cada participante ora é reator, ora fenômeno.
 Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)

Teremos os processos **verbais** e **mentais** dentro da estrutura narrativa ou acional, essa representação será feita através de balões de fala e pensamento. Nos processos em questão, o participante não será ator ou reator, mas sim **dizente** (processos verbais) e **experienciador** (processos mentais). Aquilo que o dizente fala é o anunciado e o que o experienciador pensa é considerado fenômeno.



Figura 16- Processo verbal
 Quem fala é o **dizente**. O que está contido no balão é o enunciado.
 Fonte: Mônica Câmara (*Jornal O Norte*)



Figura 17- Processo mental
 O sujeito é o experienciador, e o conteúdo do balão é o fenômeno
 Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)

3.2.2 Representações conceituais

Kress e van Leeuwen propõem que essas representações conceituais ocorrem em um processo **classificacional**, **analítico** ou **simbólico**. Nessas representações a presença de vetores não é percebida, como nas representações narrativas, pois não há

presença de participantes executando ações. Eles serão descritos a partir de classe, estrutura ou significação.

Na representação conceitual **classificacional** os participantes (ou elementos) se apresentam em grupo com características semelhantes e pertencentes à mesma ordem, grupo, ou classe. Há simetria entre os participantes da imagem, podendo ser relacionados como subordinado a uma categoria maior. Os participantes interagem entre si de forma taxonômica, onde pelo menos um grupo de participantes atua como subordinado em relação a outro participante superordinado.



Figura 18- Classificacional- taxonomia evidente

Os participantes subordinados fazem parte de uma categoria superior ou superordinada.

Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)

Segundo Kress e van Leeuwen (1996), nos processos conceituais simbólicos há uma relação configurada entre portador e seus atributos possessivos (ou simbólicos). A identidade do participante será estabelecida através de atributos que chamam atenção pelo tamanho, iluminação, cores, posicionamento, entre outros. Podem ser **atributivos** ou **sugestivos**, e em ambos haverá um portador (participante) saliente, identificado através do excesso ou falta de cor, angulação, luminosidade, entre outros.

No atributivo, o participante é destacado a partir da forma como se posiciona na imagem, com o tamanho exagerado, foco, iluminação, entre outros. Já o processo sugestivo, há apenas um portador, tendo como significado simbólico a mistura de cores, suavidade do foco, ou acentuação da luminosidade, fazendo com que os participantes apresentem contorno ou silhueta. Há certa carga de *indução significativa*, enquanto que no processo sugestivo uma *carga dedutiva*.



Figura 19- Processo simbólico- atributivo
 Pelos atributos simbólicos identificamos se tratar de um mercado de peixe
 Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)

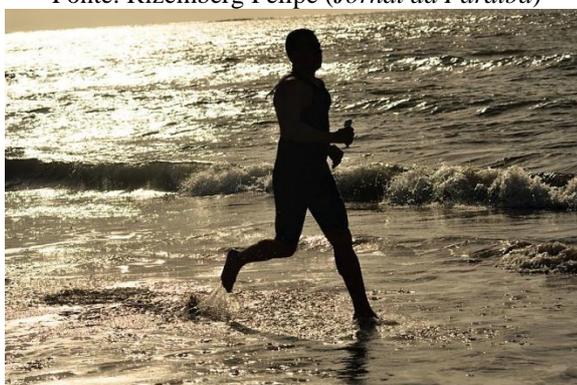


Figura 20- Processo Simbólico Sugestivo- Apresenta como característica a falta de detalhes e a atribuição de significados, que geralmente é formado por uma tonalização ou iluminação específicas, e o participante aparece, muitas vezes, como um contorno ou silhueta.
 Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)

Podemos identificar dentro da Gramática Visual as estruturas conceituais analíticas a partir da relação entre *partes* e *todo*. Temos o *todo* associado ao **portador** e os **atributos possessivos** às *partes*. Essas *partes* podem ser **estruturadas** ou **desestruturadas**. Quando as partes dispostas na imagem formam um *todo* são estruturadas, e ao pertencerem a uma ou várias partes de um *todo* podemos considerar desestruturadas.



Figura 21- Processo analítico estruturado- A boneca (o todo) é o portador, e cada membro (parte do todo) são atributos.

Fonte: Mônica Câmara (*Jornal O Norte*)



Figura 22- Processo analítico desestruturado- Bonecos feitos e pintados à mão (portadores), os retalhos de pano (atributos) pertencem a uma das partes que compõem os bonecos.

3.3 METAFUNÇÃO INTERATIVA

Na metafunção interativa é estabelecido estratégias de aproximação ou afastamento do produtor do texto em relação ao seu leitor, buscando estabelecer um elo entre ambos. Podemos apontar quatro recursos utilizados no processo: **contato**, **distância social**, **perspectiva**, e **modalidade** (ou valor de realidade). (KRESS & VAN LEEUWEN, 2000).

3.3.1 Contato

O contato é caracterizado pela relação que existe entre o participante representado e o leitor (participante interativo). Temos uma afinidade social quando o olhar do participante representado se dirige ao olhar de quem observa a imagem, mostrando maior proximidade ou interatividade entre quem está “dentro” e “fora” da imagem. Considerada demanda por Kress e van Leeuwen (1996), o que está posto na

composição da imagem exige do leitor uma resposta ao que lhe é apelado, o participante retratado apresenta gestos e atitudes imperativas, como “obedeça-me!”, “pare!”, “silêncio!”, entre outros.



Figura 23- Contato- Demanda
Olhar dirigido ao espectador, “afinidade social”.
Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)



Figura 24- Contato- Demanda
“Faça silêncio”- Imperativo
Fonte: Mônica Câmara

Porém, se o *leitor/observador* não tiver contato com o olhar do participante da imagem configura uma **oferta** no lugar da demanda. Dessa forma, nenhuma relação é criada entre o observador e o participante da imagem, oferecendo o elemento de informação ou objeto para contemplação de forma impessoal.



Figura 25- Contato- Oferta
Impessoalidade (entre observador e observados).
Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)

3.3.2 Distância Social

Na categoria para significados da imagem, distância social, temos um processo de interação dos participantes representados na imagem criando uma relação imaginária de maior ou menor aproximação entre participante representado e leitor. Kress e van Leeuwen utilizam planos para a formatação da linguagem que sintetizem a relação: **plano fechado** (*close shot*), **plano médio** (*médium shot*), e **plano aberto** (*long shot*).

Temos no **plano fechado** o participante representado da linha dos ombros para cima, o que favorece com maior detalhe o rosto, as expressões faciais, proporcionando ao leitor uma leitura mais próxima do retratado, tornando-os íntimo.



Figura 26- Distância Social – plano fechado ou close up
Proximidade com o participante representado.
Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)



Figura 27- Distância média
Nem proximidade, nem distanciamento
Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)



Figura 28- Distância longa
Impessoalidade, distanciamento
Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)



Figura 29- Ângulo frontal
Envolvimento
Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)



Figura 30- Ângulo oblíquo

Não envolvimento- personagens são retratados de perfil ou com olhar desviado da direção do observador

Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)



Figura 31- Câmera alta ou ângulo alto

O observador detém o poder

Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)



Figura 32- Câmera alta ou ângulo alto

Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)



Figura 33- Câmera baixa ou ângulo baixo
Poder dos participantes representados sobre o observador
Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)

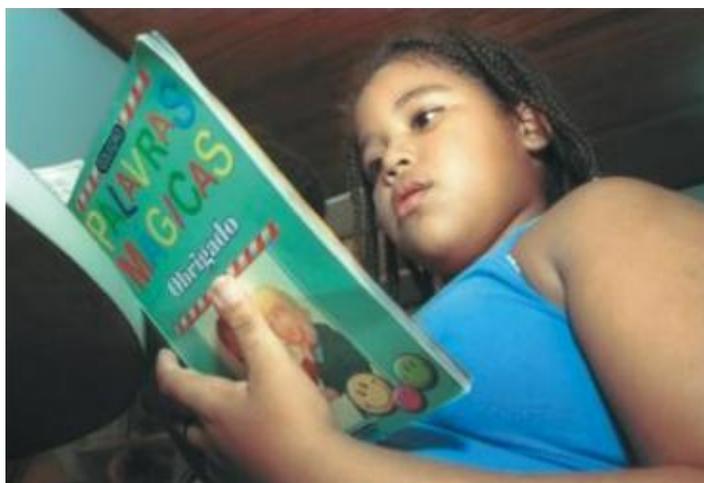


Figura 34- Câmera baixa ou ângulo baixo
Fonte: Mônica Câmara (*Jornal O Norte*)

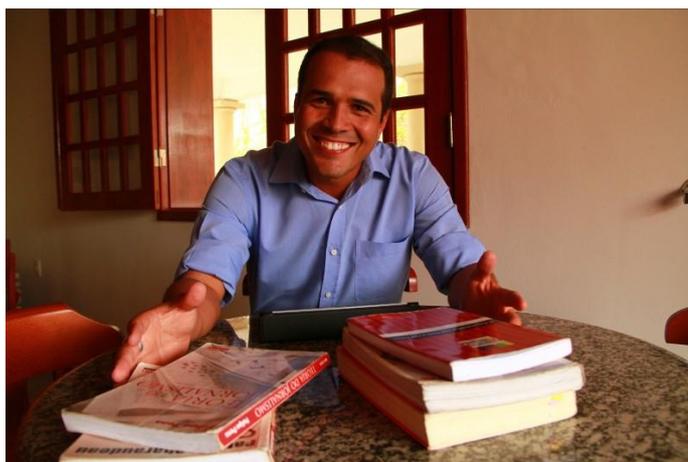


Figura 35- Câmera nivelada ao olhar do observador
Igualdade
Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)



Figura 36- Utilização da cor

Modalidade naturalista

Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)



Figura 37- Contextualização

Profundidade, perspectiva

Fonte: Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)



Figura 38- Iluminação

O jogo de luz nos dá silhuetas- modalidade sensorial

Fonte: Mônica Câmara (*Jornal O Norte*)



Figura 39- Brilho

Brilho em ponto específico na imagem.

Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)

3.4 METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL

Através das imagens percebemos uma força capaz de atrair o olhar do espectador, um elemento de impacto que gera uma satisfação ao analisar a imagem. Inicialmente podemos pensar na composição como uma série de estratégias visuais empregadas para atingir o leitor, e a intenção é que ele compreenda de forma eficiente a fotografia. Nesta metafunção as junções dos elementos inclusos nas estruturas visuais representacionais e interacionais terão correlação. Temos a composição como uma sintaxe visual, distinguindo da sintaxe linguística por se tratar de um processo sem fórmulas definidas, mas com uma série de elementos recorrentes e bem definidos. Cada elemento incluso ou excluído na imagem, a maneira como estarão dispostos, formarão uma rede de conexões significacionais. Portanto, teremos o **valor da informação**, a **saliência** e a **estruturação** como fatores composicionais que estabelecerão ordem e relevância dentro do discurso visual.

3.3.1 Valor de informação

O posicionamento de cada elemento dentro da imagem estabelece aspectos que compreende um valor de informação. A relação que há entre a área interna e a área externa da fotografia é desafiadora, e convém para que o espectador imagine o que existe além da imagem, e que seja conduzido através desse processo rico e intenso que a fotografia pode proporcionar, pois cada elemento que constitui a imagem deve ter seu valor e sua importância trazendo coerência visual para o nosso olhar. Essa visão depende da relação entre os elementos vistos em grupo, não se trata apenas da

quantidade deles, mas dos grupos que o formam. Dessa maneira, temos uma quantidade total de objetos que podem ser visualizados e identificados estabelecendo um senso de simplicidade e complexidade, bem como de ordem e desordem. O valor de informação pode ser obtido a partir da disposição dos elementos através das posições esquerda /direita; topo /base; centro /margem.

Ao estruturar uma realidade caótica, uma foto pode impor organização e tornar essa realidade mais acessível. Como a função da câmera é comprimir um mundo tridimensional em uma superfície bidimensional, o ponto de vista do fotógrafo pode ampliar ou reduzir certos detalhes, criar relações visuais singulares em uma cena ou produzir várias distorções e efeitos (DILG, 2016, p. 74). Para compreender melhor os elementos na imagem e seus valores de informação, temos o quadro a seguir:

POSICIONAMENTO DOS ELEMENTOS	VALORES DE INFORMAÇÃO
Lado esquerdo	Consta o elemento já <i>dado</i> , conhecido pelo leitor /observador
Lado direito	O elemento é considerado <i>novo</i> para o leitor /observador, uma informação-chave.
Topo	Oferece a informação ideal, na parte superior da imagem apelando para a imaginação do leitor /observador.
Base	Traz as informações reais, concretas, ou o que a imagem denota para o leitor /observador.
Central e Marginal	O central configura o núcleo da informação; e o marginal os elementos que são subordinados.

Quadro 3- Baseado em Barbosa (2008)

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006) os núcleos esquerda/direita contém, respectivamente, a informação dada e nova. A dada é a informação já conhecida, familiar, sobre a qual o leitor/observador tem conhecimento. Já a nova é a informação não conhecida, o polo esquerdo abriga, normalmente, o lugar-comum e a direita o problemático.

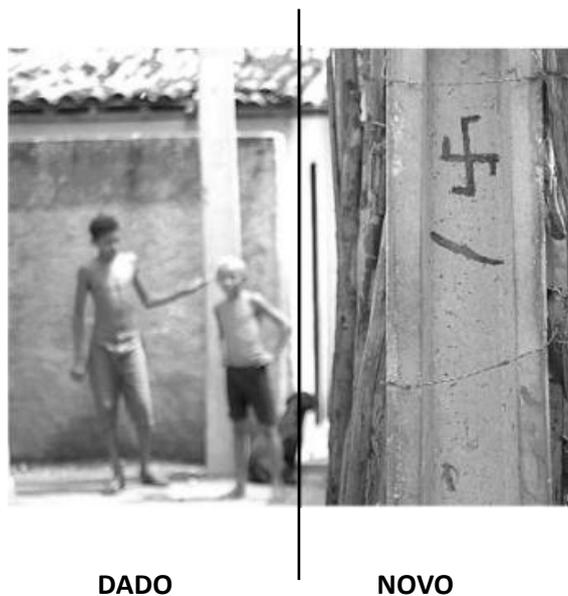


Figura 40- O dado conhecido: crianças andando em uma comunidade. O novo é o símbolo nazista, no caso a suástica.

Fonte: Mônica Câmara (**O Norte**)

O que é concebido como *ideal* e *real* é a relação topo/base, situada na base vertical. A informação contida na parte superior da estrutura visual, o topo, apresenta uma situação idealizada, posicionada acima do que é acessível e praticável pela base, o real e concreto.



Figura 41- Valor de informação: parte superior (ideal) e parte inferior (real).

Fonte: Francisco França (*Jornal da Paraíba*)

3.3.2 Saliência

A saliência é o elemento da estrutura visual que mais chama a atenção do observador, é componente chave na composição da fotografia, pois afeta a percepção do espectador e a importância percebida dos elementos em uma imagem. Podemos observar que há uma hierarquia visual quando analisamos os componentes de uma imagem e como se inter-relacionam, podendo haver máxima ou mínima saliência respeitando a disposição dos elementos em primeiro ou segundo plano na imagem. Ela pode dar ênfase ou atrair elementos inesperados ou exagerados, e também pode ajudar a reforçar um ponto central ou abstrair em uma imagem. O grau de saliência não é só pela localização dos elementos que compõem a cena, mas pelas suas proporções, contraste, brilho, perspectiva, entre outras.

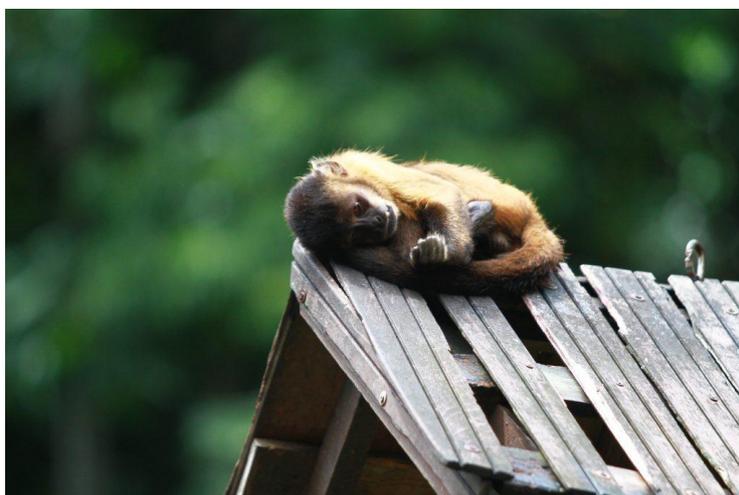


Figura 42- Saliência

O macaco se destaca na imagem.

Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)

3.3.3 Estruturação (enquadramento)

A estruturação é revelada pela conexão e desconexão dos elementos que compõem a imagem. Na hora de criar uma imagem a intenção do fotógrafo é expressa a partir do momento que escolhe a área que será fotografada, pois são múltiplas as possibilidades. A questão não é o que será mostrado, mas também o que ficará de fora do enquadramento. A fim de definir uma área que busca o processo de ver e rever a fotografia, até compreender que elemento, ao ser isolado, pode ter a expressão intensificada. Essa etapa, porém, significa eliminar os objetos que chamem atenção, pessoas irrelevantes para a cena, além de elementos de dispersão.

Os fotógrafos detectam a luz correta, a combinação dos eventos e a composição para criar uma coesão visual. Usam linhas como elemento na composição, introduzindo movimento, emoção, dimensão, e profundidade na imagem, que fluem acrescentando um nível emocional. Porém, a ausência de unidade e individualidade dos elementos da fotografia estabelecem **conexão** e estruturação fraca se os seus componentes estejam dispostos em uma direção ininterrupta, por meio de cores e formas similares, vetores conectivos, provocando um sentido de identificação de grupo (BARBOSA et. al;2008, p.08).

Se há uma configuração em que os elementos composicionais ou de vários deles, como se parte da imagem estivesse separada do restante da cena, o processo é de **desconexão** com a estruturação forte, pois os elementos apresentam-se como se independessem entre si.

As qualidades estéticas formais da câmera, combinadas com a tecnologia em que se baseiam, criam um espaço cheio de contradições e perguntas para o fotógrafo explorar. O contraste entre a subjetividade do fotógrafo e a objetividade aparente da câmera é uma questão fundamental. Enquadramento e composição seletivos podem criar conexões ou justaposições que talvez revelem um significado mais profundo.



Figura 43- Estrutura Fraca- Conexão

Os elementos da imagem estão interligados, o fundo ajuda a compor, assim como a cor e o movimento.

Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)



Figura 44- Estruturação forte- Desconexão
Contraste nas cores, os ipês se destacam.
Fonte: Rizemberg Felipe (*Jornal da Paraíba*)

CAPÍTULO 4

4 O DISCURSO IMAGÉTICO

O capítulo que aqui se inicia, tem como objeto de estudo o fotojornalismo paraibano, tomando como seu objeto empírico três fotógrafos de reconhecida notoriedade no meio jornalístico, que são: Francisco França, Mônica Câmara e Rizemberg Felipe. A intenção é por em evidência e analisar as relações sógnicas que se fazem presentes em fotos publicadas em jornais impressos, assim como verificar os sentidos que essas fotografias manifestam e o teor estético que elas tratam.

Compreendendo o caráter de uso social da língua presente no discurso fotojornalístico, nos ancoraremos nas propostas de uso e contextualização da Gramática Visual (GV) estruturada por Theo van Leeuwen e Gunther Kress (1996, 2000), através de suas modalidades sintático-visuais baseadas em Halliday (1994). Fundamentada nos aspectos funcionais da linguagem e nas hipóteses teóricas de Halliday em sua Gramática Sistêmico-Funcional. Kress e van Leeuwen relacionam as metafunções (representacional, interacional, e composicional) na GV e as correspondentes hallidayanas (ideacional, interpessoal e textual) refletindo na estrutura do discurso imagético.

Ao longo da história dos veículos de comunicação paraibano, a fotografia foi responsável por passar força e tradição através de uma cultura fotográfica, considerando a existência dessa cultura com o desenvolvimento de técnicas e singularidades temáticas que representam um povo. Que não se restringem apenas a bagagem cultural dos fotógrafos, mas também a prática social incorporada ao modo como representamos o mundo. A forma como se vê a fotografia, principalmente através dos interesses de quem a fotografa, as tornam únicas e emocionantes. Podemos perceber que as mais incríveis partem de interesse, paixão e curiosidade dos fotógrafos, mais do que estar no ambiente e tirar a foto, é a forma que se sente ao fazê-la, que possa envolver e tocar emocionalmente as pessoas.

Para o fotógrafo e escritor David du Chemin (2017) a visão é algo que muda junto com a pessoa e reflete na fotografia, pois há a necessidade do novo, de novos olhares, de termos o que dizer. Mais do que um meio de registrar o que foi visto, a câmera tem a missão de esclarecer. E a magia está em identificar o enquadramento, excluindo elementos e ângulos, levando do caos a ordem em uma espécie de sintonia.

Esse é o nosso ofício. Pintar com luz, em fragmentos de tempo, dentro do enquadramento da imagem. Ele se torna arte quando essa combinação diz algo de forma única. (duCHEMIN, 2017, p.8)

Nesse processo, percebemos que os fotógrafos registram essa visão de maneira particular, mas que não impede que o ponto de vista de cada um se una com a expectativa do meio massivo (jornal) ou o meio social os quais representa. Existe na produção de uma imagem fotojornalística um construto simbólico, vinculado ao ambiente de quem o constrói, como de quem lê/vê. Dessa forma, podemos pensar a linguagem visual como na linguagem falada, com um vocabulário, gramática e sintaxe que permite passar uma mensagem e ser compreendido. Quanto melhor for o domínio dos instrumentos, mais poderosa será a comunicação. Então, quais são os elementos da semiótica e da Gramática do Design Visual que podem ser vistas nas peças fotográficas selecionadas?

Como contadores de histórias, os fotógrafos selecionam cada elemento que fará parte do quadro. Se algo não pertence ao enquadramento se deve a exclusão feita por eles, decisão que é feita antes do clique. Se pensarmos em um lugar da cidade, com duas pessoas conversando e tomando um café, podemos perceber que alguns momentos serão mais intensos que outros, ou mais monótonos, podem ter muitos gestos. É através da prática que o “melhor momento” de Cartier- Bresson será mais fácil de ser assimilado.

Com as novas tecnologias os fotógrafos tem acesso a um arsenal de equipamentos como lentes, câmeras, tripés, computadores, softwares e dispositivos que ajudam na hora da composição da fotografia, porém a fotografia é uma busca artística. Eles procuram através da visão criar uma imagem que seja transmitida a paixão por exercer a profissão. As pessoas não vão se importar se as fotografias serão criadas por uma Nikon ou Canon, querem que a fotografia as emocione, porém, um bom equipamento faz a diferença.

A inspiração dos fotógrafos que fazem parte do estudo vem dos elementos observados no cotidiano, das paisagens, das riquezas e alma de um lugar. Porém, o elemento central para escolha das peças fotográficas se deu por retratar a miséria humana, tendo como cenários: um lixão através da fotografia “Urubu rei”; uma cena de crime pela foto “O amor é o dom maior! Ame...”; e a infância indesejada em uma comunidade com a imagem “Filhos do lixão”. As três imagens foram premiadas e

destacadas no cenário do fotojornalismo e serão analisadas posteriormente. Mostrarão-nos que a forma como estão relacionados entre si os elementos visuais e a distribuição no espaço visual constituem componentes chaves para compreendermos os discursos que permeiam a representação dos assuntos socialmente significativos nas peças fotojornalísticas.

4.2 ANÁLISE: URUBU REI



Fig. 45- Fotografia feita para o jornal *o Norte*, matéria no lixão do Roger em 2001.

A fotografia *Urubu Rei*, primeira imagem analisada neste capítulo, faz parte da produção fotojornalística de Mônica Câmara e foi publicada no jornal *O Norte* em 19 de outubro de 2001. Assim como a próxima imagem, *Urubu Rei* tem como cenário o lixão do Róger, que ficava localizado na cidade de João Pessoa, e tornou-se um dos maiores depósitos de lixo a céu aberto em área urbana do país. A área ocupava aproximadamente 17 hectares e recebia em torno de 1 mil toneladas de detritos diariamente. Para a fotógrafa, a grande questão ao chegar ao lixão, era: como falar sobre tal assunto se já haviam abordado no jornal tantas vezes? E como o material, em formato de denúncia, faria a diferença? E uma das metas do jornal era que houvesse o fechamento do lixão.

A visão da fotógrafa sobre o jornalismo, é que se não tivesse denúncia, não existiria sentido da profissão. É como uma espécie de trabalho messiânico em que o fotógrafo precisa cumprir sua missão, para que de alguma forma ajude a melhorar o mundo. E caso não melhore o mundo, que melhore a si mesmo. Câmara tem muitas influências literárias, poéticas, e expõe que todas essas referências influenciam no seu ato de fotografar. Quando está produzindo uma foto vêm algumas frases em sua mente que é reflexo dessas referências, e dos seus livros de cabeceira. No caso da foto “Urubu Rei”, pensou na obra “Os miseráveis” de Victor Hugo e se questionou quem são os verdadeiros miseráveis, pois na obra se cria um elo com os conflitos e injustiças das classes sociais, que podemos observar semelhanças em nossa sociedade. Outras influências que aborda: a bíblia, desde criança seus pais a colocavam para ler, e obras de Manuel Bandeira, como “O bicho” e “libertinagem”.

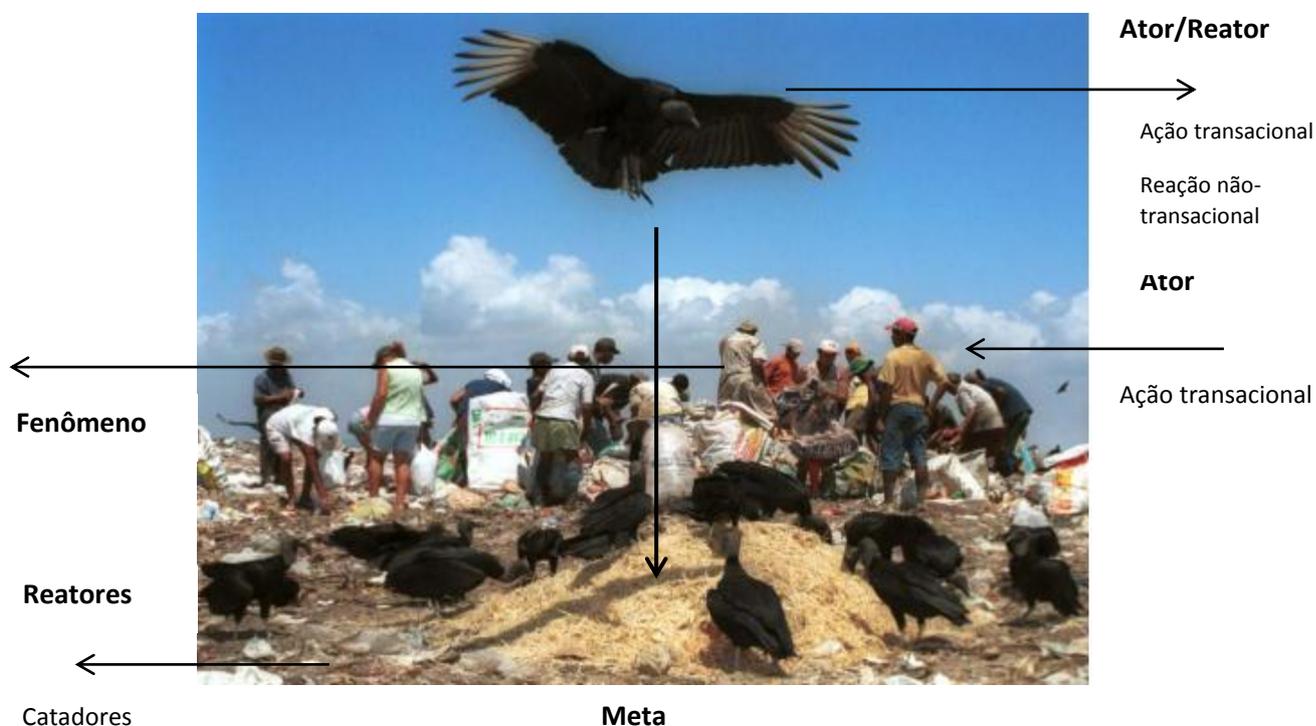
A fotografia, em um plano geral, nos mostra a ambientação e o processo de sobrevivência de uma comunidade dentro de um lixão. Homens, mulheres, urubus, e lixo compõem a imagem, porém um urubu de asas abertas descendo em seu voo se apresenta de forma saliente. Abordado no capítulo anterior, Kress e van Leeuwen propõem três estruturas de representação constituindo uma gramática visual. Na estrutura **representacional**, temos a descrição dos participantes em uma ação; na **interativa**, relações entre participantes representados e o observador, e na **composicional**, a combinação de todos os elementos. A fotografia em questão, nos mostra uma série de processos que acontecem ao mesmo tempo. Em primeiro lugar, temos um urubu dominando a cena, e em torno dele a narrativa se dá, pois faz o observador desviar sua atenção para aquilo que chama atenção. Temos também dois grupos interativos, que constitui de catadores ao fundo da imagem, e um grupo de urubus à frente. Na cena há diferenças e consensos, em que homens e urubus disputam e respeitam o espaço, todos em prol da sobrevivência.

Fotografar é selecionar, quando a fotógrafa decide tirar a foto, com uma lente 24 mm, enquadra um fragmento da realidade no visor de sua câmera, excluindo o que está fora da área que a lente capta. Ao observar esta imagem, vemos o que está dentro do enquadramento, e a primeira coisa vista, o urubu, está no meio da imagem. Toda a ação está acontecendo dentro do quadro e não instiga o espectador a imaginar uma realidade maior, pois as bordas não contêm informações cruciais sobre o assunto, ou a ação em geral. Porém, as vezes, acontece do enquadramento sugerir uma realidade

maior como se houvesse uma abertura em um mundo fora dele, e o espectador é instigado a imaginar esse mundo. Dessa forma, o enquadramento contribui para o sentido da foto e pode até mudá-la completamente.

O *timing* perfeito faz parte da profissão, e a grande maioria das fotografias depende disso, é fundamental que um fotógrafo saiba com certeza ou por intuição a melhor forma de combinar os elementos para uma boa imagem, como é o caso da *Urubu Rei*. A fotógrafa estava observando tudo ao redor, já tinha analisado algumas fotografias de colegas de trabalho e alguns livros como referência e se aproximou da cena para captar o melhor ângulo para criar a narrativa.

4.1.1 Representação



Uma câmera vê todos os detalhes, então elementos que não percebemos podem tornar-se dominantes quando vistos em uma foto. A noção sobre o lugar torna-se uma preocupação fundamental da fotografia, e a capacidade da câmera em registrar os detalhes de uma imagem é uma das características definidoras dessa mídia. *Urubu Rei*, inicialmente constitui uma composição de contornos narrativos, a presença de atores e vetores nos indicam as ações que estão sendo realizadas.

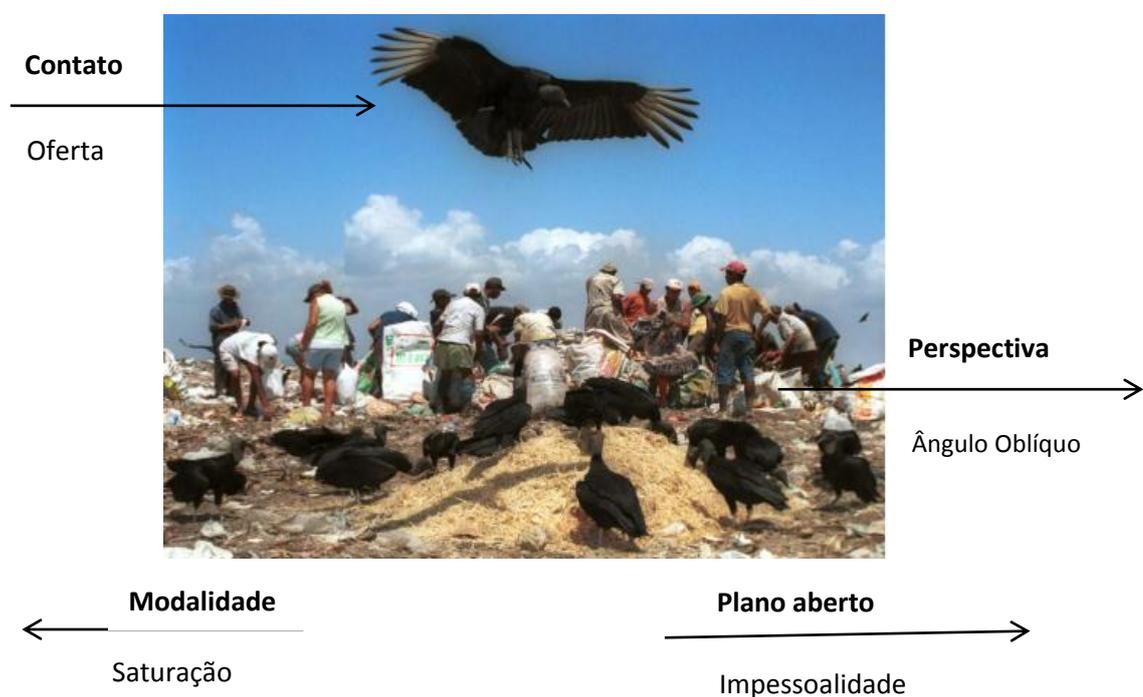
Podemos perceber que os participantes (atores) estão interligados aos objetos (meta) que compõem a cena. São catadores (atores) que apanham o lixo (meta), urubus

(ator) que se alimentam (meta), enquanto que um mais saliente sobrevoa o local. Nessas ações temos uma representação narrativa transacional, mesmo que identifiquemos no urubu rei desdobramentos de uma ação, que é sobrevoar, e uma reação, olhar para o lado. Configurando uma ação de estrutura **transacional** e uma reação de estrutura **não-transacional**.

Por termos uma narrativa com tantos elementos distintos, observamos a presença do processo reacional em alguns participantes representados. Porém, não identificamos para onde alguns desses participantes, que são reatores, estão olhando dentro da cena. Então podemos considerar que também se trata de uma representação narrativa de **reação não-transacional**.

Constatamos que no processo de distribuição dos elementos dentro da imagem podem conter processo de estrutura conceitual, aliados aos processos classificacionais. Processo que ocorre quando há uma taxonomia e os participantes representados se apresentam como se estivessem subordinados a uma categoria superior. Essa taxonomia é denominada coberta (covert), podemos considerar que os participantes da fotografia estão subordinados a uma classe de sujeitos que trabalham com o lixo. Podemos também analisar que o Urubu Rei contém a representação conceitual simbólica, o atributo simbólico pode ser levado a uma configuração subjetiva, outra ave de rapina como a águia que é o símbolo da maior nação capitalista, os Estados Unidos.

4.2.1 Interação



São vários os elementos presentes na cena, mas nenhum deles interage diretamente com o leitor/observador. Temos um urubu que se apresenta como ator/reator, e o lixo como meta da ação executada por ele, e seu olhar é a esmo. Em relação as estratégias de aproximação/afastamento com o leitor, que são estabelecidas através do contato, distância social e perspectiva angulares, destacamos que todos os elementos representados na imagem estão em posição de oferta. Não há interação entre eles, e muito menos com quem observa.

Percebemos que os vetores não conectam os participantes e o leitor. Além disso, existem muitos participantes na imagem, mas nenhum deles se sentem incomodados pelas lentes da fotógrafa. Dessa forma, temos um objeto de contemplação do observador em relação ao participante representado. Nenhum deles estabelecem relação de interatividade com quem está fotografando, ignorando a presença. Também conferimos impessoalidade ao vermos a angulação da perspectiva captada durante o sobrevoo da ave.

4.1.3 Composição



Na metafunção em questão observamos o posicionamento de cada elemento conjugado na imagem, compreendendo um valor informativo de significação. Temos como valores informativos o ideal/real. Em relação ao ideal, vemos na parte superior da

imagem o urubu. O urubu não é só ator dessa narrativa, como também o elemento de maior saliência na cena. Não por acaso que foi colocado na parte superior da imagem. Os elementos marginais agregam ainda mais sentido e estranhamento a composição. A ave ganha mais saliência na imagem devido à composição, o céu limpo em contraste com a sua cor escura, o seu tamanho e envergadura das asas.

Por fim, esta imagem possui estruturação composicional forte, apresentando desconexão entre os objetos que a constituem. Apesar de tantos elementos presentes, todos são facilmente identificáveis, auxiliando na leitura dos elementos comuns presentes na fotografia. A seguir apresentaremos de forma resumida os elementos da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (1996):

Metafunção ideacional/ representacional Natureza dos eventos representados pela imagem	
Participantes	Urubu, homens, mulheres, lixo. Urubu como ícone central.
Processos	Pessoas catando lixo, urubus comendo lixo ou sobrevoando: processo acional e transacional. Participantes só observando: processo reacional não-transacional.
Circunstâncias	O céu, lixos, pessoas, nuvens, são elementos coadjuvantes que compõem a imagem.

Quadro 4- Metafunção representacional (baseada em KRESS e van LEEUWEN, 1996)

Metafunção interpessoal / interativa Natureza das relações sociointeracionais construída pela imagem	
Contato interacional	Os participantes não se incomodam com o observador, constituindo uma oferta.
Distância Social	Plano aberto (long shot), relacionado a impessoalidade, afastamento.
Perspectiva	Predomina o ângulo oblíquo, não envolvimento e contra-plongée, poder do participante representado.

Modalidade ou valor da realidade	Naturalista, com a luminosidade, saturação das cores e profundidade de campo.
---	---

Quadro 5- Metafunção interativa (baseada em KRESS e VAN LEEUWEN, 1996)

Metafunção textual/ composicional Significações construídas pela imagem	
Valor de informação	Urubu no centro e topo é dado de relevância e saliência. Na parte inferior da imagem o dado real, com urubus fazendo refeição.
Estruturação	Enquadramento forte com elementos facilmente identificáveis.
Saliência	O urubu é o elemento de maior saliência na imagem.

Quadro 6- Metafunção composicional (baseada em KRESS e VAN LEEUWEN, 1996)

4.3 FILHOS DO LIXÃO



Fig. 46 –Fotografia de Rizemberg Felipe, publicada no Jornal da Paraíba em 2012, e ganhadora do prêmio Criança PB. Fonte: Jornal da Paraíba.

A imagem *Filhos do lixão* é a segunda analisada neste capítulo, e faz parte da produção jornalística do repórter fotográfico Rizemberg Felipe. Publicada no *Jornal da Paraíba* em 2012, em uma matéria que denunciava a falta de infraestrutura de um local insalubre, no caso, o antigo lixão do Roger, e recebeu o prêmio Criança PB promovida pela Secretaria de Desenvolvimento Humano do estado, que tinha como tema a “Infância e adolescência como prioridade absoluta”.

Assim como a imagem anterior, temos como cenário o antigo lixão do róger, localizado na cidade de João Pessoa. O acúmulo de lixo constituiu uma comunidade em torno do lixão, e fez com que algumas famílias se adaptassem ao local, utilizando como meio de sobrevivência. O que recolhiam era para ser vendido ou para a própria alimentação. Muitas vezes as crianças achavam brinquedos para a diversão em meio aquele caos.

A fotografia em questão foi produzida em cores, em um plano aberto (long shot), nesse tipo de enquadramento temos uma cena mais abrangente, podemos perceber que os personagens estão distanciados, tornando a composição mais impessoal. Plano aberto significa um maior estranhamento entre observador (participante interativo) e participante representado. A imagem nos mostra através das crianças e o ambiente sobre as condições de higiene do local, assim como a condição precária de sobrevivência de uma comunidade.

Tomando as estruturas de Kress e van Leeuwen (1996, 2000) para relacionar os elementos da Gramática do Design Visual, temos as estruturas Representacional, Interativa e Composicional que serão abordadas a seguir.

4.2.1 Representação



A **função representacional** é adquirida na imagem através dos participantes representados, no caso, as duas crianças que fazem parte como personagens. Cabendo a subdivisão de Kress e van Leeuwen em estrutura narrativa, quando há a presença de vetores indicando que ações estão sendo realizadas. A criança que está mais saliente na imagem, que vemos apenas as suas pernas, faz parte como ator na narrativa visual, de modo que a ação é direcionada a nada, ou ninguém. Portanto trata-se de uma estrutura não-transacional, a estrutura só apresenta o ator e não apresenta a meta, dispensando objetos.

Porém, a ação desenvolvida pela criança que está ao fundo da imagem se dá através do olhar dentro da cena, ocorrendo uma **reação**. Percebemos que ela está segurando um brinquedo e olhando para a criança saliente na imagem, que participa da estrutura não-transacional. Vale lembrar que nesse processo os atores serão os reatores, e se identificamos para onde está olhando, consideraremos como uma reação transacional. Essa reação se realizará através do vetor formado por uma linha do olhar fixo da participante.

Dentro desse processo representacional, temos um composto de estrutura narrativa e conceitual. No processo de narrativa a ação e reação são encontradas, e na conceitual a presença do processo classificacional, onde as crianças fazem parte de categorias superiores. Elas fazem parte de um grupo de crianças que brincam no lixão e não de crianças que estão estudando, ou recebendo tratamentos médicos, por exemplo. Ainda fazendo parte da estrutura conceitual, teremos o processo simbólico entre portador (crianças que brincam) e atributos possessivos (infância, inocência).

4.2.2 Interação

Distância Social

←
Plano
médio



→
Contato

Oferta

↙
Perspectiva

ângulo
oblíquo

Segundo a GV, a partir das relações sociointeracionais, o **contato**, a **distância social** e a **perspectiva** são recursos estratégicos usados para estabelecerem um maior ou menor grau de aproximação ou afastamento do produtor do texto em relação ao seu leitor, buscando estabelecer um elo de ligação entre ambos.

Em relação à categoria **contato**, na fotografia em questão os personagens não olham diretamente para o observador, deixando de ser o sujeito do ato de olhar para se tornar objeto do olhar daquele que o observa. Nesse caso há uma oferta, pois os participantes se tornam elementos de informação ou objeto de contemplação, de maneira impessoal e nenhuma relação é criada entre eles.

Podemos analisar a exposição dos personagens para longe ou perto do leitor através da categoria da distância social. A interação dos atores cria uma relação imaginária com o espectador de maior ou menor distância social entre estes e os observadores. Na imagem em questão, consideramos uma **distância longa** (long shot) trazendo impessoalidade, estranhamento por parte dos participantes.

Outra categoria analisada na imagem é a **perspectiva**, que constitui o ângulo, ou ponto de vista, em que os atores são mostrados. Três são as angulações básicas: frontais, oblíquas e verticais, tendo a composição em questão o ângulo oblíquo mostrando o personagem estabelecendo uma sensação de alheamento, “deixando implícito que aquilo que vemos não pertence ao nosso mundo” (KRESS, VAN LEUWENN, 2000 apud ALMEIDA, 2008, p.4).

O último conceito da interação, que é a **modalidade**, pode ser vista na fotografia de Rizemberg. Ele opta por utilizar a cor na imagem, e apesar do lugar não ser propício a cores, ela dá vida a fotografia e ao ambiente através das vestimentas dos personagens, brinquedo e cartazes ao fundo. Para Paul Lowe (2017) a cor tende a ser mais visceral e adiciona claramente um nível extra de descrição pura. Escolher a cor ou o intervalo de exposição adequado para corresponder à sensação da cor e tonalidade da imagem final pode ter um efeito emocional ou psicológico significativo. A cor muda a atmosfera de uma imagem.

4.2.3 Composição



Na metafunção composicional é pertinente analisar o posicionamento de cada elemento da imagem, compreendendo o valor informativo de significação. Observando a estrutura, direita/esquerda; topo/base; centro/margem; podemos perceber as valorações pelo simples fato de estar em uma dessas áreas. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), os elementos que estão posicionados ao lado esquerdo são apresentados como dado e a direita como novo.

A justaposição de objetos de tamanhos diferentes no primeiro plano e no fundo de uma imagem ajuda a criar profundidade. Dessa maneira, o elemento de maior destaque visual são as pernas da criança, que mostram uma péssima qualidade de vida através da sujeira e possíveis doenças em sua pele. Torna-se participante e elemento de maior **saliência** na cena, tendo os elementos marginais complemento de sentido à composição. Como a criança que está ao fundo, segurando um brinquedo, e possivelmente tranquila por poder brincar, mesmo que em condições precárias, contrariando a natureza do ambiente.

Por fim, temos em *filhos do lixão* uma estruturação (enquadramento) composicional forte, apresentando a desconexão criada pela presença de estruturação, com o contraste e cores salientados, afirmando um sentido de individualidade e diferenciação à imagem (estruturação forte). A maneira como o fotógrafo impõe ordem na fotografia entre os participantes e o plano de fundo influi na maneira com que a foto é percebida pelo espectador, mas apesar dos vários elementos da imagem, todos são

facilmente identificáveis. Podemos reconhecer particularmente o potencial do fundo que expressa o caráter do tema, pensando na composição com os personagens da melhor forma na cena.

Nas tabelas a seguir, mostraremos de forma simplificada as análises feitas na fotografia *filhos do lixão*, do fotógrafo Rizemberg Lima, publicada no *Jornal da Paraíba* no ano de 2012. Aplicadas a partir da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (1996)

Metafunção ideacional/ representacional Natureza dos eventos representados pela imagem	
Participantes	Duas crianças, tendo uma maior saliência.
Processos	Processo não transacional.
Circunstâncias	Elementos que compõem a imagem junto com o ícone central, como a criança ao fundo da imagem, brinquedo, o muro, cartazes, o chão e a árvore.

Quadro 7- Metafunção representacional (baseada em KRESS e van LEEUWEN, 1996)

Metafunção interpessoal / interativa Natureza das relações sociointeracionais construída pela imagem	
Contato interacional	Os participantes não parecem incomodados com as lentes do fotógrafo / observador. Kress e van Leeuwen (1996) se referem como oferta , marcada pela indiferença dos atores.
Distância Social	Plano aberto (<i>long shot</i>) trazendo impessoalidade, estranhamento por parte dos participantes.
Perspectiva	Sensação de alheamento através do ângulo oblíquo .
Modalidade ou valor da realidade	Estruturação forte: contraste e cores salientes

Quadro 8- Metafunção interativa (baseada em KRESS e VAN LEEUWEN, 1996)

Metafunção textual/ composicional	
Significações construídas pela imagem	
Valor de informação	As crianças são apresentadas como dado e o outros elementos que compõem o fundo da imagem como novo.
Estruturação	Forte- apesar de ter vários elementos na cena, todos são facilmente identificáveis.
Saliência	A criança, que tem as suas pernas aparecendo no início da imagem constitui a saliência.

Quadro 9- Metafunção composicional (baseada em KRESS e VAN LEEUWEN, 1996)

4.3 ANÁLISE: O AMOR É O DOM MAIOR! AME...



Fig. 47- Foto publicada no Jornal da Paraíba em 2012, para uma matéria sobre violência urbana.

A terceira fotografia que analisamos faz parte do acervo de premiações do fotógrafo Francisco França. Publicada no Jornal da Paraíba em 2012, trouxe o registro da morte, a facadas, de uma moradora de rua. Na imagem vemos um

personagem abandonado em um carrinho de mão, coberto por vários panos, e pés sujos a mostra. É a única parte do corpo da moradora de rua que está aparecendo no enquadramento, e ao lado a frase que fez grande diferença e é o título da fotografia: “O amor é o dom maior! Ame...”, entrando em contradição com o que observamos na imagem.

Em um primeiro momento, a fotografia produzida em cores, foi tirada para uma matéria encomendada pelo *Jornal da Paraíba* para retratar a violência urbana em João Pessoa, pelos dados a moradora seria a 16ª vítima de homicídio na capital paraibana em 2012. A frase em contraste com a brutal cena de violência urbana foi captada no dia 23 de fevereiro e capa do jornal no dia seguinte. O fotógrafo com sua sensibilidade conseguiu registrar o momento de forma marcante lhe rendendo o prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Para ele, o diferencial da fotografia foi à percepção do ambiente, naquele momento muitos profissionais estavam no local e não tiveram a sensibilidade de perceber a contradição existente entre a foto e a frase estampada.

Francisco França foge do modelo sensacionalista que assola o jornalismo paraibano. Quando as pautas são sangrentas, ele opta por tirar fotografias de maneira “maquiada”, que seja plasticamente bonito, poético, buscando ângulos que não choquem o leitor. Dessa forma, costuma utilizar reflexos, objetos que compõem a cena e outros elementos para despertar interesse no leitor. A intenção é de criar vínculo para atrair o espectador para o enquadramento e mostrar-lhe algo novo. Não é apenas a história contada, mas a forma como é contada.

4.3.1 Representação



No processo de ação, o ator aparece fazendo alguma coisa (dirigindo-se a alguma coisa) e para o que ele se dirige é dado o nome de meta. Nesse caso, a meta sofre uma ação, e quem a praticou está fora do enquadramento, e é chamado de sujeito oculto. Portanto, a **meta** tornou-se a moradora de rua, que foi esfaqueada por alguém que não aparece na cena.

A frase no muro branco com letras em tinta preta clama: “O amor é o dom maior! Ame...”, enfatizando um elemento dramático na imagem, fazendo com que o observador tenha sua atenção apreendida e se sinta compelido a ler o texto. O produtor usa a imagem para impactar e sensibiliza o leitor ao retratar a realidade brutal da violência urbana na cidade de João Pessoa.

Compreendemos que tal captura pode e deve sugerir outras leituras, mas expor quais fatores motivaram o registro desta e não de outra imagem dão uma noção do que venham ou não a colaborar na construção de uma narrativa visual. Criar uma relação entre o participante e o pano de fundo também é importante para proporcionar prazer visual ao leitor/observador

4.3.2 Interação



Na **função interativa** usaremos estratégias de aproximação/afastamento do produtor do texto em relação ao seu leitor visual. Para Kress e van Leeuwen (1996), o contato, a perspectiva e a distância social são recursos utilizados no processo que buscam estabelecer um elo, imaginário, entre si.

Observamos que os elementos que compõem a imagem são objetos do olhar daquele que observa, no caso, o leitor. Então não há uma demanda, e sim uma oferta. A moradora de rua, que está sobre um carrinho de mão é o elemento de informação, que se dá de forma impessoal, pois nenhuma relação é criada entre o observador e o participante da imagem.

A cena estampada em “O amor é o dom maior! Ame...”, chama atenção justamente pela contradição que existente na cena. O fotógrafo teve uma sacada que outros que estavam no local não tiveram, e é isso que faz a imagem se destacar: o olhar. A fotografia foi produzida em cores, em um **plano aberto** (long shot), tal enquadramento torna a composição mais impessoal, pois quanto maior for o plano, maior o estranhamento entre observador (participante interativo) e participante representado.

A perspectiva dada pelo fotógrafo é de um **ângulo oblíquo**, que indica um não envolvimento de quem observa e de quem está sendo observado. Quem possui o poder, diante da fotografia, não são os participantes contidos nela, mas seus observadores.

4.3.3 Composição



A metafunção com **DADO** e **NOVO** é a atribuição combinando os elementos visuais de uma imagem, ou seja, unir os elementos representacionais e interativos em uma composição para que ela faça sentido. Os sistemas inter-relacionados são três: **Valor de informação, Saliência e Estruturação**.

Segundo Kress e van Leeuwen (2000), os elementos posicionados no lado esquerdo são considerados o **dado** por conter informações já conhecidas pelo leitor, como algo que é familiar. Já os posicionados a direita são o **novo**, por apresentarem alguma informação nova que pode não ser conhecida pelo observador da imagem, ou apresenta algum dado a qual se deva prestar atenção de maneira especial. Configurando um elemento novo temos a frase “O amor é o dom maior! Ame...” que se contrapõe com o dado da moradora de rua assassinada.

A ênfase maior na imagem é dada para o corpo que está em um carrinho de mão. É considerada a **saliência** da imagem por ser o elemento de maior destaque e contorno em relação aos outros que compõem a cena. Os elementos marginais servem para compor a força desse discurso, e estão através da **estruturação** salientando os contrastes de cores e formas, imprimindo um sentido de individualidade e diferenciação à imagem, estabelecendo uma estruturação forte.

Por fim, podemos afirmar que as peças fotojornalísticas estudadas estabelecem um contato físico do texto com o leitor-observador, que busca uma atividade crítica em relação ao que vê/lê, na busca de compreender os significados pelos produtores. Abaixo temos as tabelas com as metafunções baseadas em Kress e van Leeuwen (1996, 2000).

Metafunção ideacional/ representacional	
Natureza dos eventos representados pela imagem	
Participantes	A moradora de rua em primeiro plano é o elemento de destaque.
Processos	A meta (moradora de rua) sofre a ação de algo que não está na cena (sujeito oculto).
Circunstâncias	Muro, pedras, plantas, chão, são elementos coadjuvantes.

Quadro 10- Metafunção representacional (baseada em KRESS e van LEEUWEN, 1996)

Metafunção interpessoal / interativa	
Natureza das relações sociointeracionais construída pela imagem	
Contato interacional	Os elementos que compõem a imagem são objetos do olhar daquele que observa. Então não há uma demanda, e sim a oferta .
Distância Social	Plano aberto (long shot), tal enquadramento torna a composição mais impessoal, pois quanto maior for o plano, maior o estranhamento entre observador (participante interativo) e participante representado.
Perspectiva	Ângulo oblíquo - que indica um não envolvimento de quem observa e de quem está sendo observado
Modalidade ou valor da realidade	Naturalista - aproxima e contextualiza a imagem do real

Quadro 11- Metafunção interativa (baseada em KRESS e VAN LEEUWEN, 1996)

Metafunção textual/ composicional Significações construídas pela imagem	
Valor de informação	Sob a ótica do dado temos o corpo da moradora de rua e como o novo a frase “o amor é o dom maior!Ame...”
Estruturação	Forte- cada elemento que compõe a cena é facilmente identificado.
Saliência	A moradora de rua em um carrinho de mão é o elemento de maior ênfase na cena.

Quadro 12- Metafunção composicional (baseada em KRESS e VAN LEEUWEN, 1996)

Dessa maneira, consideramos os estudos de Kress e van Leeuwen apropriados na disposição de um sistema funcional para construção e leituras de textos visuais. Podemos destacar a complexidade na tentativa de descrever as imagens através de palavras, pois as palavras descrevem, mas não podem revelar completamente a sua matéria visual. Mesmo que alguns signos visuais sejam fáceis de serem identificados, sempre comporão maneiras de ver diferentes, pois é o ato de olhar durante o processo que a constitui e não a relação com o verbal.

A linguagem não-verbal propõe vários diálogos, direcionando e mediando questionamentos que não se esgotam em um primeiro momento, constantemente sugerindo novas leituras. Percebemos que quando um fotógrafo enquadra determinados participantes, ângulos, perspectivas, modalidades, saliências, entre outras funções, está procurando conectar elementos internos de uma construção visual. Além de refletir o discurso de muitas vozes em uma só imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento da nossa investigação, devemos sintetizar o caminho até aqui estabelecido, de maneira a extrair algumas consequências fundamentais, que permitam tornar o conjunto de relações apresentado mais evidenciado. Nosso estudo sobre a fotografia procurou deixar demonstrada, os jogos visuais, as articulações entre texto e imagem, entre texto e contexto, e nos deram um panorama senão completo, pelo menos razoável, da organização interna e de seus diferentes efeitos e com o objetivo de por em evidência o fotojornalismo paraibano, trazendo como objeto empírico três fotógrafos de reconhecida notoriedade no cenário paraibano.

Neste percurso procuramos juntar os elementos que permitiram a integração da fotografia ao campo da semiótica, analisando e pondo em evidência as relações signicas presentes nas peças fotojornalísticas publicadas em jornais impressos, e verificando os sentidos que se manifestam. Procuramos demonstrar que a fotografia, enquanto signo, não reside propriamente em se expressar, nem na imagem, nem no mundo, mas na relação dinâmica que se estabelece entre esses polos.

Partindo dessa conjectura, o que fizemos em nosso estudo foi, em síntese, determinar um olhar diferenciado sobre a produção jornalística, tomando como auxílio a semiótica peirciana e vetores extraídos da gramática visual de Kress e van Leeuwen. As análises nos mostraram que os aspectos representacionais, interativos e composicionais das fotografias, se constituem como mecanismo para a compreensão dos discursos que permeiam a representação de assuntos socialmente significativos nas imagens fotojornalísticas.

Os estudos de Kress e van Leeuwen nos ajudam a compreender o funcionamento dos discursos imagéticos em um momento que a análise visual dos registros fotojornalísticos se tornam cada vez mais rigorosos. Os produtores desses registros narram os fatos a partir de um conjunto de experiências já vividas e internalizadas, trazendo essas imagens como reflexo do exercício do profissional. Mesmo que essas imagens sejam voltadas para a produção midiática, envolvendo comunicabilidade rápida e descomplicada, essa atividade também busca uma “racionalidade imaginativa”. E neste ponto os instrumentos teóricos e de análises nos ajudam a entender as estratégias de produção signica.

Uma das funções do texto fotográfico é fazer com que o leitor veja um lado invisível das coisas e, mesmo dos signos. O poder de encantamento que uma imagem nos submete e nos conduz para significações as quais as representações icônicas ocultam.

Finalmente, ao aplicarmos o método semiótico, constatamos que deve ser extremamente flexível e aberto, porque as trilhas da significação são, em boa parte, imprevisíveis, e quando elas se cristalizam, ficam instáveis, graças à diversidade de fatores que determinam as significações. É o que compreendemos diante da fluidez dos signos. Nossa expectativa, ao levantar essas questões e trazê-las à tona, é que novos estudos surjam e enriqueçam a argumentação aqui apresentada.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

BUITONI, Dulcilia Schroeder. Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem / Dulcilia Schroeder; Magaly Prado (organizadora da coleção). São Paulo, Saraiva, 2011.

CÂMARA, Mônica. Uma Gramática Visual para o fotojornalismo. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo, Atlas, 2012.

FERNANDES, José David Campos. Processos linguísticos no cartaz de guerra: semiótica e gramática do design visual. 2009. 159 f., il. Tese (Doutorado em linguística) – Programa de Pós- Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba, 2009.

HUMBERTO, Luis. Fotografia, a poética banal. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 46)

KRESS, Gunther e VAN LEEUWEN, Theo. El discurso como estructura y proceso. Barcelona, Gedisa editorial, 2000.

KRESS, Gunther. Literacy in the new media age. London and New York, Routledge, 2003.

KRESS, Gunther e VAN LEEUWEN, Theo. Reading Images. The grammar of visual design. London and New York: Routledge, [1996], 2006.

LIRA, Bertrand Souza. Fotografia na Paraíba: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950). João Pessoa, Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1997.

MACHADO, Arlindo. A ilusão especular: introdução a fotografia. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 76.

MIRANDA, Adriano. Estratégias do olhar fotográfico: teoria e prática da linguagem visual. São Paulo, Paulus, 2015.

NEIVA, Eduardo. A imagem. São Paulo: Ática, 1986.

NOVELINO, M. O. Gramática Sistêmico Funcional e o estudo de imagens em livros didático de inglês como língua estrangeira. Proceedings, 33 rd Internacional Systemic Functional Congress, 2006.

NÖTH, Winfried. Panorama da Semiótica: de Platão a Pierce. São Paulo: Anna Blume, 1995.

- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- PEIRCE, Charles S. *Escritos Coligidos*. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os pensadores, 36).
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- PEIRCE, Charles S. Razón e invención del pensamiento pragmatista *Anthropos*, n. 212, pp. 132-139.
- SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker, 2001.
- . *A teoria geral dos signos*. São Paulo: Ática, 1999.
- SOUSA, Jorge Pedro. Estereotipização e discurso fotojornalístico nos diários portugueses de referência: os casos do Diário de Notícias e Público. In: *Mídia, ética e sociedade*. Anais do XXVI Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte: Intercom, 2003. 1 CD-ROM.
- SOUSA, Jorge Pedro. Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto, 2002. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>> Acesso em 14-julho-2017.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.
- SALKELD, Richard. *Como ler uma fotografia*. São Paulo, Gustavo Gili, 2014.
- SANTAELLA, Lúcia, “O que é Semiótica”, São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. *Introdução à semiótica*. São Paulo, Paulus, 2017.
- SIGNORINI, Roberto. *A arte do fotográfico: os limites da fotografia e a reflexão teórica nas décadas de 1980 e 1990*. São Paulo, Martins Fontes, 2014.
- FELIPE, Rizemberg. Entrevista concedida a Flora Fernandes. João Pessoa, 9 mai. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “1” desta dissertação]
- FRANÇA, Francisco. Entrevista concedida a Flora Fernandes. João Pessoa, 5 fev. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “2” desta dissertação]
- CÂMARA, Mônica. Entrevista concedida a Flora Fernandes. João Pessoa, 6 ago. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “3” desta dissertação]

APÊNDICE 1



Rizemberg Felipe Lima

Entrevista feita no estúdio de fotografia Rizemberg Lima no dia 09 de maio de 2017

Pergunta: Qual é a sua formação profissional?

Resposta: Eu não sou formado em jornalismo, eu entrei assim como Francisco França, Assuero, e alguns que ainda estão em atividade. Entramos em um período que o curso de jornalismo ainda estava sendo implantado e ainda tinha uma brecha na lei que permitia a gente que ainda não era formado exercer a função e ter um registro de jornalista. No meu caso que entrei bem depois, o sindicato já estava em cima das pessoas que estavam entrando sem registro, sem formação. Fui requisitado pelo jornal, pelo sindicato, para que meu processo fosse efetivado, foi feito assim: o sindicato aprovou, fui levado a uma banca onde o sindicato aprovou o meu trabalho, as minhas condições técnicas para exercer, e logo depois eu me formei em Marketing e Propaganda onde fiz minha cadeira de audiovisual na academia de cinema Nova York e com a carteira de jornalista.

P: E trabalhava no Jornal da Paraíba?

R: Trabalhava. Passei seis anos no Jornal *O Norte*, comecei lá como laboratorista, depois passei por esse processo de migração para ser repórter fotográfico. Na época o laboratório tinha acabado por causa do digital e me tornei repórter fotográfico. Depois passei seis anos como repórter fotográfico do jornal *O Norte* e a seguir fui convidado para o *Jornal da Paraíba*, onde passei 15 anos. Comecei no jornal quando ele ainda era em Campina Grande, eu era freelancer dele enquanto repórter fotográfico da capital. E quando o jornal fechou a parte impressa foram demitidas 120 pessoas, inclusive eu e Francisco França. Então o *Jornal da Paraíba* nesse processo de transição tinha uma equipe muito pequena, se não me engane chega a 10 pessoas dos 120 que tinha. E só ficou essa micro equipe que não fazia parte do impresso, que foi uma equipe que foi contratada para o online e desde então que ela desativou o impresso todo mundo perdeu o emprego.

P: Então no Jornal da Paraíba Online não existe repórter fotográfico?

R: Não existe repórter fotográfico, por ironia, por incrível que pareça hoje nós vivemos na era da internet, na era da imagem, na era da comunicação visual e o jornal não aproveitou nenhum repórter fotográfico. Quem faz a matéria, quem edita, quem coloca na página, quem grava o áudio, quem grava o vídeo, quem ainda depois dá o click para compartilhar a matéria é um único repórter.

P: A rotina é essa?

R: É, hoje o mundo tecnocrático e midiático faz com que o profissional grave o áudio, faça o vídeo, ele opera o sistema do portal e ainda tem que fazer compartilhamento, tem que fazer divulgação, microvídeos para o snapchat, snapgram e por aí vai. Então assim, com um salário bem inferior, você acha que vai aumentar a quantidade de salário por estar exercendo outras funções, mas na verdade você tá ganhando um salário base, que é o teto, é o piso e apelando para que não adoeça para que outro colega não ocupe a sua vaga.

P: Como era a sua rotina quando estava no Jornal da Paraíba?

R: A rotina de um repórter fotográfico em um jornal é mais ou menos assim: trabalhei em dois horários diferentes, nós trabalhamos cinco horas. Ainda existia uma certa resistência em aceitar os fotógrafos como repórteres fotográficos, eles diziam "ah, vocês só trabalham cinco horas. Claro nós somos jornalistas. A gente tem o mesmo sindicato, tem a mesma carga horária e a gente entra na redação, recebe a pauta como o repórter recebe, e saímos juntos para cumprir aquela pauta. Que geralmente era uma vacinação infantil, e depois íamos fazer uma invasão numa favela, depois uma assinatura de convênio na prefeitura ou no palácio do governo. E se aparecesse alguma coisa no meio do caminho a gente era desviado para fazer um incêndio, ou um assassinato, ou um avião que caísse, coisa do tipo.

P: Qual a sua melhor fotografia e premiação desse período?

R: Eu tenho premiação desde o jornal *O Norte*, não lembro quantos prêmios, não lembro agora. Minhas melhores fotos estão no acervo do *Jornal da Paraíba*, quanto do jornal *O Norte* que por achar que eu era eterno tanto em um, quanto em outro, nunca resgatei essas fotos. Mas para mim a foto mais emblemática hoje e por acaso estava assistindo um filme ontem, mês passado fez um ano que o jornal impresso do *Jornal da Paraíba* fechou, e assisti um filme ontem que me lembrou bastante "a vida secreta de Mitty", e ele fala justamente do cara que cuida do acervo da revista *Life* que estava para fechar e que ia fazer a sua última parte impressa e ele precisava justamente da foto que seria a capa e mostrou todo o processo que eu vivi. Para mim foi bastante interessante, e a minha foto mais emblemática é a última foto que coloquei no jornal que consegui ser capa da última edição, com uma foto que fiz a uma viagem a Cuba recentemente. Então eu fui de férias, e ao mesmo tempo trabalhando, sempre tentei fazer o caminho dos principais repórteres fotográficos internacionais, então eu já fui a Índia, Argentina, aos EUA, Machu Pitchu duas vezes, e a última vez fui a Cuba. E fui justamente nesse processo de transição de Cuba antes da morte de Fidel e a última foto que fiz foi justamente de uma paisagem de Cuba que está escrito nas costas de um empregado "los otros son os mejores" então fechar o jornal com uma foto internacional e com essa frase foi o fechamento de um ciclo no fotojornalismo pra mim.

P: Você foi o único que teve essa passagem internacional dentro do jornal local?

R: Isso, sempre tive esse empenho. Se eu for ser alguma coisa eu vou ser o melhor, então o que os melhores estão fazendo? Os melhores viajam muito, viajam para onde? Para locais onde o social é muito voltado para a cultura, então assim, eu sempre me privilegiei em ir pra Índia, para o Peru, quando eu fui para a Índia também fiz uma passagem pelo Nepal que foi um mês antes de ter um terremoto fatídico que derrubou todos os grandes templos. Inclusive fiz uma exposição mostrando esses países que citei com o nome de "One World". Um mundo só, um mundo sem fronteiras. E se você olhar as fotos, você vê que praticamente é um canto só, quando na verdade são continentes diferentes. Eu passo uma visão de que um mundo é um só, e um sonho é um só.

P: Quais são seus ídolos da fotografia?

R: Bom, quem falou tanto de fotografia internacional tem que ter ídolo também ao longo desse percurso, eu gosto muito do estilo de Mc Cury, que é o fotógrafo que fez a capa da *Nacional Geografic* que tem a afegã que foi capa duas vezes dessa revista, então ele é um dos fotógrafos que eu me inspiro bastante, tem também o Joey McNelly que é outro fotógrafo americano que hoje ele é embaixador da marca Nikon de câmaras fotográficas. Ele também já fotografou para a *People*, para *Life*, para as grandes magazines americanas. Sebastião Salgado que não pode deixar de ser citado, óbvio. E nós temos um celeiro de grandes repórteres fotográficos aqui na Paraíba. E tem um que para mim, sempre achei que ele fosse o melhor repórter fotográfico e ele não se ligava muito de participar de concursos fotográficos, o nome dele é Francisco Morais de Campina Grande. Para mim ele era o grande repórter fotográfico daqui. É uma das pessoas que me espelha bastante, e pena dele não participar de tantos concursos para mostrar o talento que ele tinha em prêmios. Porque o olhar dele era muito crítico, muito especial. E hoje ele seria um repórter fotográfico de referência aqui na Paraíba.

P: Quais são os equipamentos que você utiliza?

R: Poderia ser bem simples e dizer: Um olho, um dedo e um cérebro, mas essa questão de equipamento é muito complexo e ao mesmo tempo muito simples. Muitas vezes as pessoas se prendem até em marcas. "Nikon ou Canon? Tu usa qual?" E a pessoa fica

ávida para receber a resposta e entrar na disputa. Inclusive o jingle do meu curso de fotografia é "Não deixe a câmera lhe dominar" e não se preocupe com a melhor marca, se preocupe com o melhor curso porque a câmera é que nem uma caneta, um jornalista não escolhe a caneta, se é uma BIC, uma Mon Blanc, que vai lhe dar o melhor texto. Quem vai te dar o melhor texto, a melhor visão, é o teu cérebro, você consegue conceituar e reportar melhor a matéria no final. Então assim, no jornal eu usava uma Canon, uma 7D, que na época era a TOP de linha, com lentes tanto angulares, como teleobjetivas, para todas as situações e no meu dia a dia eu uso uma Nikon, uma D7200 e eu uso uma Nikon no meu dia a dia particularmente porque eu acho que é a melhor, mas pelo tipo de serviço que eu faço ela me supre muito bem. Mas trabalharia com uma Canon tranquilamente, inclusive um dos primeiros prêmios que eu ganhei eu estava com o equipamento errado para a hora certa, que fez a diferença para eu ganhar o prêmio foi o equipamento errado. Mas como eu tinha o conhecimento da limitação do equipamento, de até onde eu poderia ir, até onde eu poderia chegar, eu fiz uma foto maravilhosa e ganhei o prêmio.

P: Como é essa fotografia?

R: É uma foto de uma retirada de sem terras de uma fazenda, e tinha um sem-terra cercado por vários policiais. Os policiais armados, e ele com uma enxada, passando a enxada pela cabeça dos policiais, alguns com arma em punho. E eu ali me perguntava: fazer a foto ou me esquivar da enxada. Aí consegui fazer a foto onde mostrava tudo isso em uma única cena com um equipamento que não era apropriado para ali e consegui sair vivo e consegui sair com a foto premiada.

P: Tem alguma lembrança que seja marcante de algum momento que estava fotografando?

R: Momentos marcantes são vários, a gente acaba deixando de ter momentos com a família para estar trabalhando, ou trabalhando em dia de aniversário, ou vendo uma cena que você acha é injustiça e você não pode fazer nada a não ser fotografar. E quando eu digo: a não ser fotografar, é porque é como você pode mostrar a verdade, é como você pode mostrar que aquilo existe. Uma das fotos também premiadas foi quando a gente foi para o lixão do Roger e a prefeitura dizendo que não existia ninguém

morando no lixão, fui, fotografei pessoas vivendo no lixão, isso foi prêmio para mim e para a repórter que estava comigo no momento. A gente conseguiu fotografar inclusive um recém-nascido que estava acabando de chegar. Qual a prova mais viva que tinha pessoas vivendo ali no lixão do que o nascimento de uma nova vida. Então existem vários momentos marcantes no fotojornalismo e que só o fotojornalismo me proporcionou. Como, onde que um assalariado vai poder andar de helicóptero na cidade? Então andei várias vezes de helicóptero na cidade e voei várias vezes, estive em locais privilegiados, por estar fotografando, por ser repórter fotográfico. Citar um aqui é complicado.

P: O que é fotojornalismo para você?

R: A minha visão é mostrar através do meu trabalho, o que muitos dizem "ah, isso é só uma foto", não é só uma foto é um momento que precisava ser visto, precisava ser mostrado, e ali a gente tá representando milhões, e milhões de pessoas que não poderiam estar ali e tem acesso, e a gente escreve para uma porcentagem de pessoas que se vê a foto consegue fazer uma leitura muito grande do que tá acontecendo, daquela verdade, de uma agressão, ou de uma injustiça, ou de um momento célebre. E a gente tem essa função de ser os olhos da população, é assim que eu enxergo.

P: Como a fotografia chega numa matéria, que agora é online?

R: Eu acho interessante que todo jornalista passe pelo menos um ano em uma redação para saber como essa notícia é feita, como chegam, quais os limites, quais as deficiências, quando galgar um cargo maior conseguir entender porque que só chegou aquilo e aquilo é um diamante e às vezes a pessoa menospreza. E que cada vez menos vai acontecer porque existem menos setores da profissão do jornalismo como repórter fotográfico. Eu não estou mais no mercado, saí recentemente, e os que você vai entrevistar são os últimos dos moicanos, porque depois que eles saírem do mercado não vai mais existir repórter fotográfico aqui em João Pessoa. E que isso vai ser lá na frente um diferencial para um portal.

O portal que tiver repórter fotográfico vai ter o diferencial no acesso. Isso aconteceu no início da época do jornal que colocou uma foto, que se não me engano foi o Herald Jornal, que depois as revistas, como a *Nacional Geográfica*, que até hoje o

principal legado dela são as fotos. As matérias todas em cima das fotos. Um veículo que hoje tem como repórter fotográfico sua principal mão de obra intelectual e foi o grande diferencial na literatura, na imprensa e os jornais que abdicaram do uso da fotografia, mas era o jornal *A Gazeta Mercantil*, que era um jornal que não usava fotografia, foi um dos principais jornais a fechar. E hoje o valor econômico que é um jornal que ficou no lugar da Gazeta ele tem um apelo gráfico muito bom, muito forte. Mostrando o quanto é diferente você ter uma visão além do texto. Você complementar o texto. Então lá na frente, o portal que não tiver um repórter fotográfico vai sofrer em detrimento dos que só usam as fotos das redes sociais. Porque todo mundo é um *vídeo maker*, é um *youtuber*, um repórter fotográfico, fotos do *whats App*, agora tem os digitais *influencers*. Você recebe as informações, você recebe as informações rápido, mas aquela qualidade do material não só na questão visual, não só a qualidade do equipamento, mas a qualidade do olhar, então assim... existe poesia na morte, acho que dá para mostrar o corpo sem mostrar a carne. Você pode mostrar a dor da família sem precisar mostrar o corpo.

Tem umas fotos que fiz junto com Mônica Câmara, ela no *O Norte*, e eu no *Jornal da Paraíba*, nós trabalhamos paralelamente. Ela chegou e disse: "Berg, eu adorei aquela tua foto do esporte, do futebol, ela tem uma poesia linda". Eu não gosto de futebol, então aquilo pra mim foi um elogio fantástico que ela fez porque ela viu que eu dei outra conotação para o futebol que não é aquela coisa do zero a zero, do um a zero, do resultado do jogo, e sim um momento em que a partida estava sendo jogada e que tem um apelo diferente. Então você pode mostrar um jogo sem aquele apelo da disputa, você pode mostrar uma dor da mãe sem necessariamente mostrar um corpo, então o repórter fotográfico vai saber filtrar o tipo de informação, vai saber filtrar o que é a imagem, o que é a notícia, o que é o sensacionalismo do jeito que um repórter pode fazer isso no texto. E é justamente por isso que somos chamados de repórteres fotográficos.

P: Qual é principal mensagem que você deixa para os seus alunos em relação a fotografia, a como fotografar, que você quer que eles aprendam?

R: Tem muito a ver com o filme que assisti ontem, "A vida secreta de Mitty", e a história toda se passa em busca de um negativo para fazer a capa da revista *Life*, só que no trajeto mostra que ele vivia para o trabalho, que era um solteirão de 42 anos, não

tinha uma vida social, uma vida amorosa, e para colocar um perfil dele numa rede social ele precisava dizer alguma coisa para receber curtidas e ele não tinha nada para dizer, porque ele passou anos da vida dele dentro do escritório, dentro da empresa que trabalhava e só quando ele foi em busca desse negativo que ele não fotografou, ele viveu situações que só quem vive a fotografia consegue entender. Então ele viajou para a Groelândia, comeu comidas diferentes, escalou montanhas, foi em um vulcão, ele voou de helicóptero, ele se apaixonou, ele voltou sem o negativo, porque ele descobriu que o negativo estava dentro da carteira que ele tinha ganho do repórter fotográfico que ele tinha ido em busca, e ele conheceu o repórter fotográfico que trabalharam juntos por anos mas nunca haviam se encontrado e só por conta da fotografia ele viveu tudo isso e ainda conheceu o companheiro de trabalho, que ele trabalhava a anos e que nunca havia nem apertado a mão. Então a fotografia te dá a oportunidade de viver a vida como ela deve ser vivida.

Você vai ter o privilégio de entrevistar os últimos dos moicanos mesmo, que quando verem que isso é um diferencial vão voltar atrás, aí vai ser o diferencial do site, dos portais, como os grandes jornais, os grandes portais mesmo, eles não tem mais vínculo empregatício, mas eles mantem os repórteres fotográficos como freelancers e até amanhã mesmo eu vou fazer um material, que hoje em dia a pessoa que me contratou podia pegar a câmera, dar para um sobrinho, e pedir pra fazer a foto a custo zero. Mas aí ela ligou para mim, e disse "Berg, eu preciso de uma pessoa que tenha um olhar diferenciado, que tenha experiencia no assunto, e que consiga fazer as coisas sem perder nenhum momento. Então não basta só apertar a câmera e ficar esperando que o momento aconteça. Porque não é só aquele momento que acontece, principalmente dentro de uma eleição de sindicato, acontece tudo ao mesmo tempo, e aí quem vai ter o poder de filtrar, de saber o que realmente tem de interessante ou não é um repórter fotográfico aí vem a conclusão de um conceito que comecei a criar dentro da nossa conversa e acabei não terminando, aí aquela pessoa que está ali escrevendo, fotografando, editando vídeo, ele é formado e qual o interesse maior dele? É escrever. Então ele não vai estar preocupado com o som se está saindo bem, ele não vai está preocupado com a foto, e ele vai fazer uma foto, isso eu acompanhei durante esses últimos 10 anos, onde eu vi o nascimento e surgimento dos blogs e portais e tudo mais. Quando a gente vê a "pobre" da estagiária com o microfone na mão, se esgueirando com um microfone e uma máquina fotográfica na mão. Ela fez aquela foto e volta ali para o

microfone e para a pergunta que ela está fazendo para não perder a meada. Então o áudio vai sair tremido, a foto não vai sair tão bem e claro que ela vai privilegiar o texto que ela estudou para isso, e é ali que ela vai mostrar todo o talento dela, que é para o que ela estudou e se dedicou. As outras coisas é um mero compromisso de trabalho. É diferente uma foto feita por um repórter fotográfico que faz aquilo pensando na imagem, pensando naquilo. As vezes há um preconceito muito grande, pois, estamos sentados no computador vendo outros sites de outros estados, de outros países inclusive, para até comparar a nossa leitura, mas para o editor, para o repórter estamos só navegando na internet.

P: Você nasceu no dia da fotografia?

R: Sim, nasci no dia da fotografia e abraço muito a causa. Sou feliz por isso, me dedico bastante a fotografia, e a fotografia se dedica bastante a mim, é tanto que me trouxe você aqui. Eu costumo dizer que quando você abraça a fotografia, ela te abraça de volta. Aproveito bastante essa história de nascer no dia da fotografia porque olha só, é o mundo todo comemorando o meu dia. E costumo classificar as pessoas em duas partes, aquelas que detestam sair na foto mas adoram fotografar, e aquelas que adoram ser fotografadas. Ou você está numa ponta, ou tá na outra. E hoje principalmente, se você prestar atenção no que está ao nosso redor, você vai ver que hoje a telefonia está evoluindo na fotografia, a propaganda hoje do principal smartphone é "nós temos a função retrato na nossa câmera de não sei quantos megapixels" isso quando seria uma propaganda voltada para um telefone? Então você vê o poder que a fotografia tem, o poder que a comunicação visual está tendo hoje, e como as pessoas querem aparecer né. Então hoje estamos vivendo a era da comunicação visual, com certeza, mais do que nunca. Não tem como não gostar, a fotografia é fantástica!

APÊNDICE 2



Francisco França

Entrevista realizada na Universidade Federal da Paraíba no dia 05 de fevereiro de 2018

Pergunta: Qual é a sua trajetória profissional?

Resposta: Comecei a fotografar em 1986. No início não era bem fotografar, comecei no foto Alarcon em Patos, fazendo entrega de fotos. Depois comecei a auxiliar nos casamentos e trabalhei em laboratórios, também como auxiliar. Aos poucos eu fui aprendendo a fotografar, como eu fazia assistência nos casamentos, fui aos poucos me familiarizando com os equipamentos, como é que fotografava, qual era a abertura, qual era a velocidade, flash. E fui aos poucos, claro, com umas dicas, de um ou outro, fotografando. Isso era mais a parte social, e fazia uma coisa ou outra para a sucursal da União lá em Patos em 1989. Vim de Patos para cá, e comecei no *Correio da Paraíba* em maio de 1989, e foi aí que comecei trabalhando diariamente em jornal. Era uma vivência tranquila, mas tínhamos que fazer tudo. A gente fotografava, revelava filme, copiava foto, editava foto, tudo isso. Então a gente fazia um processo do início ao fim. E era muito complicado naquela época porque a gente tinha que saber fotografar, na verdade. Porque a gente não tinha fotômetro, não tinha automático, não tinha foco automático, manual, tudo tinha que ser manual, então você tinha que saber fotografar para dar certo. Ali realmente foi a época que eu comecei a fotografar, que você via no dia a dia como os profissionais se posicionam, que objetiva que ele usou, e aos poucos você vai pegando experiência de vida, de trabalho, e em 1994 sai para fazer a campanha

de Antônio Mariz para governador, voltei novamente para jornal em 1995, o jornal *O Norte*, e fiquei até 2004. Durante esse período foi a maior experiência que eu tive porque na época tinha um pessoal de Brasília, então era uma questão muito profissional, tinha uma editoria de fotografia, um laboratório colorido, uma estrutura organizada de fotografia. Nos outros jornais, não. Tinha a fotografia, mas não tinha uma sala, não tinha nada. E no *O Norte*, a gente na época tinha uma sala grande, tinha um laboratório, tinha uma sala grande, tinha uma sala só de arquivos e tinha um editor de fotografia, que isso era algo muito importante. Porque a gente recebia as pautas e ia embora, né? Com um editor de fotografia, não. Recebiam as pautas, distribuía com os fotógrafos, e chamavam para conversar. “Quero a foto desse jeito”, então você já saía orientado com o que ia fazer, diferente de anos anteriores quando eu trabalhava no Correio, que eu ia para a rua com a pauta na mão e tinha que me virar. E naquela época não, a gente teve uma experiência muito boa. Eu aprendi a editar nessa época, o editor me chamava para ensinar, então eu sentava na mesa de luz, ele me mostrava o negativo, e dizia, por exemplo “a luz tá perfeita, mas faltou aqui um corte. Essa foto vai ficar melhor se eu der esse corte aqui”. Ai eu ia pro laboratório, ampliava e dava o corte que ele queria, então você começa a ter a visão das coisas como funcionam. Como é uma edição, o que pode melhorar para compor essa imagem. Então nesse período eu aprendi a editar, e também eu tinha uma bagagem por saber a questão de luz, que é importante, não adianta você sair para fotografar se não souber que meio dia, um sol escaldante, você tem que fechar o diafragma e se puder usar ISO 100, melhor ainda. Mas tem muita gente que não sabe disso, então isso pra mim foi muito importante. E as aulas que eu tinha sobre editoria, fantástico, todo dia que eu chegava da rua procurava aprender mais. E quando ele deixou a editoria passou para mim. E eu passei a ser o editor de fotografia do *O Norte* em 1997, e na minha equipe eu tinha Mônica Câmara, Porfírio Carvalho, Mineirinho, Marcus Antonio, então eu não me preocupava muito por ter uma equipe boa. Mandava o pessoal para a rua e as vezes nem chamava para conversar, eles já estavam tão acostumados com a presença do editor, e de como funcionava as coisas que eles já me traziam o material quase pronto. Então eu editava pouca coisa naquela época. Mônica nunca me deu trabalho, era fantástica, já vinha com a foto na cabeça e dizendo que era a foto da capa. Mônica e Marcus eram fantásticos, inclusive Marcus ganhou o prêmio Ayrton Senna, Mônica ganhou o prêmio da *National Geographic*, foi para a Espanha. Tínhamos bons profissionais naquela época, não era só apertar o dedo. Eu ganhei o Vladimir Herzog em 2012, já no Jornal da Paraíba. E no ano seguinte fui para a final de

novo, e no terceiro ano em 2014 quase que ganhava. Só não ganhei porque um juiz resolveu questionar demais, mas a foto era muito boa. De uma criancinha com uma boneca na mão e atrás um barraco de lona. E no jornal a gente teve que fazer muitas coisas, por exemplo no *O Norte*, teve uma grande rebelião em 1997 no Roger, morreram oito apenados na época, só que ficou muito escondido. Eu lembro que era 22h/23h da noite, a gente saiu seguindo o carro e eles foram parar no hospital São Vicente de Paula na avenida João Machado, quando a gente chegou lá a mulher estava lavando a frente do hospital cheio de sangue, e a gente descobriu que os corpos estavam lá atrás, em umas pedras e por trás, vizinho, era uma creche do estado. O cara da creche disse pra gente entrar e acabamos pulando o muro do hospital, entrei fotografando, tirei o filme e coloquei no bolso e coloquei outro filme, pois se alguém viesse tomar a máquina eu já tinha as fotos no bolso. Essa é uma experiência fantástica que eu tenho da época que eu fiz esse material. Meia noite, eu estava dentro do hospital, aí chega a polícia, chega todo mundo, a gente pula o muro de volta. Corre pro jornal, revela o filme. A gente tinha uma grande vantagem em relação aos outros jornais, pois tínhamos um laboratório dentro do jornal mesmo, então revelava, copiava, podia fechar o jornal meia noite, uma hora que não tinha problema. Já os outros jornais de oito horas tinha que ter o material pronto. Então tínhamos essa vantagem nessa época. E no outro dia a gente colocou as fotos dos corpos no jornal, esgotou a edição e até hoje procuro um jornal e não encontro. Foi uma experiência boa, e tem muitas outras histórias.

P: Você tem alguma inspiração?

R: A gente vê como é que os colegas trabalham, você se inspira em alguns, você vê Sebastião Salgado, as fotos fantásticas dele. Você tenta analisar qual foi a objetiva que ele usou, qual foi a luz que escolheu, qual o ângulo, a gente tem que analisar. E você se baseando em uma fotografia, as vezes você chega em um ambiente que remeta aquela imagem, aí você procura não copiar, mas ter uma referência. Quando você ler um texto, você tem o conhecimento daquele texto, porque quando você quer fazer um bom texto, você começa a digitar, escrever, mas remete aquele texto como uma referência. Então eu também li alguns livros, e via muita revista. Fotografe melhor era uma revista muito boa, lhe dava muitas informações, trazia muito material bom, ainda hoje tem a revista. É muito boa para quem quer fotografar. Para quem quer fazer uma boa leitura da fotografia.

P: Na fotografia temos que encontrar o melhor momento?

R: Sim, temos que encontrar o melhor momento. Se não estiver preparado ela passa e tchau. Você não faz mais nunca. É naquele exato momento, se você teve a inspiração de fazer, que no caso da fotografia que eu ganhei o prêmio Herzog, claro que eu tive bastante tempo para fazer, mas a sensibilidade. De você perceber o ambiente, muitas das vezes você tem que chegar fotografando porque você não tem tempo, a polícia não deixa você entrar. Mas quando você relaxa, que foi no meu caso, naquele dia foi assim. Cheguei e estava um tumulto, aí comecei a fotografar, parei, olhei, comecei a analisar o ambiente. Eu já tinha garantido uma imagem. Não é? Então comecei a analisar o ambiente. Tinha um carrinho, um corpo em cima do carrinho, e atrás tinha algumas frases sobre Deus, que Jesus estava voltando, e eu vi ali “O amor é um dom maior. Ame”. Eu só fiz me abaixar e tinha um cinegrafista do lado, fiquei na altura do que eu queria mesmo. Enquadrei exatamente, e fiz a foto. É essa foto, a da capa. A que vai entrar. Então nem briguei mais por espaço. Só fiz olhar para Israel, que era o cinegrafista da época e disse “olha a imagem”, e ele não entendeu, dei a imagem, pedindo para ele dar zoom na frase e ele não fez. Então fiz sozinho a foto, e estava todo mundo lá, o Correio, a União, tava todo mundo. Mas ninguém teve a sacada do espaço da imagem, da frase e fazer a ligação entre a imagem da mulher morta e a frase. Que era exatamente o contrário do que estava ali. “O amor é o dom maior. Ame.”, tinha acontecido uma violência, os colegas ceifaram a vida de uma moradora de rua naquela época, e tinham jogado ali. Eles nem perceberam que tinha ali aquela frase, simplesmente abandonaram o corpo da mulher lá. E foi uma inspiração muito grande, quando vi percebi que a foto estava ali. Cheguei no jornal e falei para a editora da época, Angelica, que tinha a foto da capa. Ela gostava quando eu chegava animado. “França, eu sei que quando tu chega animado, eu já sei que tu tem”. Botei no banco, baixei a imagem, e mostrei para ela. Quando viu, disse que a foto iria entrar bem grande na capa. Eu gostava muito de fazer isso, pegar frase e relacionar ou pegar o reflexo do espelho. Então Angélica falava muito que os caras levavam muitas fotos para ela de homicídio chocante, do morto. E queria algo mais maquiado, que seja plasticamente bonito, poético. Um certo dia mataram um cara no bairro dos Bancários e comecei a analisar a cena. Fotografei tudo para não perder nada, vi um carro por trás e uma mulher sentada com a cabeça do homem no colo e no carro uma marca de bala. Então pensei em pegar a marca da bala, quando me abaixei vi a cena e juntei a marca da bala, fotografei aquilo e tinha a imagem refletida na porta do carro, e não botei nada que chocasse o leitor na hora de ver o jornal de manhã, aquele monte de sangue, não. Você

olhava, via logo a marca da bala e via o reflexo da imagem no carro que parecia estar desfocado, mas não estava desfocado. Então eu sempre gostei de fazer esse tipo de coisa.

P:O que você entende por fotojornalismo?

R:É você transmitir a mensagem, toda a mensagem em uma única imagem. Enquanto o cara escreve uma lauda e meia para contar a história, o cara vai parar na banca de jornal, olhar a foto e dizer “caramba, isso foi assim, assim e assim, porque a imagem tá dizendo tudo”, as vezes brinco com os cinegrafistas dizendo que gosto muito deles, mas que a fotografia dá de 10 a 0 neles. Enquanto tem que fazer uma matéria com várias imagens, a gente tem fazer em uma só. Agora tem muito cinegrafista bom, que conseguem fazer muita coisa. Então nessa época eu gostava muito, me sentia um pouco desmotivado as vezes por querer ter uma objetiva melhor prometerem comprar, enrolavam, mas depois me animava novamente, eu gostava.

P: Já aconteceu de você tirar uma foto e não poder publicar?

R: Já. Quantas vezes eu quase brigava com a editora, nós somos muito amigos, mas já fiquei com raiva. Fiz uma foto fantástica, e falei que a foto iria inclusive ganhar um prêmio no final do ano, mostrei para ela, disse que estava muito boa a imagem, mas que não poderia publicar. Dois anos depois publiquei em um portal e ganhei o prêmio Criança PB em 2015. Na minha casa tem alguns troféus. O prêmio AETC, que era um prêmio local, naquela época o jornal O Norte ganhou primeiro, segundo e terceiro lugar. Marcus Antonius em primeiro, Mônica em Segundo e eu em terceiro. No ano seguinte eu fiquei em segundo, Mônica em primeiro e Marcus em terceiro, a gente inverteu as posições. Em 2014 eu ganhei com uma foto momento, um instante, eu ia andando no carro, eu e o motorista, e vi uma caminhoneta com caçamba de madeira cheia de criança em cima saindo da escola, tenho uma sequencia de imagens. Quando eu vi o pirralho se pendurando pra descer do carro em movimento, não contei outra. Pedi para seguir o carro e me preparei com a máquina, botei do lado de fora do carro e cliquei. Foi aquele exato momento que ele caiu, bolou, e tenho a sequencia do movimento. Esse foi o instante, você tinha que tá ali pra fazer aquela foto, naquele momento. Senão você perdia. Foi uma foto instantânea.

P:Tem alguma foto que você julga ser a mais importante da sua carreira?

R: A que eu ganhei o prêmio Vladimir Herzog é muito importante, porque não é um prêmio qualquer. Tem outras que eu gosto muito, mas em termo de importância, ela é a que julgo mais importante. Nunca dá pra escolher aquela que você realmente gosta. É como filho, você pode ter dez filhos e gosta todos iguais. Há uma diferença de tratamento mas você ama da mesma forma. Você fez aquela foto, criou a imagem, esperou o momento certo, viu a luz, viu pela câmera, respirou e achou o momento certo. Deu a luz a um filho. Tem muitas imagens que eu gosto. Quando você chega em uma favela, você sabe que vai encontrar pobreza, menino com barrigão, nariz escorrendo, a pobreza em si. Mas você procura de certa forma fazer um negócio que mostre a pobreza mas que não choque tanto. Tem que mostrar o ambiente de forma que as pessoas possam ver. Hoje não tem repórter fotográfico. O jornalista é contratado para o portal, eles dão uma máquina fotográfica. Tá, pagou cadeira de fotografia no curso. Mas será que aprendeu? Hoje o jornalista tem que se virar, ou você presta atenção no que o entrevistado está falando ou você vai fazer a imagem. Se você for fazer as imagens, não vai pegar as informações. Pode acontecer de você ver algo fascinante de fazer uma imagem e passou, perdeu.

P:E a crise que se instalou no fotojornalismo paraibano?

R:No sentido de não ter novos repórteres fotográficos no fotojornalismo, eu acho que partiu muito pela questão do jornal impresso. Você não tem mais jornal impresso, você não tem fotojornalista. Os portais não contratam, acho que não tem nenhum que tenha repórter fotográfico. O cara quer fazer o certo, ver qual a melhor situação, o melhor momento para fotografar, pois muitas vezes o cara só chega e aperta o botão. Seleciona o que quer e vai embora, mas não parou para analisar o ambiente, a melhor luz, a contraluz para uma foto mais plasticamente bonita, se quer evidenciar alguma coisa em primeiro plano, e o fotojornalista sim. O repórter fotográfico estava olhando tudo, analisando tudo enquanto o repórter estava fazendo a entrevista. As vezes as pautas vinham de uma forma e quando chegávamos no ambiente eram de outra forma, então você tinha que derrubar pauta. E transformar em outra. A gente criou um banco de imagem no *O Norte*, quando o fotógrafo ia para as ruas com as pautas, tudo que ele visse de interessante e que o repórter não quisesse fazer, ele fotografava, trazia pra gente e ficava no banco de imagem. E jornal é assim, tem dia que tá muito bom e tem dia que não tem nada. Então tinha que tirar carta da manga, o editor perguntava se tinha alguma imagem boa e a gente mostrava. Então uma imagem feita na favela do S na semana

anterior, mesmo sem texto, era usada e levavam um repórter para entrevistar no dia e no local. A maioria das vezes era de favela, pois a pobreza chama a atenção de certa forma, a denúncia principalmente.

Lembro também de uma foto fantástica que eu fiz, chamada “sem saída”, fui para uma matéria na integração, e a pauta era sobre um protesto de mulheres, algo desse tipo, e já tinha fotografado, não estava rendendo muito. Então vi o nome saída da integração, baixei e tinha um “cheira-cola” dormindo embaixo, pensei logo que ali estava a minha foto. Fui lá, olhei, analisei e enquadrei do jeito que queria, já tinha a foto da capa, não satisfeito ainda tirei outras fotos dos meninos que estavam por lá na mesma situação. Cheguei na redação e mostrei a imagem, a editora vibrou com as imagens. E virou pauta especial, qual a saída para tirar aquele povo da rua se tornou o mote das fotos que ficaram para o final de semana. Então eu tenho essa foto que eu gosto, “sem saída”. Quando eu ficava sem fotografar no jornal *O Norte* eu ficava agoniado para ir a rua, querendo tirar fotos, mas tinha que ficar no jornal. Então eu me escalava no final de semana para fazer fotos de futebol no domingo porque queria fotografar alguma coisa. E quando a gente fotografa, a gente quer fotografar sempre.

Eu viajo as vezes de férias para o interior, Patos, com minha esposa e meus meninos e vou para o sítio, chegando lá eles ficam conversando e eu vou fotografar passarinho, mocó, os bichos que tem lá, as árvores floridas. E começam a me perguntar se fui para fotografar ou passear. Eu gosto de fotografar. Com uma máquina na mão eu só sei fotografar, é a única coisa que eu sei fazer. Não consigo ficar longe. Ficava agoniado quando chegavam as pautas e eu queria ir para a rua, até que inventei de trabalhar um expediente pela manhã, ir para a rua e a tarde e noite na editoria. Fazia uma ou duas pautas por dia e dava certo.

As vezes eu via muita coisa que o fotografo via e olhava assim e dizia a foto tá aqui e o cara não fez, vem cá, a foto tá aqui porque tu não fizesse? E ele respondia “ah mas eu não percebi”. Só era você ter dado três passos na frente e resolvia, ou mudava a objetiva e fechava o ângulo mais um pouco. Mas tudo bem, ai chamava Rizemberg, dizia para ele fazer um corte, ele ampliava e pronto. Chamava de novo para ver a foto que ele tinha feito e a foto “que eu fiz”, brincava dizendo “essa foto eu que fiz, vou botar meu nome lá, vou dar meu crédito”. A gente quando faz uma coisa que realmente gosta não consegue ficar longe.

P: Há um caso de um fotógrafo que deixou de fotografar um bombardeio para salvar uma criança, já aconteceu algo parecido?

R: Já aconteceu de ver um animal na linha do trem, um jumento, e me questionaram porque eu não fui ajudar. Só que eu não podia interferir na imagem, e mesmo que eu tentasse não ia conseguir. Isso foi lá em Cabedelo, o jumento estava em cima da linha, se eu corresse para ajudar o jumento eu morria junto com ele, então minha intuição foi de fazer a imagem. E fiz a imagem. Eu não ia correr para frente do trem, como aconteceu com um colega há muitos anos atrás, quando ele foi fotografar um trem, foi para a linha do trem, aí ele colocou uma grande angular achando que o trem estava longe, o trem estava em cima dele e morreu. E aí? Você tem que ver a hora que pode.

Outro caso, foi um cara que fotografou e depois se suicidou, o que ganhou o prêmio Pulitzer, tem até um filme fotógrafo de guerra, fez a imagem de uma criança na África, e na época eu vi essa imagem na agencia, que era uma criança deitada e um urubu esperando a hora dela morrer de vez para ir lá. O cara foi lá e fez a foto, ganhou o prêmio e todos questionaram porque ele não ajudou a criança, ele não podia fazer isso. Não ia resolver o problema da África todinha, mas a imagem dele denunciou o que acontecia lá. A fome, a sede, a miséria, os governantes certamente estão muito bem, mas a população em si, não. As vezes você não pode interferir.

Antigamente eu era mais afoito, as vezes me pegava pensando no que poderia ter acontecido comigo, pois tinha rebelião e eu ficava em cima fotografando, na hora só pensava em fazer a imagem. Uma vez teve um homicídio no bairro do Geisel, entrando nas ruas de carro ele só conseguiu ir até certo ponto, eu andei cerca de 500 metros sozinho pois o motorista e a repórter com medo se recusaram a ir. Comecei a andar, andar, vi uma mulher com uma criança e perguntei onde tinha um homem que tava morto e ela mandou eu seguir em frente, andei mais um pouco e fui me informando, já estava ficando com medo. Quando cheguei mais perto tinha três caras, só em você olhar já via que era barra pesada. Ai perguntaram o que eu tava fazendo ali, respondi que trabalhava em um jornal e que tinha ido fazer uma foto de um cara que mataram e queria saber onde era a casa. Então eles me mostraram onde era a casa, o sangue no chão, como tinham matado o cara com uma pedrada na cabeça e jorrou muito sangue. Ainda perguntei se sabiam quem tinha sido, mas eles disseram que não. Eles permitiram que eu fizesse a foto da casa, e me chamaram para entrar na casa, eles me mostrando tudo e eu fotografando, pensei que podia acontecer algo comigo ali, mas mesmo assim

entrei. Se recusasse era pior. Fotografei tudo e me despedi, e eles ainda se ofereceram a me deixar na entrada onde estava o carro para ninguém mexer comigo. Quando entrei no carro o motorista falou “rapaz, quando vi tu entrando naquela casa com aqueles três sujeitos não volta mais vivo”. Mas na ânsia de fazer a foto a gente não tá nem aí, enfrenta tudo. Mas depois começa a pensar no perigo.

Já aconteceu também de estar na favela com a repórter e começar um tiroteio, ela correr para uma casa e se esconder embaixo da cama, e eu como tava mais distante corri e fui chamado por uma mulher pra entrar na casa dela. Passados uns 20 minutos ela disse que podia sair que “foi só uns tirinhos”. Fui na casa onde a repórter tava e chamei para ir embora, pra sair dali logo. Já enfrentei muita coisa. Na hora a adrenalina é alta, mas você segue e faz.

APÊNDICE 3**Mônica Câmara**

Entrevista realizada na Universidade Federal da Paraíba no dia 06 de agosto de 2018

Pergunta: Entrevistei Francisco França e Rizemberg Felipe, agora estou tendo a oportunidade de conversar com você. Como se deu a sua trajetória com o fotojornalismo?

Resposta: Cheguei no jornal *O Norte* em 2001 e eu já estava lá. Fui chamada por Marcus Antonius, que já fazia parte, depois que ele foi a uma exposição minha. Falou que eu tinha uma pegada fotojornalística, não sabia que gostava tanto de fotografia, mas ela chegou em um momento muito especial. A fotografia para quem é muito verborrágico, chega um tempo em que a gente começa a fazer uma análise, o que a gente está fazendo diante do que a gente quer da vida. Eu escolhi o jornalismo por poder observar as coisas como elas eram, mas na verdade elas eram ao meu olhar. Queria ser uma correspondente da área de cultura, e não fotojornalista. A questão do fotojornalismo entrou na minha vida de maneira especial, e envolve uma série de fatores, inclusive, de ordem emocional. E calha que chego ao jornal no melhor momento do *O Norte*. Imagina que do tempo que eu entrei e saí, o único jornal que conheci aqui da Paraíba que tinha editoria, era o nosso. Então você trabalhar com um profissional como Francisco França, que embora fotografasse, era preocupado com a oxigenação daquele espaço, ele quem dava os encaminhamentos. Então eramos, eu, ele, Ovídio,

Marcus Antonios, e Hélder Pinto. Desde as pautas do dia a dia as especiais, a gente sempre estava em busca de material que poderia de alguma forma enriquecer o jornal, algumas a gente que colocava para avaliação, mas isso era antes de chegar para a direção, para a editoria geral, era discutido com França (“chefinho”), e ele comprava muita briga para defender a gente. Quando a gente faz o que gosta, e bem feiro, parece que vai confluindo. Não sei se eu teria rendido tanto se eu tivesse trabalhado em outro espaço.

P: Então você começou no *O Norte*?

R: Terminei o curso e fui trabalhar de freelancer na área de designer gráfico, então nessa brincadeira entre aspas nessas gráficas que chamamos de fundo de quintal, mas que na verdade, se a gente levar em conta que na época eles não investiam em comprar as imagens, em ter banco de imagens. Então pensei, isso tá tudo errado. Porque quem vem de uma escola idealista isso conta. Então fui fazer fotografia para ajudar nessas composições, então pensei que minha veia ia ser pela publicidade, porque poder recriar a realidade já levando em conta que ela não existe, mas criar em cima disso pra mim era tudo no mundo. E a gente nova, com 21 anos, pensamos que vamos mudar o mundo, tem essa sensação. E de uma certa forma, dentro de um contexto, em menor proporção a gente faz isso. Então, nessa brincadeira uns amigos começaram a me provocar em relação a uma exposição. Calha que Chico Noronha estava diretor do SESC, e Paulão era o diretor artístico e as coisas foram tomando forma. Acabei fazendo minha primeira exposição lá, nessa primeira Marcus Antonius foi e disse que minha pegada era de fotojornalismo.

É impressionante como as coisas adquirem uma força quando elas tem que acontecer. Fui para o jornal, mas não na parte escrita, fui para a fotografia como um teste. Acompanhava os meninos e alí eu ia me esmirilhando, e eu sofri um pouco porque, realmente o cavalo selvagem do fotógrafo é o flash, então era o meu grande embate. Dominar o flash naquele espaço em que os outros já tinham certo controle, já atuavam, e tudo mais. Então, eu tinha que estudar mais que ele. E na verdade eu estudava o material deles, eu era a primeira a chegar, a última a sair, tava sempre pegando os arquivos e nesse passo a passo acabei adquirindo o fazer fotojornalístico desde revelar o filme no laboratório, pegar, escanear, editar, discutir. O bom é que ficávamos ao lado do diagramador, então quando abria uma imagem lá, Wolgrang (finado, morreu escalando uma pedra), ele entrava e dizia que a foto daria 6 colunas,

então a gente sabia que aquela foto seria valorizada. Tinha essa parceria, e isso foi muito mágico, pois eu vejo que isso se perdeu um pouco.

Isso naquela época deu um levante em relação a qualidade imagética, quanto os outros jornais também. Pois sadiamente começou uma competição entre os jornais. Em cidade pequena os eventos são praticamente os mesmos, então como todos iriam enxergar aquilo ali, então era um exercício de linguagem fotográfica e cada um ia, e nessa brincadeira todos nós do O Norte levamos praticamente todos os prêmios. Isso levou os outros jornais a se interessarem por editores de fotografia, ir primando essa qualidade. E veio a reviravolta, que *O Norte* faliu, e com isso veio levando a uma perda significativa. Quando França sai, eu assumo. Mas assumo quebrada, porque ele era o sentido de tudo. Era como uma família.

P: Quais foram as inspirações de fotógrafos que você teve para o seu trabalho?

R: Eu tive um diálogo muito umbilical com Bresson, sempre gostei da maneira como ele olhava para as coisas mais duras, porque cobrir uma guerra não é uma coisa fácil. E como ele olhava com humanidade para aquilo. Porque você vai ver nas fotos do Bresson, por mais que ele registre desastres sociais, você vai encontrar uma sutileza pouco vista em outros fotógrafos, mas falo particularmente nele, pois vai inaugurar essa cadeia do fotojornalismo com essa ênfase, porque era um repórter fotográfico que puxa com uma arte fotojornalista. Ele sempre vai evocar essa imagem, em um momento de eboição da França, tava chegando no momento da Laica. Peguei na Laica e fiquei impressionada, pois você faz o registro e as pessoas não percebem porque não faz barulho. Um amigo trouxe uma, e perguntei se era realmente verdade, só tinha tido contato vendo como se aquilo fosse um santuário, e você pegar em uma, realmente dá um outro nível para o trabalho. A elegância, quando você tá no trabalho com aquele “tchá, tchá, tchá” do flash, todos olham para você, e ela não. Além dela se aproximar muito da luminosidade do olho, e da sutileza de registrar sem perceber, infelizmente dá esse olhar “paparazziano” que não gosto, mas tem a sutileza. Existe uma gama de pessoas que se dão, que gostam de serem fotografados.

Nós do nordeste não temos nenhum pouco de pudor em se mostrar, e é até tocante quando alguém fala “oh, moça, não tira foto da gente não” porque eles acham que vão ter que pagar. E é doido você pensar nessa ingenuidade, e o quanto isso é bonito. E eu me recordo de Bresson ao pensar em como ele se comportaria ao encontro

com essas pessoas, é muito material humano. Pedro Martineli, Claudia abujanrra foram para o norte, que é uma coisa que Eliane Brum fala “antes de conhecer a Europa, vá para a Amazônia”, e eles foram, passaram muitos anos e não voltaram. Se engajaram com as causas daquela região. A Claudia foi fazer uma matéria sobre o mercúrio dos rios, e rodou o mundo. Então você vê os fatores sociais, a gente como agente social, e isso é importante. Sempre me interessei por gente, bicho e gente. Então o Bresson sempre me atraiu muito por esse fator. Valter filho, sempre contando como ele conseguia determinado registros por ambientação, chegar em determinado ambiente, respirar e você se colocar. Porque dependendo de determinada cobertura você corre perigo de vida. Participava de alguns workshops promovidas pela Ensaio para aproximar a gente desse universo. Sempre ia para ficar por dentro do que acontecia nos trabalhos dos fotógrafos brasileiros, que eu acho isso uma falha, a gente conhece o trabalho do mundo inteiro e não conhece o trabalho do vizinho.

Mais adiante me deparo com o trabalho de Annie Leibovitz, o que a gente sabe da história do rock passa por ela, e depois veio o cinema e abraçou com força pois ela já vinha com uma grande bagagem. A revista Rolling Stones foi criada e ela era a fotógrafa oficial, então ela chegou para mexer com tudo isso, e até guerra cobriu, deu um show. Chegar e ver a maturidade de uma profissional, e isso também admiro o trabalho de Eliane Brum, enquanto jornalista.

Não lembro de nenhum desalinho com meus colegas de profissão, e isso que era legal. Chegou um momento que a gente não tinha mais filme, e nem pilha para usar no flash, e aí eu chegava e dizia “fulano, tu pode fazer uma foto a mais, ou duas e me passar mais tarde antes de fechar o jornal para a gente não ficar desamparada”, e respondia que faria sem problemas, e a recíproca era verdadeira. Então a gente ainda ter que chegar no jornal e escanear, editar e passar isso, lembrando que a gente ainda tinha internet discada. Era uma época tão boa, é estranho não existir mais O Norte. Tanto é que não consegui me adaptar mais em canto nenhum, aquele ritmo, a maneira como todos funcionavam era uma grande engrenagem. Podia ser a desgraceira que fosse, a gente trabalhava em horário de almoço, em horário de expediente, e não via ninguém puxar o tapete de ninguém, e a gente mantinha isso, uma relação sem grandes desavenças. Claro, a gente arengava, mas era sadio. A gente queria fazer o melhor.

P: Então vocês saiam com pautas definidas, e caso acontecesse algo a mais fotografavam?

R: A equipe era muito afinada, quando a gente chegava muitas coisas aconteciam no andar da carruagem, mas normalmente a gente chegava e tinha aquelas pautas de molho, prontinhas e tal. Era muito comum quem chegava primeiro pegava a pauta da central de polícia, chegava e via como era a demanda do dia anterior e do decorrer do dia, só que muitas vezes nesse caminho, estorou tal assunto, então a gente tinha que sair correndo. Isso temos que dar o mérito, com todos os louvores a um motorista chamado Anselmo, foi o melhor motorista de todos os tempos, ele fazia com que a gente não levasse furo. E na maioria das vezes a gente é que dava o furo porque ele conseguia fazer os atalhos. Isso também tinha a ver com uma equipe sincronizada, e a gente tinha muita intimidade. Andar com Anselmo era uma história, ele ficava alí do lado “Mônica, o cara se deslocou para tal canto”, já passava um “bizu”, ele ficava como um assessor da gente, porque muitas vezes você tá fotografando aqui, e outra coisa tá acontecendo alí. Eu ficava tentando ter mil olhos, e ter Anselmo era garantia da gente não ter furo. Muitas vezes as coisas tavam acontecendo, como por exemplo, uma ocupação de sem terras, aí do lado vai fugindo o ex diretor do INCRA, que estava invadindo terras, que era o ex diretor. E aí Anselmo tempos atrás tinha cobrido uma pauta com outro repórter e sabia que aquele cara já tinha sido diretor do INCRA, então aquilo já dava uma outra cara para a matéria, porque quem na verdade estava invadindo terras ilegalmente era alguém que deveria estar alí para defender, então é muito louco. Muitas vezes pegávamos muitas pautas por causa dele. Essa coisa toda da gente ser idealista, é pesado isso, mas a gente tinha muita coisa disso de idealista que se mantém. Então os outros meninos que saíram de lá não se acostumaram com outros lugares porque a gente tinha o nosso ritmo também, a cadencia da gente combinava muito bem lá. França chegou a trabalhar no jornal da Paraíba, mas também não vingou, e ele chegou muito perto de formar uma editoria de fotojornalismo, que era o nosso desejo, porque era muito mais refinado você ter alguém que tá alí, passando por um teste de qualidade. Você ter alguém que dissesse que aquilo iria entrar, mesmo que contrariasse A ou B. Isso era uma coisa que eu achava mais decente, de ter uma editoria. Isso ter tomado forma de fumaça é estranho, é lamentável. Imaginar que a gente carregou tantos títulos, nacionais, internacionais, e o que você puder imaginar, e acabou.

P: Tem alguma imagem que você considere o “boom” da sua carreira?

R: Eu posso destacar algumas imagens, tenho afeto por meu material fotográfico. Uma coisa que é importante destacar, é que embora fosse uma equipe maravilhosa, mas só

vim entender a questão de gênero durante um tempo, porque não percebia que estava sendo testada. A gente, enquanto mulher, somos mais testadas. Conversas de amenidades, a gente falando, e algumas coisas foram reveladas no sentido de quando entrei no jornal não era bem visto com bons olhos ter uma menina dentro do jornal não, porque aí vem todos os adendos de possibilidades de que a gente vá ter medo disso ou daquilo, então não bastasse isso tem as pautas tranqueiras, e exige de você um autocontrole, quando falava de pautas que tivesse que cobrir corpo por exemplo, lembro que fui testada várias vezes com relação aos meus nervos.

Dia dos pais, teve atropelamento de pai e filha, então imagina pra mim ter que ir a um local que eles foram atropelados em que meu pai sempre atravessava quando a gente morava no Cristo, que ele sempre ia visitar os amigos. Fui fazer a pauta imaginando que era o meu pai, te juro, fiz as fotos passando mal. Aí comecei a perceber essa coisas de se colocar no lugar do outro, só em ter visto aquilo, ir com aquele sentimento de achar que era meu pai. O jovem senhor tinha ido recolher, junto com a menina no dia dos pais, resto de alimento no CEASA, então fiquei imaginando a família recebendo a notícia. Foi a primeira vez que chego com o material com aquilo, tinha aquela vibe de torcer o jornal e sair sangue. Então eu discutia muito isso com meu chefe, e ele me ensinou muito a dominar minhas emoções, de respirar, fazer o que tinha na pauta mesmo que de grosso modo e depois um outro olhar. Fui me afastando daquela cena e me deparei com um brinquedo da menina com o resto do que eles tinham recolhido, e ao longe o corpo do senhor coberto, e tentei por na imagem algo que inicialmente me feriu. Lembro que na época a editora era Gilsa Veiga disse “tão bonito a maneira que você compôs a cena, mas não vá se acostumando não”, porque parecia que a coisa do elogio fosse deixar a gente confortável. Mas não sabia o quanto aquilo me deixava em paz pois eu tava o tempo todo trabalhando para pedir demissão, eu sempre achava que não tava fazendo um trabalho decente, por mais que tivesse. E recebi muito apoio do França no sentido de dizer que eu iria melhorar com o tempo. Você vai percebendo com o tempo que vai mergulhando naquilo, e quando vi tava difícil de sair. Tomando tudo como exemplo, e nesse meio tempo muito material foi produzido e premiado.

A do lixão foi nesse período, fui fazer uma pauta na Ilha do Bispo com Dom Aldo Pagotto, e ele tava falando sobre coisas da igreja e algo a ver com eleições e daí teve essa pauta do lixão e a gente ia pro Palácio do Governo, porque o governador ia falar

sobre algo que ele ia fazer no período de eleição. Então eu tava entre dois mundos, eu cheguei no lixão, como falei eu era a primeira a chegar e a última a sair, já tinha estudado o material dos meus companheiros e visto quilos de fotos de lixão, e fotos maravilhosas, no contexto que eles expunham a situação. E claro, na maneira que o repórter tinha explorado aquele tema, a questão era trabalhar no intuito de fechar aquele lixão. E olhe, que na época eu entre naquele jornal com o intuito dessa missão, porque quando cheguei já existia essa missão. Como falar disso, já que tantas vezes já havia sido falado sobre isso de uma maneira diferente. Porque é isso, você como leitor, vendo todo dia foto de lixão, sim e daí, temos um lixão. E como colocar aquilo para fazer: “nossa, como fazer para mudar isso?” Volto mais uma vez a questão do idealismo, acredito muito quando a gente vibra numa sintonia, ela vibra na direção também. Porque muita gente diz que é um defeito, mas eu sou flamenguista e amo o Flamengo, então o símbolo maior do Flamengo é o Urubu, então eu tava em casa. Ele foi se aproximando, e aí entra a coisa toda da técnica, porque fazia quatro meses que eu tava no jornal não queria decepcionar, e aqueles urubus se aproximando, no primeiro plano tinha um lixo como se fosse mais “sofisticado”, lá atrás humanos pouco se importando com minha presença, e um urubu chegando imponente. E quando você fala em influências chega em um ponto de referências, quando vejo meu material percebo muita influência literária. O do urubu, pois tive muita influência da Bíblia.

Tenho um livro de cabeceira chamado “os miseráveis” e quando olho para aquelas pessoas do lixão, quem são realmente os miseráveis? A gente olha, olha para aquilo e não faz nada. Tem outra influência que é Manoel Bandeira, não tanto por “O bicho”, mas por “libertinagem”, então gostava muito dessa obra prima. Então vem todas essas influências, que vai e vem nesse fluxo, vou vendo, tem um menino com um peão que o título dessa fotografia é “recreio”. Fui fazer uma pauta para o Correio Brasiliense com Marina, que era uma repórter que veio de lá, então França não podia cobrir e me passou valorizando o meu trabalho. Era um dia de chuva, com muita lama, e a pauta de Marina era cobrir em Caaporã, mesmo a gente tendo um dos menores índices de IDH, não se tinha nenhuma criança fora da sala de aula, até para mim, paraibana, isso era incrível. Era governo de Fernando Henrique e era atrelado a esses projetos sociais, que depois pensando bem acho que era período de campanha e o Correio queria dar visibilidade aquilo. A gente cobriu o que tinha, fui para janela aguardar ela terminar a matéria e fiquei observando meninos brincando na rua, bateu uma saudade do tempo

que brincava na rua. Pensei que queria muito estar ali, mas que podia levar aquela imagem junto comigo, que é o bom do fotojornalismo é isso. Isso me remeteu a Robert Capa que dizia que o fotojornalista tem que estar dentro da notícia e a melhor lente para isso é a lente 24 mm, a do Urubu foi também com essa lente. Eu tava na do urubu com um polarizador porque eu tinha que saturar o céu, a grande angular faz a composição. Tava tão perto que não sei como ele não pousou em mim. Então a do peão peguei uma carona no guarda chuva de uma senhorinha, fui até um menino e perguntei se ele podia me dar o peão, ele levantou o braço e eu pensei “uau”, ele levantou o braço e colocou um sorriso que foi o mais lindo que já vi na minha vida, é uma cena onírica, tudo isso passa por aquilo que vivenciei, pelas coisas todas, e você vai vendo que é uma costura. E eu só vejo essa imagem tempos depois quando eu tava com uma crise de hernia, e David Fernandes me mandou um folder de um concurso fotográfico. Separei a foto e um amigo levou nos correios. O tema era uma campanha nacional anti drogas e eu pensava que na época que eu quebrei os dentes fiquei um tempo sem sorrir, e é uma sensação muito ruim. Aquilo parece não ter nenhum tipo, como se a gente não tem a questão da saúde é muito renegada. Enquanto não consigo encontrar um elo de ligação com algo que não li, não fico bem, então lembrei do livro “a rua dos cataventos” de Mário Quintana, quando ele diz “na primeira vez que me assassinaram, levaram o jeito de sorrir que eu tinha, da segunda vez em diante foi levando qualquer coisa minha”. Engraçado que ele podia passar por várias outras privações, mas não tinha passado por essa. E era muito bonito ele não ter passado por essa privação. Agora imagina uma mãe perder um filho para as drogas, nunca mais ela poderia recuperar isso, esse sorriso. Isso vem se formando em você, e isso é tão tenue. Fico me envolvendo nesses projetos. Fiquei fascinada com um projeto de dentistas que recuperavam sorrisos de mulheres que sofreram com agressões domésticas. Esse processo todo que tá dentro da gente, regugita, e a gente tem que transformar isso em alguma coisa boa, pelo menos. Talvez é a foto que eu tenha mais carinho, essa. Pra onde a gente é levado quando estamos compondo, a noção do espaço, das conversas que tiveram ali. Fui muito grata a fotografia, ela me salvou. Não sei se sem a fotografia eu teria “dado pra gente”. A fotografia se tornou a minha religião, a minha yoga, porque eu não consigo não pensar em nada. E consigo me controlar com a fotografia, sou muito agitada, então preciso porque ali tem a respiração, se não colocar a respiração no lugar eu vou tremer, então por respeito.

P: Você acredita em sorte na fotografia?

R: As vezes me pego pensando, se de fato é sorte ou aquilo que te falei. Porque a gente é energia, então quando você vibra, ou quando você tem medo, ou não gosta daquilo eu acho que você tende a se bloquear. E se você se bloqueia, muita coisa de ruim pode acontecer, porque de qualquer forma você está atraindo isso. Então nada mais é do que a resposta do universo do que você está mandando pra ele. Se voce diz que tem medo disso entao algo amedrontador vai acontecer, e é como te falei, eu descobri que a fotografia me faz bem, a leitura de determinados autores e encontro de material fotográfico me faz bem, mas também não são todos, já encontrei um bocado de autor que nem cito porque não me sinto a vontade pra isso. Pois aquilo não me alimenta em nada, aí coloco de lado. Mas aquilo que me alimenta, pego, e já dizia Dias Gomes ele fala que o melhor livro é aquele que a gente le e rele, ele fazia isso muitas vezes e eu passei a fazer muito isso. Por exemplo, o de Bresson eu revisito várias vezes. Fico impressionada com o olhar em um período tão difícil, e ele consegue uma tradução daquilo, e não é porque é difícil que não pode ter poesia. Eu quero compactuar com isso, aqui no Brasil desgraça é só o que há. E o fotojornalismo é pautado nisso, se a gente não denuncia, então não existe o sentido. Agora percebo no trabalho fotojornalístico um trabalho meio messiânico, dessa coisa de você tá ali cumprindo uma missão e tentando de alguma forma melhorar. Se não melhora o mundo, a si mesmo. Sempre nesse caminho.